

A morte que eu vivi

BENEDITO CELSO



EDITORA
pontocom

Benedito Celso

A MORTE
QUE EU VIVI

EDITORA
pontocom

SÃO PAULO • 2020

Copyright © 2020 Benedito Celso

Preparação: Sérgio Holanda
Revisão: Dalka Castanheira e André Gattaz
Diagramação: André Gattaz
Capa: Helena Phillip

EDITORA PONTOCOM

CONSELHO EDITORIAL

José Carlos Sebe Bom Meihy

Muniz Ferreira

Pablo Iglesias Magalhães

Zeila de Brito Fabri Demartini

Zilda Márcia Grícoli Iokoi

COORDENAÇÃO EDITORIAL

André Gattaz

Livro disponível para download legal e gratuito em

WWW.EDITORAPONTOCOM.COM.BR

CATALOGAÇÃO NA FONTE (CIP)

C394

Celso, Benedito

A morte que eu vivi / Benedito Celso. – São Paulo : Editora Pontocom, 2020.

148 p. ; 21 cm

ISBN: 978-65-5049-002-7

1. Romance brasileiro I. Título.

CDD B869.3

CDU 821.134.3(81)

SUMÁRIO

PRIMEIRO CAPÍTULO • 9

SEGUNDO CAPÍTULO • 49

TERCEIRO CAPÍTULO • 85

QUARTO CAPÍTULO • 121

LIVROS DO AUTOR:

A Polícia Militar na Constituição (Jurídico)
Editora Universitária de Direito, 1986

Inbaúma (Romance)
Editora Pontocom, 2015

Tuta (Romance)
Editora Pontocom, 2017

Adamastor (Romance)
Editora Pontocom, 2019

*À minha doce esposa Emery,
inspiradora maior que torna meus dias felizes.*

*“Os covardes morrem várias vezes antes de sua morte,
mas o homem corajoso experimenta a morte apenas uma vez.”*

William Shakespeare

A morte que eu vivi

PRIMEIRO CAPÍTULO

I

Não pretendo dizer quem fui nem que nome eu tive. De nada adiantará qualquer tentativa de apresentação, já que sou imaterial, não tenho mais o fôlego da vida, não existo mais. Morri há um mês, três dias e seis horas e desde então venho inexistindo, no vácuo que há entre aqueles com quem convivi de perto por pouco mais de 45 anos. Para ser bem exato, foram dezesseis mil quatrocentos e setenta dias e dezoito horas, em um corpo com vida e numa coexistência terrena em que, na primeira e maior parte, os dias mostravam-se pacíficos e depois foram se complicando por um longo período para, no final, verem-se transformados em dias turbulentos, raivosos e fatais.

Contudo, para mim o tempo não mais se conta, porque não sou um ser vivo, sou apenas um sopro energizado e ninguém é capaz de me ver ou de me sentir, embora eu consiga ver a todos com quem convivi quando eu era matéria e tinha um corpo. Posso assistir à continuidade da existência de cada um como se eu ainda estivesse entre eles e, na verdade, pelo menos para mim, eu continuo a estar no meio deles, apesar de não coexistir e eles não serem capazes de me ver ou de perceber minha presença.

Confesso que, ao longo da vida que vivi, eu cheguei a ter vontade de ser invisível pelo menos por um dia, para estar entre as pessoas sem que elas se apercebessem. Eu teria podido descobrir segredos inconfessáveis, invadir intimidades segredadas, e até abusar de um ou outro conhecimento

que teria sido sorrateiramente obtido. Mas isso foi apenas um desejo assanhado, produto da imaginação de um menino. Coisa irrealizável enquanto eu era vivo. Agora sim; eu posso fazer isso dentro da liberdade que tenho em relação à matéria porque ninguém me vê, embora essa capacidade atual não tenha nenhuma utilidade, pois dela eu não posso tirar nenhum proveito, e de nada me servirá o conhecimento que através dela eu possa obter.

Não tenho sentimentos, mas, bem ao contrário do que muitos em vida pensam, algumas lembranças permanecem intactas e me são claras, continuando a existir em torno de mim como nuvens iguais ao que sou. Permanecem comigo principalmente aquelas do exato momento em que foi cortada a corda de minha vida. Rostos estranhos estavam à minha volta, fitando meu corpo estirado numa cama que não era a minha, com aparente cansaço, como se tão só aguardassem minha passagem e ansiassem que isso se desse o mais breve possível, para aliviá-los de uma incômoda vigília. Estranhos, porque a caminho da morte eu não mais podia identificá-los com a nitidez necessária por estar com a vista embaçada. Mas eu pude ouvir vozes e lamentos de alguns dos que se acercavam de mim, e sabia que nem todos os lamentos eram sinceros ou verdadeiros. Eu podia classificá-los a partir de quem provinham, reconhecendo-os pela voz. Alguns vestiam-se de falsa tristeza e ensaiavam um choro seco que não convencia nem a eles próprios. A mim, nenhum deles conseguiu enganar.

Agora que estou morto, reafirmo que não sinto, mas vejo e ouço. Sou capaz de ver tudo o que se passa pelos lugares e com as pessoas com as quais convivi. Flutuo entre eles como uma nuvenzinha invisível e noto que alguma coisa por vezes me conduz e me leva a estar perto daqueles que em vida

constituíram meu núcleo familiar. É uma atração que não se explica, nem vou tentar entender. Minha esposa ranzinza, meus dois filhos e uma bondosa velhinha que é minha mãe. Minhas duas irmãs não me atraem tanto porque, como sempre, importam-se em viver suas próprias vidas independentes. Meus amigos que se diziam mais próximos logo esqueceram a minha morte e o que para eles eu possa ter significado quando em vida. Depois de velarem meu corpo por algumas horas, retornaram às suas vidas como se nada houvesse acontecido.

Eu pergunto a mim mesmo: teria que ser diferente? Supõem que disso eu não perceba, mas eu me apercebo de tudo. Hoje sou capaz de saber que vários desses eram amigos por conveniência, não verdadeiros amigos. Agora eu sei que os verdadeiros amigos eram poucos, e que em vida nem sempre a gente consegue diferenciá-los dos falsos amigos. Se, para muitos dos que se diziam meus amigos quando em vida, pouco eu signifiquei, também minha morte não deve ter significado nada. Não lhes afetou a ponto de mudarem sua rotina, e nem a fala de que sentirão saudades de mim soa como verdadeira. É uma falsidade quase que inconsciente, mas é natural, típica e conveniente no mundo dos vivos.

Entre os muitos clientes do escritório imobiliário que eu mantive por mais de dez anos, poucos foram os que apresentaram sinceras condolências à minha família. Mandaram coroas de flores. Alguns desses irão sofrer drásticas consequências que serão decorrentes de minha morte, seja pela interrupção de negócios que já estavam entabulados, seja pela suspensão de operações comerciais antes iniciadas, seja, ainda, pelo arquivamento de várias ações judiciais que estavam em trâmite.

Vi que, ao lado de meu caixão, só meu cachorro é que ficou deitado durante todo o velório de meu corpo. Ele

sempre contou com minha estima e agrada-me vê-lo reagir a toda vez que retorno à minha antiga casa e me aproximo dele. Olha, late e abana o rabo como se notasse que estou por perto e estivesse me vendo. Não mais posso acarinhá-lo. Em vida sempre me disseram que os cães sentem a presença de um espírito e que gatos são até capazes de vê-lo. Mas eu nunca tive gatos. Só o Poti, meu pequenino cachorro de raça impura, mas de uma inteligência notável, rebelde e amante de folias dentro de casa. Quando eu o reencontro, ele para à minha frente, volta-se para a minha direção e apronta-se para correr como se estivesse me convidando para uma nova brincadeira. Aquela que foi minha esposa ralha com ele e o espanta com o tom severo de sua voz. Com certeza ele sente que não há amor por parte dela. Sempre foi assim; Rute – esse é o nome dela – nunca foi de adúl-lo nem de lhe dar carinho, por considerá-lo mais como um estorvo dentro da casa. Ele sentava-se no sofá da sala, roía os pés de mesas e mastigava roupas deixadas a seu alcance. As dela, não as minhas, porque os cães retribuem a seus donos o que recebem.

Nesse momento estou fazendo minha terceira visita à casa onde em vida morei ao longo dos últimos sete anos. A primeira visita que eu fiz aqui foi logo no segundo dia após minha morte. Um dia depois de eu ter assistido ao enterro de meu corpo e de ter acompanhado minha mãe e minha irmã Lúcia até a casa que sempre foi a dos meus pais.

Naquela primeira visita eu supus que fosse encontrar pessoas ainda condoídas e chorosas. Mas não. Não havia nenhum sinal de que alguém houvesse chorado minha partida, ou que estivesse sentindo a falta de alguém que se foi para sempre dessa casa. Encontrei Rute e uma de minhas irmãs acoradas no chão daquele que foi meu quarto, fazendo uma preguiçosa arrumação das coisas que

eram minhas, separando isso e aquilo, sem nenhuma consternação, enquanto conversavam descontraídas sobre o que seria aproveitável e o que deveria ser doado. Era mais uma desocupação de espaço do que uma ordenação do que ali existia. Um desfazer-se de lembranças minhas. Certamente, todo o espaço que tanto meu corpo quanto minhas coisas ocuparam nesse quarto, vai ser reutilizado e até os lugares que eram meus deixarão de existir.

Meus bons sapatos com pouco tempo de uso estavam sendo apartados para doação a um de meus cunhados, o único a quem poderiam servir. Nem meus filhos poderão aproveitar-se deles. Minhas roupas estavam sendo amontoadas em desalinho num canto do quarto para futuramente serem dadas a quem delas possa usufruir. Nenhum de meus cunhados poderá herdá-las porque não lhes servirão. Meu corpo sempre foi maior que os deles, mais alto e bem mais pesado, e eles são baixos e franzinos, o que, inclusive, gerava neles um certo desconforto a meu lado, quando não um pouco disfarçado sentimento de inferioridade, um desprezível sentimento no mundo material dos viventes.

Meu cachorrinho passou por mim e antes de seguir em frente voltou a cabeça e fitou o espaço onde eu estava como se me convidasse a seguir com ele, indo se deitar sobre o amontoado de minhas roupas, quem sabe atraído pelo cheiro que eu devo ter deixado nelas. Ficou apaziguado ali, até ser escorraçado do quarto por aquela que foi minha esposa. Só o olhar severo e sem amor de Rute já era o bastante para afugentá-lo.

Junto à porta de meu antigo quarto eu me punha quieto (de que outra forma poderia ser?) enquanto observava as duas mulheres cujas faces não demonstravam nenhum sentimento de perda. Pude ouvir claramente o que falavam.

– Ele tinha a mania de acumular coisas como se precisasse disso tudo. Olha só quanta roupa que ele comprou e nem bem usou! Tá vendo? Para que tudo isso, Helena? Ele gastava todo o dinheiro que ganhava como se fosse só dele. Quando eu falava, ele resmungava que o dinheiro era dele e que ele podia fazer o que bem entendesse. Um perdulário! Agora táí, isso tudo não serve mais para nada.

Helena, minha irmã mais velha, olhou para a cunhada meio que concordante, meio que incomodada e aduziu.

– Eu sei que ele sempre quis viver bem, mas você está certa quando fala que ele vivia como se só ele existisse. Para ele os outros eram os outros, não tinham a menor importância. Mas agora também não adianta nem comentar isso, né Rute? O que foi feito está feito, fazer o quê? Ele está morto e enterrado. Acabou!

– Mas você sabia que nem mesmo quando ele estava morrendo ele admitiu ter feito alguma coisa errada? Sempre foi um turrão. Não dava o braço a torcer de jeito nenhum. Olha aqui quantos ternos ele tinha! Para que tantos assim? Comprava camisas e gravatas adoidado e muitas da mesma cor. Uma bobeira! Agora perdeu tudo, e você pode imaginar o quanto custou tudo isso?

Essa minha irmã sempre foi quem melhor se deu com Rute. Há muita afinidade entre elas. Ela baixou a cabeça e não respondeu, prosseguindo com mãos espertas a retirar das gavetas do armário as muitas pequenas peças de roupas que ali estavam: cuecas, meias, lenços, camisetas e gravatas. Falavam de mim como se eu ainda estivesse vivo e fosse passível de receber censura direta, por ser o autor de todas as faltas evocadas, não como se eu fosse um familiar morto, cujo corpo tinha sido enterrado há apenas um dia.

Aliás, lembro-me que, contrariamente a isso, quando em vida, em diversas ocasiões, eu tive oportunidade de testemunhar familiares tecendo rasgados (e falsos) elogios a um seu falecido, por (supostas) qualidades e (inventadas) virtudes, que todos sabiam que ele jamais tivera em vida. O que procuravam era afastar-se da evocação de uma verdade que não seria nada vantajosa para o morto, evitando referirem-se às suas mazelas ou aos graves defeitos que sabidamente ele tivera em vida. Tudo para não turvar ou para preservar sua memória. Entre os familiares de alguém morto, era comum que esse passasse a ser referido como tendo sido possuidor de grandes virtudes: um homem honesto, trabalhador, correto, bom pai, bom esposo e grande amigo, ainda que no fundo se pudesse e devesse reconhecer que ele não era nem fora nada disso. Buscava-se, no mínimo, evocar um certo respeito ao morto.

Mas comigo não. Rute, que foi minha mulher por 21 anos, continuava tanto como antes a ressaltar os defeitos que sempre me atribuiu, como se eu ainda devesse receber suas reprimendas mesmo depois de morto. Durante todo o tempo em que vivi a seu lado, ela sempre me deu a impressão de que tinha prazer em me censurar em tudo, com sua voz estridente e feição de carregado desamor. Criticava-me por todas e mínimas coisas que eu fazia ou deixava de fazer. Por me ver levantando um pouco mais tarde, porque queria retirar logo o café da manhã posto à mesa, apesar de saber que, sendo um empresário, eu não tinha hora certa para chegar ao local de trabalho. Implicava, de forma irritante, com as roupas que eu punha porque, segundo ela, a combinação das peças não estava adequada, acusando-me de vestir com mau gosto. Logo eu que nunca dei maior importância a essas coisas! Eu só gostava de me vestir bem, porque achava isso necessário para me apresentar no escritório e receber meus

clientes. Ela metia o bedelho em tudo o que me dizia respeito. Censurava-me pela ordem de meus guardados; pelo modo como eu mantinha meus cabelos; por ter, ainda que inadvertidamente, deixado um determinado objeto fora de lugar; por acolher no colo meu pequenino Poti que ela sempre desde-nhou; pelos programas de televisão que eu gostava de assistir e até pelos cigarros que eu fumava na sala. Era como se a casa não fosse minha e nela eu não passasse de um intruso, ou como se eu fosse um incômodo inquilino. Quando de meu retorno do trabalho, lá vinha ela exigindo explicações, tanto quando eu chegava mais cedo, o que não era comum, como quando eu me atrasava um pouco porque o trabalho me retinha ou porque eu parava em algum lugar no caminho de volta. Rute testava os limites de minha paciência e agora, mesmo depois de morto, eu continuo a ouvir o que brota de sua implicância doentia. Ela sempre foi uma mulher amarga, dominada pelos seus demônios íntimos. Eu constato que, mesmo agora, ela ainda não aprendeu a viver nem a dar valor às coisas que realmente são importantes na vida.

Tenho que reconhecer que em vida eu não fui nenhum santo, sei que cometi alguns erros, principalmente aqueles que são comuns nos homens que não vivem bem com as mulheres com quem se casaram. Só não consigo atinar se a minha vida com Rute foi péssima pelos defeitos que eram dela, ou se foi em parte pelos meus próprios defeitos. Para ser sincero e justo, devo admitir que foi por ambas as razões. Acho até que se fosse ela a morta e eu fosse o viúvo ela estaria narrando a vida que teve comigo com acusações a meu respeito. Mas fui eu que morri e sou eu que agora estou fazendo essa narrativa, portanto, tenho todo o direito e liberdade de dizer tudo o que acho e penso.

Cerca de duas semanas depois dessa primeira visita, eu retornei à minha antiga casa e a encontrei fechada e vazia. Só

o cachorrinho Poti, solto e solitário no quintal, mostrava vida existente ali. Nesse dia, eu pude estar em todos os cômodos da casa, revisitando os lugares de minhas lembranças do tempo em que ali vivi. Poti ficou contrariado por ter que permanecer no quintal porque não podia entrar comigo, ainda que tivesse tentado me seguir até a porta de entrada como se estivesse me vendo.

Foi estranho observar minha antiga casa com seu interior todo modificado, parecendo que para ela havia se mudado uma nova família. Surpreenderam-me tanto a significativa mudança nela ocorrida, como a rapidez com que isso se deu. Durante anos minha casa permaneceu a mesma, sem conhecer grandes modificações em seu interior. Mesmos móveis da sala, os velhos porém confortáveis sofás, os tapetes, antigos quadros nas paredes, que começavam a perder sua luminosidade original, alguns porta-retratos pousados sobre antigo baú, representando membros da família em poses de raros momentos de felicidade, a cozinha com seu velhos trens reclamando panelas novas, os quartos sempre com a mesma aparência, suas colchas antigas sobre as camas e cortinas que, embora de boa qualidade, já se mostravam roídas pelo tempo, nas janelas.

Tudo a despeito, eu não reconheço ter havido desleixo de minha parte quanto à manutenção de minha casa, porque era meu costume orientar-me por prioridades que deviam se adequar às reais necessidades. Só eu era seu provedor. A desnecessidade ou a não urgência de uma reforma ou renovação, nesse ou naquele ambiente, era uma opção pela segurança e sobriedade da família. Nunca me dei ao luxo de promover custosas inovações ou reformas apenas para saciar a vaidade e o orgulho de Rute, quando o que tinha na casa era o bastante para que nela a família pudesse continuar vivendo,

embora eu deva confessar que, não só uma vez, eu tenha sido duramente criticado por ela por não trocar os móveis da casa.

Mas, o que eu observei nessa minha segunda visita surpreendeu-me demais. Vi que tudo na casa estava modificado. Na sala principal, um conjunto de estofados novos, aparentemente caro, e um novo tapete persa sob a mesinha de centro também nova, com uma base em madeira bem trabalhada encimada por um grosso vidro. Tudo ali era novo. Havia novos quadros na parede, com pesadas molduras modernas, com pinturas abstratas. Até a disposição dos móveis na sala era outra. Aparentava ser uma nova casa, com uma nova vida que estaria começando a existir ali. Começando quando minha vida terminara. Notei que as fotos sobre o baú ainda estavam lá, mas entre essas não mais estava nenhuma daquelas que me mostravam em vida, sozinho, com a Rute ou com meus filhos. Eu mantinha ali algumas fotos de viagens ao exterior estampando momentos de rara felicidade. Rute deve tê-las retirado dali ou se desfeito delas. Talvez as tenha destruído ou ocultado em algum lugar, para que elas não mais ficassem à vista. Seguramente, isso deve ter sido um ato de eliminação das lembranças de mim. Nos quartos, uma completa arrumação, com novas cortinas, novas roupas de cama, finos abajures nos criados, novos sofás de canto, paredes repintadas com cores frias, os móveis de madeira bem lustrados para parecerem novos e uma fragrância dominando os ares como se para ali houvesse se mudado a felicidade. Mas não houve mudança das pessoas que a habitavam. Sei que Rute continua a ocupar a suíte principal que também era a minha e meus dois filhos certamente continuam dormindo em seus respectivos quartos.

Pelo que pude observar nessa segunda visita, o estado de viuvez de Rute não se assemelhava nem um pouco ao

de quem recentemente perdeu o anterior e único provedor e chefe da família que fui eu. Ela não foi conduzida nem estava numa situação de dependência. Não se tornou numa mulher carente após minha morte, nem por isso mostrava-se entristecida. As despesas com a recente arrumação da casa demonstram exatamente o contrário, pois para isso, sem dúvida, deve ter sido dispensada uma boa quantia de dinheiro. Dinheiro que até o dia de minha morte eu não lhe havia disposto para isso. Não lhe foi deixada, em minhas contas bancárias, nenhuma polpuda soma em meu nome, da qual ela pudesse ter lançado mão para custear as despesas que fez. Nem imagino de onde ela teria obtido esse recurso em tão pouco tempo desde que morri.

Para mim fica até difícil reconhecer essa como sendo minha antiga casa. As alterações que nela foram feitas me pareceram ter reduzido a sensação de acolhimento que ela sempre teve, embora melhorada em algum aspecto material. Percebo que, na casa, não há mais aquela naturalidade para receber quem nela chega, pois não é simplesmente trocando móveis ou renovando cortinas que se revitaliza um ambiente. Deu para perceber a estrábica presença de Rute em cada alteração feita ali. “Eu não gosto disso assim”, dizia ela como se detivesse um poder sobre todas as coisas da casa. “Tire esse troço daqui”, ordenava ela sem se importar em saber se era ou não de meu gosto mantê-lo onde e como estava. Disso resultavam encrências quase que diárias porque, também, eu nunca fui de aceitar pacificamente suas imposições sem apresentar meus protestos, às vezes tão grosseiros quanto os dela.

Não posso calcular quanto tempo eu permaneci na casa nessa minha segunda visita, mas a tarde que havia quando cheguei já estava sendo engolida pela noite e observei que

Poti estava sem a ração que sempre lhe era servida ao final do dia. Não sei por onde anda Rute nesse momento. Antes ela não se dava ao costume de ausentar-se sozinha por longo tempo. Agora, quando dessa terceira visita que faço, já são passados 33 dias desde minha morte. Se quando de minha primeira visita, logo no segundo dia, não havia nenhum sinal de condoimento entre os familiares ou de alguém que houvesse chorado minha partida, imagine se agora há algum lamento depois de passado todo esse tempo! A primeira coisa que noto nessa minha terceira visita é que Poti, que se apercebia de minha chegada embora não pudesse me ver, não veio me receber com seus latidos como fizera das vezes anteriores. Isso porque ele não estava por ali para sentir minha presença. Nem no quintal, nem dentro da casa. Em princípio eu fiquei sem saber por onde andaria meu cachorrinho.

Na casa eu encontro Rute e Cláudio, meu filho mais novo, que completara dezesseis anos alguns meses antes de minha morte. Ele sempre foi um garoto determinado, convicto de seus próprios objetivos, decidindo-se por si mesmo e pouco admitindo a interferência da mãe nas coisas que só a ele importava. Eu o observei deitado em sua cama, vestido de uma quietude que sempre lhe foi típica, imóvel, com a nuca apoiada nas palmas das mãos, olhos abertos e parados fitando o teto, parecendo pensar em algo que está muito distante dali ou em alguma coisa que almeja possuir. Não ousou dizer que pensava no pai, mesmo sabendo que ele era o filho que comigo tinha maior afinidade. Sempre nos demos muito bem. Conversávamos muito sobre todas as coisas, apesar de não nos aprofundarmos em nenhum assunto. Tudo era meio superficial como a própria vida que eu levava. Cláudio sempre evitou falar de si mesmo, preferindo saber dos outros e das coisas, enquanto procurava prolongar

a conversa através de suas perguntas curtas e a repetição de seus porquês. Nunca foi desejoso de ter o que sabia que eu não reunia condições para lhe dar, e ainda não possuía seu próprio salário. Cumpria apenas com seus compromissos escolares e isso ele fazia muito bem. Era bom aluno, amante da leitura e viciado na busca do conhecimento.

Deixo o quarto de Cláudio e vou até a sala onde Rute está sentada num dos sofás novos, com o telefone na mão. Usa um vestido estampado em exagero e de mau gosto para uma senhora já avançada em seus quarenta e poucos anos. A conversa que mantém com o interlocutor do outro lado da linha demonstra o quão ranzinza ela é. Acompanho de perto a parte da fala que lhe cabe.

– Não senhor, seu Dimas. Eu não quero que seja feito assim. Você sabe disso. Quero tudo do jeito que eu já te falei, sem mudar nada. O que foi combinado está combinado e vai ter que ser assim.

Do outro lado da linha deve ter havido um longo argumento desse Dimas porque um demorado silêncio de espera se impôs a Rute. Quando ela voltou a falar parecia ainda mais irritada.

– Nem pensar! Não me venha com essa. Não quero saber de nada de quem falou ou deixou de falar isso ou aquilo. Não me interessa. Eu é que mando aqui e isso vai ser feito do jeito que eu quero. Sem nhenhém. Quem está te pagando sou eu e é assim que vai ser. Tá ouvindo?

Outro intervalo de silêncio.

– Tá bom. Tá bom. Então comece logo porque eu quero ver isso tudo terminado no menor prazo possível. Tá ouvindo? Até mais.

Levanta-se a com ares de ira; vai para a cozinha com seus passos pesados e de lá ela chama por Cláudio, aos berros.

– Vem jantar que a comida tá na mesa!

Não tenho a menor ideia de quem seja esse Dimas, o sujeito com quem Rute conversava ao telefone, nem tenho como saber do que é que ela tratava com ele ou o que é que ele teria que fazer conforme o aludido combinado. Não me recordo de, em vida, ter conhecido nenhum Dimas, de maneira que não deixam de ser estranhas a intimidade e a descontração de mando com que Rute falava com ele. De que tipo de serviço lhe estaria sendo imposta a execução? Não sei.

Eu e Rute não tínhamos o costume de sair com frequência. Pouco íamos ao cinema, e a última vez que fomos assistir a um filme foi há já tanto tempo que nem me lembro. No mais das noites, detínhamo-nos quietos em frente da televisão na sala, vendo repetidos noticiários em diferentes canais, também aí com não raros desentendimentos quanto ao programa a escolher depois. Ela impunha o canal de sua entediante novela.

Quase nunca saíamos para um jantar íntimo num ou noutro restaurante. Ultimamente minhas saídas só eram a trabalho e, quando muito, um encontro casual com um conhecido, um amigo ou um cliente que, em minha volta para casa, provocava uma parada num dos bons bares próximos para uma conversa agradável, enquanto consumíamos uma ou duas garrafas de cerveja ou um bom whisky. Eu nunca bebi desacompanhado. Jamais pararia em algum bar sem a companhia de quem me fosse agradável. Nem passeios a dois ou acompanhados de algum casal conhecido eu e Rute fazíamos, menos ainda tínhamos o hábito de frequentar casa de amigos para trocarmos amabilidades. Também não era comum recebermos visita de vizinhos, parentes ou conhecidos em nossa casa. Talvez porque Rute não os atraísse.

Só minha irmã Helena era uma visitante habitual para as prolongadas conversas íntimas com Rute. Por outro lado, não era ela dada a sair sozinha, de dia ou de noite, com demora fora de casa, a não ser para pequenas compras sobre as quais eu nunca perguntava. Ela não tinha amigas ou amigos particulares, daí ser intrigante ela ter esse tal de Dimas como um seu conhecido.

Observo Rute e o filho já sentados à mesa da copa para o jantar. Cláudio não fala, e come lentamente, ficando mais a olhar para o prato, como se estivesse cumprindo uma obrigação de se alimentar. A mãe o olha de forma intermitente buscando alguma coisa errada para censurá-lo. Fixa seu olhar nos cotovelos de Cláudio que estão apoiados na mesa ao lado do prato e eu antevejo a costumeira chamada de atenção de Rute, que desta vez não veio. Ela tampouco fala durante a refeição, mas a severidade de seu olhar diz que está incomodada com alguma coisa. Com o serviço a ser executado por Dimas, com a mudez de Cláudio a seu lado, ou com aquele silêncio fúnebre que domina a casa. Não sei. Talvez desejasse gritar e esbravejar contra tudo e contra todos, mas, pelo jeito, ainda não encontrou razão plausível para tanto. Eu a vejo como se ela estivesse amargando uma ira interior que sempre a acompanhou e que lhe dá uma aparência de cansaço, ou de ser bem mais velha do que realmente é. Ela nunca foi uma mulher propriamente bonita. Nem simpática, nem atraente ela é. Quando nos casamos, ela estava na juventude de seus vinte e poucos anos, era bem feita de corpo, cabelos longos, rosto redondo e um sorriso curto que simulava alegria de viver. Ninguém poderia imaginar que um dia ela viria a se tornar a mulher neurastênica que hoje ela é.

De uns tempos para cá, Rute veio ganhando peso em excesso e hoje está quase sem cintura. Seus braços estão

exageradamente volumosos e um acúmulo de gordura sob o queixo a fez ficar com cara de lua. É ridícula quando veste um roupão com listras verticais. Cuida muito mal de seus cabelos, deixando à mostra as raízes brancas. Suas mãos também se veem mal cuidadas, unhas perdendo o esmalte e nenhum creme a hidratá-las. A meu ver ela não gosta nem de si mesma.

Mas não é a aparência física que a desvaloriza ou aos outros incomoda. É a sisudez com que ela se mostra, como se nunca estivesse de bem com a vida. Nas conversas que raramente mantinha com alguém, logo ela se importava em falar sobre coisas desagradáveis como doenças, remédios, discórdias, desgraças, culpas e erros alheios, ou defeitos que ela mesma punha nos outros quando esses não os tinham. Raríssimas foram as vezes em que eu a vi tecer um elogio a alguém ou dizer que gostasse muito de alguma coisa. Sempre estive em desacordo com tudo no mundo. O dia é ruim porque está nublado, horrível porque chove, insuportável porque o sol está quente, chato porque está ventando ou desagradável porque faz frio. Até o tempo é um seu inimigo e ela o maldiz esteja ele como estiver. Um sorriso solto e feliz então, nem pensar! Por tudo isso, eu já nem sei mais que motivação eu tive ou o que é que teria me encantado, a ponto de tê-la pedido em casamento ou como é que eu consegui aturá-la ao longo de mais de duas décadas. Talvez eu ainda consiga me explicar sobre isso. Pelo menos a mim porque aos outros será impossível.

A porta da sala se abre e Lucaz, meu filho mais velho, já passado dos vinte anos, chega após seu dia de trabalho. Percebo que o ambiente muda à sua chegada. Não as pessoas que estão nele, mas o ambiente em si. Há leveza na presença de Lucaz, um rapagão desembaraçado, alegre e bom falante,

ao contrário do irmão mais novo que, no mais das vezes, é taciturno e introspectivo. Lucaz é bem diferente da mãe, de quem não herdou quase nada a não ser uma face arredondada e uma covinha no queixo (ainda bem!). De mim talvez tenha herdado um certo pragmatismo, pois ele não usa de subterfúgios nem rodeios. É direto, prático e realista, sabe bem o que quer e para onde vai, está sempre em paz com a vida, tem elevada autoconfiança e não se deixa abater por pequenos embarços. Integra-se em qualquer ambiente, ganhando imediata acolhida dos que o cercam porque brinca até com coisas sérias. Trabalha num escritório de contabilidade e jamais reclamou do emprego, embora seu salário não seja lá essas coisas. Quando ele chegou, a casa pareceu ter se vestido de um sorriso, mas era só o dele. Da entrada da sala ele anunciou sua chegada com seu jeito gozador.

– E aí? Sobrou comida pra mim?

Veio se sentar à mesa sem receber a menor recepção da mãe que se manteve sisuda e calada. Cláudio o cumprimentou com o monossilábico oi e puxou sua cadeira para lhe dar passagem e permitir sua acomodação. Enquanto se servia do jantar, Lucaz fez um irônico comentário.

– Gente, estou sentindo falta do Poti. Era o único que abanava o rabo quando a gente chegava aqui. Onde é que ele está, mãe?

Rute resmungou uma resposta estando ainda com a boca cheia e sem olhar para o lado onde Lucaz estava.

– Eu não estou sentindo nenhuma falta dele nem das sujeiras que ele fazia dentro de casa. Está lá com sua tia Helena e é melhor que fique por lá.

Bom foi ouvir e saber onde está meu cachorrinho. Vou poder lhe fazer uma visita qualquer hora dessas, embora não seja de meu agrado rever Helena em sua casa. Quanto mais

ela foi se aproximando de Rute, mais ela se afastou de mim, como se houvesse sido contaminada pelo negativismo da cunhada. Aliás, desde criança eu nunca me dei muito bem com essa minha irmã. Por ser a mais velha na casa, portava-se como se a autoridade dos pais lhe houvesse sido delegada para todos os efeitos, quando eles não estavam presentes. Mandona e arrogante, só não o é em sua relação com o inexpressivo e nanico marido que lhe caiu de encomenda, porque ela o domina à distância, até por pensamentos. A esse nem é preciso mandar porque ele é o exemplo vivo de submissão a tudo. É bem possível que seja ele e não ela quem esteja cuidando de meu pequenino Poti, enquanto ela deve passar o tempo todo encantando-se à frente de espelhos. Eu tinha brigas homéricas com essa irmã durante todo o tempo em que, solteira, ela viveu na casa de meus pais.

Já com relação a minha outra irmã, a mais nova, chamada Lúcia, em vida eu sempre mantive um bom relacionamento, embora nos últimos tempos não tenha sido muito próximo. Ela se casou muito cedo com um pequeno empresário e pouco frequentava a casa de nossos pais. Quando o fazia, parecia ter gosto em conversar comigo, eu ainda um adolescente, e guardo boas recordações desses momentos, que me eram agradáveis porque havia empatia entre nós. Eu gostava de ouvir as histórias que ela contava e todas me pareciam reais, com marcantes personagens que ficaram eternizados entre minhas lembranças. Após meu casamento, os encontros e as longas conversas que eu mantinha com ela passaram a se tornar cada vez mais raros, porque ela nunca se deixou ser íntima de Rute, nem antes nem depois de meu casamento. Seu marido deve ser quem vai herdar meus sapatos. Eu preferia que tivesse sido ela a encarregada de cuidar de meu pequenino Poti, mas fazer o quê?

Continuo observando os que formaram minha família, reunidos em torno da mesa da copa, e percebo que não há muita diferença entre o que vejo agora, se comparado com o que antes era a reunião da família. Quando em vida, eu ocupava uma dessas cadeiras para junto com eles tomar refeições. Ainda que eu me demore por aqui, não vou ver nada de novo acontecer a partir de agora. Rute vai continuar amuada e sem palavras, amargando seus pensamentos mesquinhos até que o jantar termine e todos possam deixar a mesa. Cláudio continuará silencioso e imerso em sua sozinhez, porque prefere estar na companhia só dele mesmo. Lucaz continuará fazendo de conta que o ambiente é acolhedor e feliz e que tudo está bem nessa casa, que as coisas são como são e que não está faltando nada nem ninguém à mesa. Meu lugar à cabeceira está sendo ocupado por Rute, como a nova dona de tudo e com a mesma postura que sempre manteve. Austera e antipática. Também nesse aspecto, nada é diferente do tempo em que eu estava vivo e morava nessa casa. Sentava-me a essa mesma mesa. Sei de cor o comportamento de cada um durante e após as refeições.

Não tenho a intenção de me demorar por aqui. Só aguardo o fim desse jantar mesmo já sabendo que, como de hábito, não haverá sobremesa e cada um irá se servir do café na cozinha, se assim o quiser. Noto que Rute já recolheu seus talheres sobre o prato, levanta o queixo, lança a cabeça para traz, adotando uma postura autoritária bem a seu gosto enquanto fita os filhos como se se aprontasse para lhes dar a ordem de retirada. Só Lucaz ainda está comendo por ter sido o último a ocupar lugar à mesa e ela lhe concede mais uns minutos antes de se levantar. Daqui a pouco, cada um estará num canto da casa, entretendo-se com o que particularmente lhe interessar, como se não devessem ficar juntos ou

próximos um dos outros. Rute irá assistir a um novo capítulo de sua imperdível novela. Um hábito do qual nunca partilhei, porque sempre achei que as novelas são de uma chatice sem par. Não sendo durante os intervalos comerciais, Rute sequer atenderá a chamado do telefone. Cláudio se recolherá em seu quarto e não mais aparecerá para ninguém. Lucaz permanecerá algum tempo num canto da sala folheando algumas revistas, mas não fazendo companhia à mãe. Depois, irá para seu quarto onde ficará isolado e entretido com seu computador até tarde da noite. Saio da casa e deixo-me fluir pelos ares das ruas da vizinhança.

II

Não foram muitas as pessoas que estiveram no cemitério acompanhando o enterro de meu corpo. O que mais demoradamente foi observado, quando do sepultamento, foi a paciência franciscana com que os coveiros desceram à cripta meu caixão enlaçado numa corda e depois, silenciosos e indiferentes, lacraram o túmulo com argamassa. Seus movimentos eram lentos como se fossem respeitosos, mas eles faziam isso com a naturalidade de quem estava executando uma costumeira tarefa, não como quem estivesse sepultando o corpo de alguém que em vida tenha sido amado e tenha deixado família. Minha mãe ficou ao lado do túmulo, em pé o tempo todo, chorando baixinho e apoiada nos ombros de Lúcia. Rute e Helena permaneceram mais afastadas cochichando entre si. Meus cunhados fumavam ao largo, também me parecendo nem um pouco comovidos. Todos os empregados de meu escritório estavam lá, agrupados entre si. Eu assistia a tudo e observava as expressões faciais de cada um dos que ali estavam, podendo notar que, exceto minha mãe, ninguém mais chorava. Quando muito, um ou outro contraía as sobrancelhas enrugando a testa num forçado ensaio de cara de tristeza, porém sem derrubar nenhuma lágrima. A mim pareceu que, uma outra vez, todos eles tinham pressa de ver acabado aquele ritual religioso, para poderem seguir e prosseguir com suas vidas rotineiras. Com certeza, enterrar meu corpo era o último ato a meu respeito ao qual devessem assistir.

Após o sepultamento, eu acompanhei minha mãe e minha irmã Lúcia de volta para casa ouvindo seus diálogos chorosos. Foi um lento retorno à casa paterna, que acabou por ser recheado de lembranças que estavam guardadas no tempo, mas que pouco a pouco reapareciam vívidas para rodopiarem no espaço em torno de mim. Olhando de perto para minha mãe, eu me transportei em segundos para os muitos anos em que tinha suas asas a me proteger. Hoje eu sei, melhor do que quando em vida, que a memória do coração guarda só as boas lembranças e isso ajuda a suportar o passado. Estou voltando à casa de meus pais e, através de minhas lembranças, revejo, com nostalgia e com gosto de inocência, grande parte da infância que eu vivi e que se tornou o único sonho real que eu consegui trazer para minha fase adulta. Ah, quão bonita era a ingenuidade da infância quando a gente podia falar de maneira errada todas as coisas certas da vida!

Retornar aos tempos de infância é a forma mais eficaz de me sentir vivo. (No meu caso isso é só um pensamento porque sei que estou morto). É um reencontro com nosso íntimo mais verdadeiro, porque na infância só se está envolto em verdades. Recordo-me de minha mãe de avental na cozinha preparando meu lanche e me aprontando para seguir para a escola. Chegando à porta de meu quarto para me dizer um boa-noite repleto de carinho e apagar as luzes para que eu pudesse dormir. Também de meu pai eu me recordo, embora menos. Eu o perdi quando tinha apenas onze anos, mas dele ainda me lembro. A mim ele parecia um guardião invencível capaz de me proteger contra tudo e contra todos, com suas mãos enormes e seu corpo de gigante.

Quando vivo, eu ouvi dizer que a primeira coisa que ocorre quando a gente morre é um encontro com entes queridos já mortos, que se aprontam para nos receber

no além. Contudo eu não vi nem me encontrei com meu pai, morto há 35 anos.

Era grande a proteção que vinha de meus pais quando das tempestades ruidosas, da ventania ameaçadora, do escuro com silêncio demasiado, dos monstros imaginários que habitam a noite e até dos pesadelos que eu tinha, e que só acabavam quando eu me mudava para dormir no quarto deles. Minha mãe sempre foi uma muralha na defesa de seus filhotes e enfrentava as adversidades com uma força que era só dela. Ocultava seu próprio medo para se mostrar valente e poderosa. Agora eu a observo toda fragilizada e dolorida dentro do carro, lamentando-se ainda sob soluços e dizendo que o forte era eu. Eu a ouço conversando com minha irmã Lúcia.

– Ele sempre foi tão forte e saudável. Você sabe disso, Lúcia! Nunca ficou doente de cama. Nunca faltou um só dia de trabalho por causa de uma doença. Como é que isso foi acontecer assim tão de repente? O que é que ele teve, meu Deus? Acho isso tudo muito estranho. Você não acha Lúcia?

– Ah, mãe, todo mundo tem sua hora e só Deus é que sabe o dia de cada um de nós ir embora. Ele nem sofreu muito, mãe. Morreu logo que deu entrada no hospital. Deus sabe o que faz, mãe.

– É, mas eu não me conformo, não. Não podia ter sido assim. Ele era muito novo para morrer tão cedo. Tão depressa. Faz menos de uma semana que eu estive com ele e ele estava feliz da vida, fazendo um monte de planos para o futuro, estava cheio de vida e de disposição. Não acho justo isso que aconteceu. Meu Deus do céu, meu neto Cláudio ainda é uma criança. Que é que vai ser dele, Lúcia?

– Mãe, agora só nos resta rezar pela alma dele e pedir que Deus o acolha lá no céu. Se é assim que tinha que ser é

assim que é, mãe. Fazer o quê? A senhora quer comer alguma coisa antes de ir para a casa?

– Não, filha. Lá em casa eu como alguma coisa. Agora não tenho nem um pingão de fome. Mas, veja se pode isso: hoje a gente está trabalhando, pensando no amanhã, cuidando das coisas e sonhando acordado e de repente, no dia seguinte, você está morto enterrado. Que coisa triste é isso! E o pior que pode acontecer na vida é uma mãe enterrar um filho. Não é da ordem natural das coisas. O certo é que os filhos enterrem os velhos pais. Isso faz doer mais ainda.

– Eu imagino, mãe.

– Para um pouquinho ali na farmácia que eu preciso comprar um calmante, tá bom?

– Pode deixar que eu desço e compro pra senhora.

Enquanto Lúcia entrava na farmácia, por instantes eu fiquei sozinho com minha mãe dentro do carro. Ela acomodada no banco do passageiro e eu a vendo olhar para trás e fitar alguns pontos dispersos do interior e do teto do carro como se estivesse à procura de alguma coisa minúscula tal era a atenção que dava a cada pequeno espaço por ela examinado. E eu estava exatamente nesse espaço, bem pertinho dela sem que ela se apercebesse. Dizem que mãe sente a presença do filho mesmo sem vê-lo. Estaria ela sentindo minha presença? Eu a via procurando por algo que talvez nem mesmo ela soubesse bem o que era. Mas procurava com um olhar atento e curioso.

Quando Lúcia retornou, ela pareceu acordar de um momento de transe, retomando a consciência de que não havia nada ou ninguém dentro daquele carro. Cessou sua procura e retomou a conversa com minha irmã.

– Seria bom a gente mandar reformar o jazigo da família onde ele está. Dar uma pintura geral nele, o que é que você acha?

– Vamos pensar nisso, mãe. Teremos que falar com a Rute e os filhos.

– Então vai ser complicado. A Rute é pão-dura e com ela é difícil ter um acordo. Eu não consegui até hoje ter um bom relacionamento com ela. Eu sempre fui contra o casamento deles, porque eu sabia que ela não ia fazer meu filho feliz. Ela sempre foi como uma mulher má, levando a vida cheia de dedos.

– Ah, mãe, deixa isso pra lá agora. Vamos pra casa e buscar coisas melhores para pensar.

– Como é que eu vou pensar em coisas boas depois que acabei de enterrar um filho, Lúcia? Como é que eu vou sorrir e achar que a vida é boa depois disso tudo? Não dá, minha filha! Você pensa o quê? Que eu posso continuar vivendo como se nada tivesse acontecido? Retomar meus dias sem ficar pensando no que aconteceu com ele? Eu continuo achando que tem alguma coisa estranha nisso tudo. Como é que seu irmão ficou doente assim tão de repente e morreu sem mais nem menos? Eu preciso saber o que é que houve com ele. Ele morreu de quê? Ataque cardíaco não foi. Doente ele não estava. A Rute nem chorou a morte dele.

– O médico anotou na certidão de óbito que foi por uma parada cardiorrespiratória.

– Mas o que é que provocou isso? É fácil escrever que foi isso ou aquilo. Mas será que foi só isso? E o que é que provocou essa parada? Isso ele não disse nem escreveu e é isso que eu gostaria de saber.

– Mãe, o que a senhora precisa agora é ir pra casa e descansar. Cuidar da senhora. Tomar um calmante e procurar dormir um pouco, tá bom?

– Bom não tá, né filha. Mas o quê que há de se fazer? Eu sempre cuidei muito bem dele. Nunca deixei que nada

o incomodasse. Eu corria pro médico ou pra farmácia ao menor sinal de uma gripezinha. E ele sempre foi um menino muito forte e saudável. Como é que foi acontecer uma coisa dessas?

Também eu não sei qual foi a causa de minha morte e acho que nem preciso receber nenhuma explicação ou informação sobre isso. Agora isso para mim não tem a menor importância. Basta-me saber que não sou mais um ser vivo. Guardo vaga lembrança de meus últimos momentos em vida. De que desmaiei no chão da sala quando Rute me enervava com suas reclamações costumeiras, querendo que eu me desfizesse do Poti porque ela se dizia cansada de recolher suas sujeiras pela casa. E isso foi no final de um dia de trabalho no escritório que havia sido extremamente estafante. Depois, só me recordo de estar deitado numa cama que não era a minha, cercado de pessoas que eu não pude identificar bem. Eu já falei que estava com a vista embaçada naquele momento. No quarto havia um vozerio enorme ao qual se misturavam falsos lamentos de alguns dos que estavam à minha volta. Cheguei a ouvi-los por alguns instantes. Depois tudo se apagou.

Minha morte foi indolor e não demorada. Acho que morrer é menos traumático do que nascer, embora nem eu nem ninguém possa dizer ao certo como foi o trauma do nascimento porque disso ninguém se lembra. Quando da morte, você simplesmente deixa a matéria que foi seu corpo e inicia uma viagem pelo espaço infinito. Não é uma ida para o céu ou para o inferno. Nunca acreditei em nada disso e agora eu sei que isso não existe. É apenas um deixar de ser. Um inexistir. Você se desliga de um corpo material que passa a não mais lhe pertencer e deixa de estar nele ou com ele. Por isso não há dores. A dor só existe em matéria viva. Você se transforma numa nuvem, numa energia, e seu corpo fica para

virar carne para os vermes que é o verdadeiro significado da palavra cadáver em latim. Não é uma alma ou um espírito que deixa o corpo como muitos insistem em acreditar. É só a energia que escapa dele e que é o que agora eu sou. Nunca acreditei nas doutrinas religiosas que pregam a existência de alma, de céu, de purgatório, de inferno e de ressurreição. Todas elas são vãs. Não há nada disso. Isso tudo nada mais é do que mera invencionice dos homens e eles não sabem nada sobre a morte, porque não morreram e quem já morreu não voltou nem vai voltar para lhes contar como é ou como foi. Só especulam sobre isso sem nenhum fundamento sólido.

Repito que sou apenas energia. Não irei para o céu nem para inferno nenhum. Aliás, nem sei se mereço o céu ou o inferno pelo que eu fui em vida. Por enquanto, eu vou ficando por aqui e consigo estar entre aqueles com os quais convivi, vendo-os e ouvindo-os e nem sei quanto tempo isso vai durar ou até quando eu vou poder fazer isso. Talvez só enquanto perdurar essa energia que eu sou, ou até que ela se dissipe de vez e daí eu passe a inexistir em definitivo. Nesse caso deixarei de ser essa nuvenzinha imperceptível que agora sou e desaparecerei para sempre. Não poderei mais transitar entre os vivos, nem acompanhar ou saber de mais nada que esteja acontecendo com aqueles que formaram minha família, ou com quem convivi. Serei definitivamente banido desse mundo. Quem sabe até das lembranças de cada um deles.

Preferi não entrar com minha mãe e minha irmã na velha casa de meus pais embora todas as lembranças que ela guarda me sejam boas. Melhor deixá-las sozinhas. Saí dali com a intenção de fazer uma primeira visita à casa onde morei durante os últimos sete anos. Foi nessa visita que encontrei Rute e Helena remexendo nas coisas que eu possuía.

III

Agora estou solto, flutuando pelos ares das ruas da vizinhança daquela que foi minha casa. Busco refazer o itinerário que diariamente eu fazia de casa até o endereço de meu escritório e, na volta, pretendo passar pelo bar onde por vezes eu parava antes de chegar em casa. Revejo todo o caminho que era meu trajeto diário. Eu o fazia a pé, embora tivesse um bom carro. Era a caminhada diária que eu fazia como um exercício recomendado por meu médico. Eu não andava com pressa porque não tinha hora para chegar, nem tão devagar que me fosse permitido apreciar tudo o que estava à minha volta. Era uma espécie de passeio diário e agora eu o refaço caminhando (melhor dizendo: deixando-me fluir) primeiro por uma ruela de quadra secundária até alcançar a avenida principal que leva o nome de alguém que em vida deve ter sido muito importante, mas que (confesso) também eu nunca soube quem foi. Ainda que se deseje que mortos sejam eternizados com seus nomes batizando ruas ou avenidas, ou que ganhem bustos de bronze em praças públicas, mesmo assim as novas gerações não têm a mínima ideia de quem foram eles, ou o que fizeram de importante na vida. São apenas nomes ditando endereços, ou bustos que servem para enfeitar (ou enfear) praças, mas que não contam a história da vida de nenhum desses personagens. Parece que, enquanto vivos, temos a facilidade ou o hábito de esquecer, ou de pouco nos importar em saber quem foram essas pessoas e o que é que elas fizeram, ainda que seus nomes estejam gravados em

placas de ruas ou tenham bustos nas praças. Aliás, quanto a esses, a Prefeitura nem cuida de limpá-los das cagadas de pombos, o que é outro desrespeito.

Reveja no outro lado da avenida uma velhinha caminhando com dificuldade, apoiada em sua bengala. Ela está voltando de algum lugar. Muitas vezes eu a vi por aqui, indo ou vindo, sem que ninguém a auxiliasse a atravessar a avenida. Eu a ajudei uma ou outra vez e ela ficava sinceramente agradecida. Eu pensava que ela iria morrer bem antes de mim e olha só como são as coisas! Ela continua viva e teimando em ir e vir, apesar de seus passos trôpegos, e eu não estou nem indo nem voltando, apenas sendo. E isso por enquanto, até que a energia que eu sou se acabe. Cruzo com pessoas que eram minhas conhecidas porque moradoras do mesmo bairro e com estranhos que eu nunca vi por aqui. Tudo me é bonito e agradável. Vejo as árvores frondosas que dão sombra às calçadas e amenizam o calor do verão. Eu sempre as apreciei, e um dia lastimei ver uma delas tombada pela força de um vendaval que antecipou uma tempestade. Hoje tudo me parece ser mais importante do que antes eu supunha. Enquanto vivas e enlevadas com seus (adiáveis) compromissos, no geral as pessoas não se importam em saber ou em cuidar de pequenas coisas que, no mais das vezes, são as mais importantes na vida. Eu mesmo fui assim. Os indiferentes trazem pronta a desculpa de que não têm tempo a perder, mas perdem grande parte de seu tempo com apego às coleções de coisas fúteis.

Muitas vezes eu passei por aqui e também eu deixei de notar que há pássaros que habitam essas árvores, nelas fazem seus ninhos e põem seus ovos. Voam, pousam e cantam. Eis um exemplo do egoísmo dos vivos, que acham que só sua vida em particular é o que importa!

Se eu voltasse a viver e tornasse a caminhar por essa mesma avenida, certamente eu não faria esse percurso no curto espaço de tempo que eu gastava para percorrê-lo.

Quando vivo, eu passava por aqui sem notar quanta coisa bonita havia pelo meu caminho! Não me deixava integrar ao ambiente em que vivia, porque também eu era um egoísta. Não tinha tempo! Deixava de ver crianças sorrindo enquanto caminhavam ou brincavam nas calçadas; a babá empurrando um carrinho de bebê em seu passeio diário pela avenida; o jovem levando três enormes cachorros com guias curtas, de sorte a não se saber ao certo se era ele que conduzia os cachorros ou se eram esses que o conduziam; os pássaros e a beleza da paisagem ao fundo. Só quando se perde algo é que se reconhece o seu real valor. Só agora sou capaz de ver toda a beleza dessa avenida, beleza que jamais vi assim tão inteira como agora a vejo. Os vivos acumulam coisas desprezíveis como se elas fossem o que lhes dá felicidade, enquanto o que realmente torna a vida mais feliz é lançado ao esquecimento como coisas de somenos.

Bem mais à frente, eu revejo e alcanço o sobrado recém-pintado com cores fortes que tem à frente uma grande placa identificando o tipo do estabelecimento. Ele me pertencia. É o local que foi o de meu trabalho: uma corretora de imóveis que eu possuí durante cerca de oito anos, dedicando-me seriamente às minhas obrigações profissionais, sempre estabelecido nesse mesmo endereço. Aqui eu tinha meu escritório, uma mesa e um computador que eram de meu uso pessoal e que agora eu vejo que ficaram com meu sócio, que assumiu minhas funções após minha morte. Possivelmente, ele também tenha ficado com minha carteira de clientes, prosseguindo o trabalho que eu desenvolvia e certamente beneficiando-se disso. Minha morte o favoreceu, motivo

mais do que suficiente para que ele não tenha do que se lastimar. No mais, não há absolutamente nada de diferente no escritório, nem transparece que na equipe esteja faltando seu antigo chefe, que por muitos anos a compôs. O espaço antes ocupado por alguém que morre é imediatamente preenchido sem nenhuma parcimônia e a vida prossegue com naturalidade como se não tivesse havido ontens. Isso comprova que no mundo dos vivos ninguém é insubstituível. A vida continua e o morto será esquecido, ainda que venha a ser nome de rua ou ganhe um busto na praça.

Permaneço observando meus antigos empregados dentro do escritório e vejo que ali continuam ocorrendo as mesmas brincadeiras de sempre entre o pessoal da equipe, a mesma troca de informações entre os que nele ainda trabalham, a mesma (falsa) camaradagem que sempre houve entre eles, a mesma intensidade de competição. No intervalo do almoço mantínhamos o grupo, mas não se falava de serviço. Entre os membros dessa equipe, quem mais de mim se aproximava era Jirair, um homem de meia idade descendente de família armênia, amante da música e da literatura. Com ele eu sempre mantive um ótimo relacionamento, e era ele meu companheiro preferido para sentar-se comigo nos intervalos de almoço, quando podíamos conversar sobre assuntos diversos mais do que interessantes. Agora ele está a me parecer um pouco desolado enquanto ocupa sua antiga mesa, mas não imagino que isso se deva ao fato de minha morte que ocorreu há dois dias. Ele sempre se deu muito bem com todos os colegas da equipe. Talvez tenha sido sua excessiva dedicação ao trabalho que o levou a ser um pouco diferente dos demais, sempre compenetrado e de uma seriedade profissional ímpar, sem nunca ser indiferente à importância de cada um dos

outros. É bom revê-lo em sua quietude. Bom rever o lugar onde eu me sentia útil e feliz.

Quando o expediente terminava, eu fazia a caminhada de volta por pouco mais de dois quilômetros, com uma breve parada num bar próximo de casa se eventualmente ali um amigo, um conhecido ou um cliente me interceptasse. Estar de volta à casa não era o momento mais confortante do dia, porque Rute cuidaria de me importunar logo à chegada, reclamando de coisas que diretamente a mim não competia resolver, como a máquina de lavar que estava precisando de conserto ou a geladeira que gelava muito pouco. “Chame um técnico”, dizia eu. Não era de minha obrigação consertá-las, nem eu sabia fazer isso. O que acontecia enquanto eu estava no trabalho, e reclamasse alguma providência, essa deveria ser tomada por ela, que estava à toa o dia inteiro, e não por mim ao final de um dia de trabalho. Para tanto, eu sempre deixava um bom dinheiro em casa para atender às emergências. Mas para Rute a culpa de tudo era sempre minha. “Você não presta para nada aqui dentro de casa!”, esbravejava. Para ela eu era um inútil e negligente, sem nenhuma valia doméstica, como se de mim ela não dependesse. Agora, livre de mim, é até possível que ela esteja melhor, ou pior por não ter mais a quem inculpar.

Ainda refazendo o itinerário que diariamente eu fazia, na volta eu parei no bar que por várias vezes frequentei quando era vivo. Pelo horário, pouco passado das 18, são poucas as pessoas que ocupam mesinhas distribuídas na calçada. Alguns dos frequentadores estão desacompanhados e ficam apenas contemplando a avenida, enquanto bebem sua cerveja gelada e comem salgadinhos bem servidos. Nem imagino o que eles estão pensando. Eu nunca estive aqui sem ter sido instado a parar a convite de um bom companheiro, para um bate-papo

descontraído, sem nenhum compromisso, e Rute nunca entendeu que estar por vezes com um amigo numa mesa de bar é algo de que todo homem precisa para aliviar-se de tensões cotidianas. Ao contrário do que as mulheres pensam, nesses encontros não se fala de coisas censuráveis. Fala-se de tudo e de nada, naquilo que se chama “jogar conversa fora”. E isso é bom, é muito bom, porque durante todo o tempo ninguém cobra nada um do outro. Nem a gente se cobra de nada. É um descanso mental, necessário e imprescindível para uma vida saudável, principalmente depois de um longo e estafante dia de trabalho. Sendo assim, por que teria eu de ser censurado pela Rute, só por ter parado por alguns instantes com um amigo numa agradável conversa de boteco? Está certo que algumas vezes eu demorava mais do que o devido nesse bar, numa conversa solta com amigos ou com uma eventual companhia feminina, e até exagerando um pouco no consumo de álcool. Mas nunca criei problemas ali ou me tornei incapaz de prosseguir caminhando normalmente até em casa. O que por vezes me acontecia era ter prejudicado meu jantar e ser obrigado a ouvir Rute me chamar de “bêbado sem vergonha”.

IV

Sigo para a casa de Helena, minha irmã mais velha, com o objetivo único de tornar a ver meu cachorrinho Poti. Desde que morri eu o vi apenas duas vezes por ocasião das primeiras visitas que fiz à minha antiga casa. Agora são passados mais de vinte dias que não o vejo. Quando da última visita, ele não estava em casa e foi dessa vez que eu fiquei sabendo que Rute o havia entregue aos cuidados de Helena. Eu não vou para saber dela ou de seu marido nanico, mas apenas para ver se eles estão tratando bem de meu cachorrinho. Poderei ficar à vontade na casa deles sem que eles se deem conta.

Assim que chego à frente da casa ouço de lá de dentro os latidos insistentes de Poti, como se ele já tivesse percebido que estou chegando e já me recepcionasse com seus latidos. Imagino-o abanando o rabo e me convidando para brincar como sempre fazia. Embora eu não mais tenha sentimentos, não há como negar ser muito bom ser recebido assim, mesmo depois de morto. É como se eu ainda estivesse sendo reconhecido, embora sem ser visto por ele. Só meu cachorrinho é capaz de me proporcionar isso e eu me atrevo a pensar que ele não me esquecerá tão cedo. Talvez continue, todos os dias, a esperar pela minha chegada como antes o fazia, para saltar em meu colo, lambe meu rosto e enrolar-se numa alegria de fazer gosto.

O amor gratuito que um cachorro dá a seu dono é imensurável. Ah, se os humanos pudessem ser pelo menos um pouquinho semelhantes aos cães!

Poti está olhando para a direção onde estou e late seguidamente sem avançar. Ouço Helena ralar com ele de alguma parte do interior da casa. Parece que minha presença, ainda que não física, o incomoda ou o atrai. Eu apenas o observo de perto sem poder fazer nada. Vejo-o sentar-se no chão depois de acalmado, mas continuando a mirar um pequeno espaço dentro da sala, exatamente o espaço onde estou sem ocupá-lo. Ele me parece um pouco mais magro e necessitado de um bom banho. Eu o levava a um pet-shop pelo menos uma vez a cada quinze dias. Nunca o deixei ter cheiro de cachorro, embora isso devesse aborrecê-lo, porque ele reagia ao fato de deixá-lo cheirosinho, talvez uma tortura para ele. Roçava-se no tapete da sala como se quisesse desfazer-se do cheiro do xampu e depois vinha aninhar-se em meu colo, enquanto Rute expunha seu desacordo com olhar enviesado.

Detenho-me um pouco mais e continuo olhando só para meu cachorrinho. Helena e o marido devem estar em outro cômodo da casa e eu não tenho a menor intenção de vê-los. Não vim para isso. Observo, contudo, que na sala há uma moderna e nova televisão de 50 polegadas que certamente deve ter custado caro, o que para mim é uma troca não de primeira necessidade dentro de casa. Com certeza deve ter sido imposição de Helena a seu marido submisso. Mas a mim o que importa? Isso é problema deles, não meu. Volto-me para meu cachorrinho que mesmo estirado sobre as patas dianteiras continua com os olhos bem abertos e fixados na direção do lugar onde estou. Noto que ele se entristeceu de repente como se lhe tivesse sido negada alguma coisa que ele queria. Seu olhar é de lamúria. Lembro-me que, quando eu saía para o trabalho e me aprontava para fechar a porta da sala, sem convidá-lo para ir junto, ele ficava triste assim. Esperava que eu retornasse na hora para chamá-lo e, não

raras vezes, permanecia ali, junto à porta, até se convencer de que eu não voltaria logo. Nem mesmo ele gostava de ficar só aos cuidados de Rute. Aliás, falando em Rute, ouço o insignificante marido de Helena chamar.

– Helena, é a Rute ao telefone!

Acompanho o que Helena diz ao atender à chamada.

– Oi, Rute. Não, hoje eu não posso. Daqui a pouco eu vou sair para fazer umas compras pra casa. Mas volto logo. Você não quer vir pra cá? Tá bom. Eu te espero. Ah, deixe eu te contar. Ontem à tarde eu me encontrei com o Dimas. Ele disse pra avisar a você que já está resolvendo aquele negócio. Tá bom? Até mais!

Essa é a segunda vez que ouço falar nesse tal de Dimas, que eu não conheci e nem sei o que pode ser o aludido negócio que ele tem combinado com Rute. A primeira vez foi quando fiz minha terceira visita à minha antiga casa. Não sei quem ele é e tampouco sei que tipo de negócio é esse, mas não vou esperar aqui para descobrir isso. Já revi meu cachorrinho Poti que era o que me interessava e a partir de agora vou deixar-me flutuar por aí, sem qualquer compromisso, para ver o mundo que já não é meu. Poder fazer isso é uma das vantagens de estar morto. Não há um tempo que possa ser cobrado, não existem distâncias que possam implicar em uma demora ou atraso, não há espera pela estada ou presença, não se lhe impõem exigências de nenhuma natureza, nem há cobranças de espécie alguma sobre quem não mais está vivo. Se comparadas essas vantagens com o que se cobra e se impõe aos que ainda não morreram nem se imagina o quanto elas ganham de longe. Se eu considerar isso ao pé da letra sou até capaz de dizer que agora eu estou melhor. Posso estar em minha antiga casa, numa fração de segundo estar aqui na casa de Helena, noutra fração flutuar pela avenida com árvores

frondosas onde moram pássaros, visitar a casa de minha mãe, ver meu escritório e local de meu antigo trabalho e assim por diante. Sou capaz de fazer tudo aquilo que seria muito bom se eu pudesse fazer quando em vida. Mas sei que querer isso seria querer demais! Já me bastam as vantagens de ser um morto, invisível e imperceptível.

Nesse instante, estou junto à escola de meu filho Cláudio e o vejo enturmado entre os colegas que chegam para o período da manhã. Ele não está isolado nem encolhido, o que é muito bom. Aqui ele parece bem diferente, comunica-se bem com os colegas, mantém-se sorridente o tempo todo e está feliz como se esse fosse seu verdadeiro mundo, sem as constantes implicâncias de sua mãe. Embora eu conheça essa escola desde o tempo em que nela fui secundarista, nunca acompanhei meu filho até seus portões, nem busquei saber como nela ele se comporta. Só sei que ele sempre foi e é um bom aluno obtendo boas notas, nunca tendo perdido um ano escolar. Seu irmão também passou por aqui e o fez no sentido literal dessa palavra: simplesmente passou por ela como se cumprisse um período de iniciação ao qual se obrigam os jovens para depois se lançarem no mercado de trabalho. Não creio que Cláudio, a exemplo do irmão, simplesmente vá passar por ela. Seu gosto pelos estudos, e sendo ele viciado na busca do conhecimento, provavelmente o levará a tentar ingresso num curso superior que lhe interesse. Com dezesseis anos para mim ele ainda é uma criança. Mas tem futuro!

A morte que eu vivi

SEGUNDO CAPÍTULO

I

Agora estou observando Rute saindo de casa logo após o almoço e eu a sigo sem ter a menor ideia para onde ela deve estar indo. Em vida jamais espionei os passeios ou as saídas de Rute, que por sinal não eram tão frequentes e, mesmo agora, não considero esse acompanhamento como sendo uma espionagem ou uma invasão de privacidade. Qualquer que seja seu destino ou finalidade de sua saída, isso não vai me importar e nem poderá ter qualquer interferência ou reação de minha parte. Quero apenas saber para onde ela vai ou com quem irá se encontrar na liberdade que sempre lhe foi permitida. Ela está vestida com melhor aprumo, não da forma usual ou à vontade como quando saía para simplesmente ir ao mercado ou à farmácia, o que me faz pressupor que irá tratar de algum assunto ou encontrar-se com alguém importante. Se for isso, essa será a primeira vez que Rute se encarrega de algo assim, porque antes era só eu quem cuidava de todos os negócios da casa, a ela não restando nenhuma obrigação de pagamentos, idas ao banco ou tratativas de negócio. Isso sem falar que eu ainda tinha que ouvir dela que eu era um inútil e negligente e que não resolvia nada das coisas em casa.

Continuo a segui-la de perto, vendo-a caminhar durante pouco mais de meia hora até o centro da cidade. Sempre que saía para pequenos compromissos nas proximidades de casa, Rute dispensava o uso de seu carro e também preferia caminhar. Dirigia mal e tinha preguiça até de tirar o carro

da garagem. No centro, ela chega a um pequeno prédio que exibe uma placa indicativa de que ali existe um escritório de advocacia civil, trabalhista e previdenciária. Toca a campainha. Eu entro com ela. Na recepção é atendida por uma jovem secretária a quem anuncia.

– Quero falar com o doutor Dimas. Diga que é a dona Rute. Ele já sabe do que se trata.

Por fim descubro quem é Dimas: um advogado que certamente foi ou está sendo constituído por ela para encarregar-se do inventário do espólio que deixei. Entro junto no gabinete desse advogado e acompanho o diálogo entre ambos.

– Bom dia Dimas. Achei que seria mais interessante vir falar pessoalmente com você para a gente resolver de uma vez por todas as questões do inventário de meu marido. E tem mais algumas coisinhas que eu também quero falar.

– Bom dia dona Rute. A senhora fez bem de vir até aqui. Sente-se aí. Vamos lá. Primeiro eu digo para a senhora que já está pronta a petição para dar entrada no processo de inventário e a senhora vai ser a inventariante. A relação dos bens deixados por seu marido está me parecendo completa, pelo que a senhora me informou. Vamos ver: uma residência no bairro das Mangueiras aqui na capital que é onde a senhora atualmente mora; o sobrado onde funciona o escritório que era de seu marido; o próprio escritório do qual ele era sócio; um apartamento no Guarujá; uma casa na vila dos Recreios que hoje está alugada e os dois automóveis. É isso?

– Tem mais as duas contas que ele mantinha nos bancos Itaú e do Brasil, doutor. E eu também quero saber se ele tinha aplicações financeiras.

– Sim, mas por enquanto nós só temos os números dessas duas contas. Ainda não sabemos qual o montante que restou depositado em cada uma delas ou se ele tinha ou não

aplicações financeiras. O juiz é que vai ordenar ou habilitar a senhora para fazer esse levantamento.

– E o seguro de vida que ele tinha, doutor? Nós combinamos que você iria ver isso o mais rapidamente possível.

– Dona Rute, eu já encaminhei à seguradora todos os papéis que eram necessários, inclusive a certidão do óbito, cópia do contrato e tudo o mais, mas isso não é uma coisa que se resolve do dia para a noite. Tem alguma burocracia a ser vencida.

– Mas doutor eu preciso desse dinheiro logo. São R\$ 170.000,00. Se tudo está comprovado direitinho, a morte de meu marido, não dá pra apressar isso, não? Você me disse que isso sairia logo. Eu tive que arcar sozinha com as despesas do funeral e não recebi nada ainda! Cheguei a gastar algum dinheiro na casa...

– Sabe, dona Rute? É bom a senhora não antecipar muita despesa não, porque isso pode demorar um pouco. Geralmente a seguradora manda fazer uma investigação sobre a morte do segurado para só depois liberar o prêmio ao beneficiário.

– Investigar o quê, doutor? Não estão lá a certidão de óbito, a cópia do contrato do seguro que eu fiz e os comprovantes de pagamentos das mensalidades que todo mês eu pagava direitinho? Que é que eles querem saber mais? Que fui eu que matei ou mandei matar meu marido?

– Não é bem isso, dona Rute. Eles não querem saber quem matou ou mandou matar seu marido. Não é esse o caso. É que é normal eles fazerem uma investigação caso a caso. Mas de qualquer maneira eu vou tentar apressar isso, tá bom? Pode confiar em mim!

– E quanto ao inventário, doutor? Eu quero ficar com a casa onde moro e o carro que era dele. Só pra mim.

– Eu já falei para a senhora que a partilha de bens obedece ao que está previsto em lei. A senhora é meeira. Quer dizer que a senhora fica com a metade dos bens e a outra metade é dividida entre os herdeiros necessários que no caso são seus dois filhos. Como um deles é menor e não há testamento, o formal de partilha tem que ser feito de acordo com o que está previsto em lei. Tudo vai ter que ser dividido. Metade para a senhora e a outra metade para os dois filhos. Entendeu?

– Entendi, mas se eu vou ser a inventariante porque é que eu não posso fazer a divisão como eu quero que seja feito?

– Não, dona Rute. A senhora não pode. As coisas não podem ser como a senhora quer. O que a senhora pode, se quiser, é ficar com o usufruto do imóvel em que a senhora está morando hoje. Pode ficar nele enquanto a senhora viver sem poder ser vendido ou tomado da senhora. Agora quanto ao carro não tem problema, a senhora poderá ficar com ele.

– E os outros imóveis, caso da casa que está alugada ou do apartamento no Guarujá? Posso vender um ou outro se eu quiser? Como é que fica?

– Seus filhos têm o direito de perceberem metade do valor do aluguel que é pago hoje. Agora, como inventariante a senhora pode vender um ou outro na hora que a senhora bem entender. Só que o produto da venda terá que ser dividido entre os herdeiros. Metade é da senhora e a outra metade vai para seus dois filhos.

– Tá bom. Sabe, doutor? Eu espero que essas coisas andem um pouquinho mais depressa porque eu não estou gostando nem um pouco dessa morosidade, tá bom? Até mais.

– Até mais, dona Rute.

Percebo que Rute saiu dali visivelmente inconformada por ter sabido que as coisas não poderiam ser feitas da maneira como ela pretendia. Sempre foi de seu estilo impor sua vontade de forma irascível. Noto que os músculos de sua face se contraem e ela aparenta estar momentaneamente vencida, o que para ela deve ser algo torturante. É assim que a vejo saindo daquele escritório. Sempre foi impositiva, comportando-se ou agindo de maneira arrogante, nunca admitindo posturas que lhe fossem adversas ou contrárias às suas vontades. Pelo visto, o que ela pretendia era que tudo fosse feito à sua moda, de acordo com seus particulares interesses, e não esperava que tivesse que se submeter a ninguém, nem às normas legais que certamente desconhecia. Pelo que me foi dado perceber, para ela eu devo ter passado a ser ou a significar apenas um meio através do qual ela pretende obter vantagens financeiras, derivadas diretamente de minha morte.

Eu nem sabia que havia um contrato de seguro de vida em meu nome, tendo-a como única beneficiária. Essa contratação deve ter sido feita por ela, através da internet, com o fornecimento de todos os meus dados cadastrais sem precisar de minha assinatura presencial. Lógico que tudo foi pago com meu próprio dinheiro, com o fornecimento do número de meu cartão de crédito que pouco eu controlava, e é bem provável que, para ela e depois disso, eu tenha passado a valer muito mais morto do que vivo. Minha morte virou algo que pode lhe ser rentável e ela está tentando tirar o maior proveito possível desse fato. Que maléfica intenção ela teria tido ao contratar esse seguro de vida, mesmo sabendo que eu não era nenhum idoso que estava na antessala da morte, e muito menos alguém possuidor de doença degenerativa ou em fase terminal? Sinceramente eu não posso nem imaginar. Eu estava no gozo de minha mais

perfeita saúde, como é que poderia ser previsível que eu morreria tão logo?

E afinal eu morri de quê? Só agora é que começa a ser despertado em mim um certo interesse em descobrir qual teria sido a verdadeira causa de minha morte, e penso até que vão ser necessárias algumas explicações sobre alguns fatos ou informações técnicas, que me parecem que ainda não foram dadas ou não são conhecidas. Tudo ganha uma relevância maior a partir do que agora eu passei a saber, embora eu também saiba que não vou poder adotar nenhuma medida modificadora ou qualquer providência, mesmo vindo a ter conhecimento de que alguém possa ter interferido para causar minha morte. Se foi assim o que me restará fazer? Nada! Sou apenas uma energia volátil, que flutua sem nenhuma capacidade de promover a menor alteração na ordem das coisas nesse mundo dos vivos. Mas que a partir de agora me interessa saber, isso sim me interessa! Ainda que eu não saiba o que fazer ou que não possa fazer nada. Estão comigo todas as minhas lembranças dos últimos tempos em vida e vou retomá-las uma a uma, principalmente as que disserem respeito a Rute.

Rute não voltou diretamente para casa. Antes entrou numa loja de roupas femininas e demorou-se lá dentro. Examinou diversas peças das araras da loja, perguntou por seus tamanhos e respectivos preços, provou duas ou três delas e acabou saindo sem comprar nenhuma. Nada que lhe servisse ou nada que lhe agradasse. Aliás nunca foi fácil agradá-la em nada! Ela foi capaz de incomodar e irritar até mesmo a jovem da loja que gentilmente a atendeu e a acompanhou o tempo todo como se ela merecesse atenção especial. Depois retomou sua caminhada em direção de casa com passos que pareciam mais pesados do que antes. Um andar que cansava

só de ver. Quando uma pessoa é irritável por natureza, qualquer pequena coisa já basta para irritá-la e Rute não só sempre foi uma pessoa irritante como é irritável. Melhor é sair ou não ficar perto dela para não ser azucrinado.

Meu filho Cláudio nunca gostou muito da mãe e procurava afastar-se o mais possível. Não sabe o que é carinho de mãe. Talvez por isso é que ele tenha optado por viver recolhido em si mesmo, adotando uma postura de distanciamento e isolando-se na maior parte do tempo. Isso quando dentro de casa. Vi que na escola, não. Lá, ele se enturma bem. Já o Lucaz sempre foi um expert em esquivar-se dela, sabendo contornar sua chatice sem bater de frente e, acredite, isso acabava por irritá-la ainda mais. Rute não conseguia tirá-lo do sério, por mais que tentasse. E ela tentava de manhã, de tarde e de noite. Hoje fica bem claro para mim que esse meu filho mais velho sempre foi quem melhor soube viver em casa. E olha que eu pensava que quem sabia mais era eu! Nunca consegui me imunizar do ódio que exalava de Rute e que contaminava todo o ambiente doméstico. Muitas vezes ela me fazia sentir inseguro, como se tudo estivesse contra mim e como se uma catástrofe estivesse à espera da hora certa para chegar à porta e tomar de assalto a casa. Como se uma desgraça anunciada estivesse por acontecer ali. Sei lá! Rute me parecia ser a própria desgraça.

Prossigo observando de perto sua caminhada de volta à casa. Um andar cada vez mais pesado. Ela não olha para os lados nem cumprimenta ninguém com quem cruza. Decerto nem responderia se alguém a cumprimentasse, tal a sua casmurrice. Quando ela se aproxima de casa eu a deixo porque não tenho o menor interesse em entrar com ela. Transporto-me de volta para o escritório do Dr. Dimas, esperando ouvir alguma coisa a mais que emende ou complete

aquilo que eu já ouvi. Há mais dois homens engravatados no escritório, talvez outros advogados que nesse momento pouco falam entre si. Os telefones tocam com certa frequência e vejo cada um deles atender a um chamado. Dimas é um que está se explicando a um provável cliente sobre a demora de solução para o caso dele. Nada do assunto ser sobre Rute.

Porque deduzo que seria infrutífero permanecer ali, resolvo desistir de continuar ouvindo o que os advogados falam e deixo-me fluir até o local do emprego de Lucaz, mais para revê-lo do que para ouvir dele qualquer coisa que no momento possa me interessar. O escritório de contabilidade no qual ele é empregado fica no terceiro andar de um prédio bem no centro da cidade e nele trabalham no mínimo umas vinte pessoas. Ambiente amplo, bem arejado, sem divisórias entre as mesas e denotando haver ali um clima de cordialidade entre todos. Lucaz ocupa uma mesa ao fundo, volumes de pastas à sua esquerda, e está digitando em um computador. Vejo que ele está bem trajado, vestindo uma boa camisa de mangas compridas, uma calça escura e usando sapatos bem lustrados. É um jovem bonito, tem corpo atlético e já disseram ser parecido com o pai, o que sempre me deu um certo orgulho. Acho que ele se parece comigo, mas é principalmente pela sua maneira de ser, embora eu reconheça que ele sempre foi melhor do que eu, quando se tratava de contornar problemas, fosse com a Rute ou com qualquer outra pessoa. Sei que ele não é ambicioso e muito menos seria capaz de ludibriar alguém para obter benefícios pessoais. É uma pessoa honesta. Trabalha há três anos nesse escritório, desde seus dezessete anos, sendo um dos mais antigos funcionários da empresa, sem nunca ter reivindicado aumento de salário ou promoções. É um ótimo auxiliar de escritório. Nesse ponto acho até que ele é passivo demais. Ele sabe que é indispensável em sua

função e presta inestimáveis serviços à empresa, é respeitado pelo seu chefe e merecia estar sendo melhor remunerado. Mas nunca insinuou um pedido de aumento.

Fiquei sabendo que ele chegou junto comigo ao hospital para onde eu fui levado no dia de minha morte. Inconformado chorou muito e depois foi quem procurou pelos médicos que me atenderam para saber deles o que é que havia causado minha morte. Questionou bastante sobre isso até ficar convencido de que minha morte se dera por causas naturais. Disseram-lhe que eu tinha sofrido uma parada cardiorrespiratória. Depois do choro convulsivo quando na chegada, ele passou a ser o mais lúcido e equilibrado membro da família presente no hospital. Prestativo como sempre, foi ele quem cuidou de obter a certidão de óbito e de levar toda a papelada ao cartório e à Prefeitura, para acertar detalhes do enterro de meu corpo. Eu sempre admirei essa sua preseteza. Acho que ele não sofrerá tanto com a ausência do pai, porque bem sabe desvencilhar-se da danosa influência da mãe e saberá muito bem tocar sua vida sozinho.

Eu o observo trabalhando e admiro sua juventude. Eu tinha pouco mais que sua idade quando me casei com sua mãe. Ser jovem assim é viver o melhor tempo da vida, mas em compensação é também a época em que a gente faz as mais imprevisíveis e descabidas coisas, das quais depois se arrepende na maioria das vezes. Meu casamento com Rute foi uma das minhas burradas cometidas quando nessa idade. Talvez a maior burrada! É um exemplo típico da imprevisão de um jovem que age mais por impulso, e se distancia da razão por não pensar nas consequências para o amanhã. Para os jovens dessa idade é como se o amanhã não existisse. Só querem saber do que é bom agora, no presente, sem pensar no futuro. São só eles que definem o que lhes é importante

pouco se incomodando com os conselhos que acaso venham a ser dados pelos pais. Gastam todo seu dinheiro de forma inconsequente e acham que poupar ou investir em algo perene é coisa de velhos que não sabem curtir a vida. Por diversas vezes eu recomendei ao Lucaz que financiasse a compra de um terreno para no futuro construir sua casa, mas ele nunca me deu ouvidos. Essa era uma ideia absolutamente incompatível com sua maneira de viver a vida e não posso censurá-lo porque também eu, em minha juventude, era assim. Eu gastava todo meu dinheiro em coisas fúteis, sem critério algum. Nem pensar em adquirir algo para ter um patrimônio no amanhã. Meu futuro também era o agora. A grande diferença entre Lucaz e eu é que eu cresci sem os conselhos de meu pai, que perdi aos onze anos. Quem sabe, se eu o tivesse tido a meu lado durante a vida, ela poderia ter sido bem diferente da que foi. Certamente eu teria sabido ouvi-lo. Mas será que essa minha afirmação é realmente uma verdade ou é apenas o que eu acho hoje, depois de ter vivido por mais de 45 anos? Como é que posso esperar que um jovem de vinte anos pense como um homem de 45? Só a escola da vida é que nos ensina a viver. Enquanto isso, vamos batendo cabeça e cometendo os mesmos erros que os jovens de ontem cometeram, enquanto os mais velhos vão continuar sendo considerados como ultrapassados.

Tenho vontade de continuar mais tempo olhando para meu filho Lucaz e me imaginando em seu lugar. Que bom seria se a gente pudesse voltar à juventude com a experiência adquirida ao longo da vida. Tudo seria muito mais importante e o valor das coisas seria diferente, bem outro! Eu não teria me casado tão cedo com a primeira namorada que tive e que supus que fosse o grande amor de minha vida, de quem eu jamais deveria me separar. Foi um encantamento e uma

ilusão de jovem, que me iludiram e me entorpeceram a ponto de eu ter julgado como se estivesse à frente de uma situação insuperável. Caí na primeira armadilha e nunca poderia imaginar que depois eu iria passar o tempo todo tentando me desvencilhar dela. E, por melhor que fosse, não haveria conselho que me desviasse de minha intenção.

II

Eu me recordo que quando conheci Rute e a apresentei à minha mãe como sendo minha namorada, a recepção a essa novidade não foi nada parecida com a que eu imaginava. Minha mãe foi extremamente formal nos cumprimentos, sem demonstrar nenhuma alegria em conhecê-la. Não a recepcionou como alguém que poderia vir a integrar a família, ser sua nora e mãe de seus netos. Só algum tempo depois é que eu vim saber que desde esse primeiro encontro ela não aprovara meu namoro com Rute. Não o namoro em si, mas a namorada Rute, mesmo não tendo deixado transparecer sua desaprovação nesse primeiro encontro. Só bem depois é que ela me disse o porquê. Qualquer manifestada contrariedade naquele momento poderia representar uma atitude desestimuladora do filho que pela primeira vez estava iniciando um namoro. Ademais, era simplesmente um começo de namoro, uma primeira namorada, sem maiores compromissos, e ninguém poderia imaginar que dele iria resultar casamento. Bem possível que minha mãe deva ter pensado que outras namoradas viriam e que um acolhimento da primeira com mesuras demasiadas poderia não ser de conveniência. Por outro lado, apegar-se à primeira delas poderia ser um estímulo indevido a seu filho, o que também por ela devia ser evitado.

Mas não foi por nenhuma dessas razões que Rute não veio a ser recebida por minha mãe com cumprimentos repletos de delicadeza e de cortesia. Só quando eu já estava casado

é que me dei conta de que as mães têm um apurado sexto sentido que as tornam capazes de adivinhar antecipadamente se alguém pode vir a ser benéfico ou maléfico para seus filhos. Tanto assim o é que quando eu era menino ela sempre emitia opiniões sobre amizade que eu iniciava com garotos da vizinhança. “Esse menino não serve para ser seu amigo”, ela dizia. “Ele vai te levar para o mau caminho. Acho bom você se distanciar dele”. Ou então ao contrário: “Veja só o comportamento desse menino, ele serve de bom exemplo pra você”. Quanto à Rute, assim que eu lhe comuniquei que iria me casar, ela não tardou em me dizer que eu deveria tomar muito cuidado com ela porque “ela tem muita maldade no coração e não irá te fazer feliz”, explicou-se, acrescentando que achava ser ela uma pessoa gananciosa, sem escrúpulos, que não gostava de animais e que seria capaz de cometer qualquer barbaridade para obter o que desejasse. Mas evitou se opor ao casamento, para não me contrariar. Quis abrir-me os olhos e (que penal) eu não os abri. Prossegui o namoro e, sem período de noivado, marcamos o casamento para cinco meses depois, num final de junho.

No entanto, para mim Rute era a namorada perfeita, ainda que não muito carinhosa e de poucas palavras. Era o que eu achava, embora não tivesse termo de comparação, porque eu não tivera namorada anterior. Eu admirava sua seriedade, que depois veio a ser transformada em carranquice, e admitia ser normal sua aversão por novidades que alterassem a rotina de seu cotidiano. Na época, ela trabalhava num laboratório farmacêutico onde se dava muito bem, pois possuía uma formação básica em química e demonstrava ter grande interesse em realizar experimentos, o que é uma característica importante para um bom profissional dessa área. Dominava técnicas, equipamentos e materiais do laboratório onde

prestava seus serviços e isso a auxiliava em muito na prática de suas atividades profissionais. De minha parte eu era um iniciante corretor de imóveis ainda inexperiente e calouro de mulheres. Sem me aperceber fui me deixando seduzir pela Rute, até cair por completo numa paixão juvenil, que pouco tempo depois eu descobriria não ter nenhuma porta de saída. Rute tinha me laçado e o nó que ela havia dado em mim não tinha mais como ser desfeito.

No primeiro ano de casamento a vida transcorreu sem solavancos nem entreveros, alimentada pela enganosa sensação de que nós nos bastávamos para ser felizes. Rute ainda se mostrava como uma menina paciente e sensata, suportando as primeiras dificuldades de um casal morando em casa de aluguel e com limitado orçamento familiar. Lucaz nasceu logo e eu via Rute como uma mãe zelosa, dedicando todo seu tempo à criança, porém não demorou muito para que eu me desse conta de que, lentamente, eu estava sendo deslocado para ocupar o segundo lugar no seio da família. Lucaz passou a ser o primeiro. Após a licença maternidade, Rute decidiu permanecer em casa não mais voltando a seu emprego, e fazendo com que eu tivesse que me desdobrar sozinho para a manutenção da casa e o sustento da família.

Quatro anos depois do casamento nasceu Cláudio, ainda em tempos difíceis de um começo de vida. Rute já não era mais a mesma pessoa. Seu comportamento mudara e seu humor para bem pior. Ela começava a se mostrar irritada com mínimas coisas, até os cuidados que deveria dispensar ao novo filho não eram iguais aos que dispensara a Lucaz. Incomodava-se com o choro constante de Cláudio que nascera com menos peso do que Lucaz e que era bem mais frágil. Para mim, Rute deixava ver que não tinha gostado nada desse segundo nascimento e que talvez tivesse preferido que

fosse uma menina, embora ela nunca tenha dito isso abertamente. Tratava Cláudio como se ele fosse uma criança apenas manhosa e não que estivesse carente de maior afago e atenção. Começou a ser agressiva até com Luiz como se também ele tivesse se transformado num incômodo em sua vida. E ele só tinha pouco mais de três anos. A aparente mãe amorosa que antes eu supunha que ela fosse, estava deixando de o ser e eu acabei por ser transformado no alvo predileto de suas críticas ferinas.

Rute passou a controlar tudo o que me dizia respeito, todos os meus passos, minha agenda, minha correspondência, minhas despesas e meus encontros profissionais. Queria me tornar subjugado não só à sua vontade como a seu pretense poder. Enquanto isso, ela envelhecia com rapidez, principalmente por dentro. Tornava-se numa pessoa ranzinza, reclamava que eu a abandonava sozinha o dia inteiro em casa cuidando das crianças, enquanto eu ficava no “bem-bom” lá fora, sem considerar que o sustento da família dependia exclusivamente de meu trabalho. Acusava-me, sem nenhum fundamento, de ser leviano e infiel, levando sua imaginação a criticar até mesmo meus contatos profissionais com mulheres que compareciam ao escritório à procura de casas para alugar ou comprar. Para ela, era como se todas essas minhas clientes tivessem a premeditada intenção de manter relações íntimas comigo. Ai de mim, se minha volta à casa depois do trabalho tivesse uma demora inusitada! Examinava minhas roupas, cheirando-as à busca de perfumes estranhos, ou de coisas eventualmente nelas esquecidas. Por pouca coisa Rute virava uma onça, ameaçando abandonar a casa e voltar a morar com seus pais levando as crianças consigo. Eu nunca lhe pedi para que não fizesse isso, nem tentei impedi-la de fazê-lo. Simplesmente eu me recolhia calado – quando eu conseguia

suportar seus ataques – e esperava que tudo ficasse no campo das ameaças. Essa não era a melhor atitude na busca de solução para algo que sabidamente viria a se repetir, mas era a maneira de eu obter pelo menos uma acomodação temporária das coisas. Não raramente, ela fazia acusações exacerbadas, insistindo que eu estaria saindo com outras mulheres e que ela estava sendo abandonada. Nunca levou em conta que eram seus surtos de ciúmes e suas agressões verbais que acabavam por me estimular e justificar algumas saídas que eu realmente tive com outras mulheres. Progressivamente, Rute ia perdendo a lucidez e o bom senso e também eu passava a lhe dedicar menor respeito. As brigas vieram a se tornar cada vez mais frequentes.

Rute aproveitava-se das visitas que Helena fazia à minha casa para desfiar supostos casos que, segundo ela, eu estaria tendo às escondidas; com isso exercia uma nefasta influência sobre minha irmã, com o fito de ganhar uma aliada. E, claramente, esse seu comportamento não era o produto de um ciúme que até certo ponto é natural, comum e compreensível nos primeiros anos de um casamento em que o marido se ausenta para trabalhar fora o dia todo e a mulher se vê isolada e prisioneira em casa cuidando de filhos. Não, não era e nunca foi esse tipo de ciúme. No caso de Rute era realmente uma tara, um defeito moral congênito, que demorou algum tempo para que eu percebesse e buscasse formas e meios para com isso conviver. A melhor maneira de evitar encrenca exacerbada era cuidar de não dar vazão às suas alucinações. Muitas vezes eu a deixava falando sozinha na sala ou só ia para meu quarto quando sabia que ela já estava dormindo. Pouco a pouco, Rute foi se transformando numa outra mulher. Amarga, revoltosa, cruel, buscando vingar-se de todos por alguma coisa que ela imaginava que contra ela

tivesse sido feita. Eu admito que tive um ou dois casos extra-conjugais, que perduraram por algum tempo e que acabaram por não me ajudar em nada, bem ao contrário, só me prejudicaram ainda mais. Mas entendo que não fui eu o único causador do péssimo relacionamento conjugal que tivemos. Eu também me sentia como uma vítima do comportamento de Rute e isso fez com que eu passasse também a lhe dar um tratamento cada vez mais agressivo, julgando estar em minha defesa. Nós nos destruíamos mutuamente.

As crianças cresciam num ambiente hostil, vendo na mãe a figura de uma madrasta má que as inculpava por tudo o que acontecesse de ruim, fosse com ela, fosse na casa. De minha parte reconheço que sempre fui um ausente, não acompanhando de perto o crescimento de meus filhos. Mas isso era decorrente de meu trabalho, não de minha vontade. Quando menino, Lucaz dedicava seu tempo ao redor de seus brinquedos, fingindo não ouvir o falatório, os reclamos da mãe ou as brigas dos pais. Cláudio, desde pequenino, isolava-se em seu quarto, por vezes choramingando sozinho. Nem mesmo a melhoria financeira por mim alcançada e que permitiu que eu abrisse uma empresa imobiliária própria, em sociedade com um velho amigo também corretor, e que três anos depois me habilitou à compra de uma boa casa onde eu passei a morar melhor com a família, serviram para tornar minha vida mais agradável.

Quando Cláudio completou quatro anos ele foi matriculado numa escola infantil e, sem nenhuma participação ou aquiescência minha, Rute optou por retomar seu emprego no laboratório farmacêutico porque, com os dois filhos na escola, ela disporia de tempo livre para trabalhar em meia jornada. Isso veio aliviar um pouco a tensão de sua permanência duradoura dentro de casa. Pela manhã, era ela quem

levava e deixava as crianças na escola, para de lá seguir direto para o emprego, retornando só no começo da tarde para pegá-las. Esse seu trabalho perdurou por três anos e eu não posso negar que foi um período em que nosso relacionamento conheceu algumas melhoras. As brigas conjugais viram-se reduzidas, o mau humor de Rute era abafado pelo seu cansaço e tudo estava a indicar que seríamos capazes de retomar um relacionamento no mínimo respeitoso. Sua remuneração jamais chegou a se somar ao orçamento familiar. Aliás, diga-se de passagem, o que ela recebia era alguma coisa quase que simbólica, mas o simples fato de ela ter um trabalho fora que a ocupava, e a obrigação de levar e de pegar as crianças na escola faziam com que ela chegasse relativamente cansada em casa, menos disposta a pensar em besteiras ou a criar problemas para si ou para os outros. Eu, que estava vendo o casamento à beira de uma ruptura total, cheguei a acreditar que ele se manteria.

III

Quando Rute tornou a deixar seu emprego no laboratório, por decisão dela própria e sem tecer o menor comentário sobre o motivo porque o fizera, a desarmonia voltou a ocupar lugar na casa e no seio da família. Os meninos não mais necessitavam ser levados à escola, caminhavam juntos vencendo a pequena distância de casa até lá. Rute não se importava em levá-los de carro e pouco cuidava de aprontá-los para as aulas. Limitava-se a lhes preparar o café da manhã retomando sua postura de madrasta enquanto reclamava até de seus botões.

Como era comum eu sair de casa quase à mesma hora que os meninos, era normal que eu os acompanhasse até uma certa altura do itinerário, próximo da escola, seguindo depois em direção a meu escritório, muito embora, uma vez ou outra, esse acompanhamento não se desse, porque eu dormia até mais tarde e eles já tinham seguido sozinhos. Isso era o bastante para que Rute voltasse a me infernizar como se eu estivesse me furtando de cumprir uma obrigação assumida. Lá vinha a ladainha costumeira. “Você é um inútil, não presta pra nada”. Melhor era ignorá-la e não responder, para que uma encrenca não se prolongasse e, por vezes, eu a deixava falando para os ares. Mas nem sempre eu agia com essa prudência, o que fazia resultar em trocas de agressões verbais. Não havia mais respeito mútuo entre nós.

Eu sabia que minha irmã Helena ia à minha casa com certa frequência e lá permanecia horas e horas na companhia

de Rute. Porém isso só se dava quando eu estava no trabalho. Não aos domingos. Nunca soube sobre o que conversavam por tanto tempo, porém suponho que não era sobre nada construtivo. Helena também era uma mulher negativista e insolente, qualidades ou defeitos que a aproximavam muito de Rute, daí a afinidade das duas. Outras vezes, Rute ia à casa dela; sua permanência lá não era longa e só se dava quando os meninos estavam na escola e eu no escritório. Não me lembro de chegar em casa e não encontrar Rute. Ela sabia a hora em que eu chegava e sempre estava à minha espera, para controlar meu horário. Não para me recepcionar com boas-vindas, mas para me azucrinar logo à chegada, sobre coisas que eventualmente faltavam em casa e que bem poderiam ter sido resolvidas por ela mesma. Ela tinha tudo para resolver pequenos problemas domésticos. Sempre lhe deixei algum dinheiro em casa, carro à mão, e ela tinha tempo disponível. Era como se ela deixasse de propósito pequenas coisas acontecerem para que depois pudesse me inculpar.

Jantávamos num silêncio que só era quebrado por um ou outro chamado de atenção que Rute fazia a Cláudio sobre sua postura à mesa ou uma brincadeira sempre irreverente que Lucaz fazia. Não era um jantar cerimonioso, antes disso, era uma reunião quase que forçada com a obrigatória presença de todos, horário certo para começar e para terminar. Rute tinha seu inadiável compromisso de assistir à novela depois do jantar. A formalidade não espontânea só era quebrada quando Lucaz se atrevia a fazer uma brincadeira comigo ou com o irmão mais novo e sobre a qual só eles riam. Rute parecia envelhecida pela cara de poucos amigos que mantinha. Eu também procurava não falar à mesa.

Ninguém podia reclamar da comida posta. Se estava salgada demais ou se faltava sal, se a carne estava mal passada

ou passada demais. Os meninos tinham que comer tudo que pusessem nos pratos, gostando ou não gostando da comida. A menor reclamação seria um insulto e um convite para briga. Ainda bem que ela era uma boa cozinheira e fazia questão de participar do preparo das refeições junto com Joana, uma senhora com fala mansa, mas um tanto sinistra, que há anos era nossa empregada e que fazia questão de posar de cúmplice de Rute, em todas as ocasiões e sob quaisquer circunstâncias. Eu nunca tive nenhuma intimidade com essa empregada. Eu não era seu patrão e como eu não ficava em casa durante os dias da semana e ela não trabalhava aos domingos pouco ou quase nunca eu falava com ela.

Quanto à comida que faziam não havia motivo para reclamação ou censura. Eu jamais reclamei. O tempero era elogiável e Rute tinha talento culinário para fazer com que o cardápio fosse variado, esmerando-se em por a mesa com um visual colorido. Essas qualidades contrastavam com seu comportamento. Só uma vez eu senti um sabor estranho no vinho que me foi servido. Isso se deu recentemente, mas me contive sem nenhum reclamo.

O tempo correu rápido até o ano em que eu morri. Nesse, a turbulência em casa via-se aumentada, como se nela fosse impossível estabelecer e manter uma convivência harmônica. As tardes e as noites tornavam-se pesadas e raivosas, quando não ameaçadoras, como se algo de muito ruim fosse acontecer no próximo minuto. Eu vivia ali dentro de casa quase que em estado de alerta, observando Rute encaramujar-se como se estivesse arquitetando algo contra mim. Para mim, ela era como uma serpente preparando-se para dar o bote. Passou a falar cada vez menos comigo e, quando o fazia, era para me dirigir provocações ou insultos. Uma discussão só não se iniciava quando eu me poupava de

escutá-la deixando-a falar sozinha, sem responder às suas inconveniências doentias. E isso a irritava ainda mais.

No outono desse ano, Cláudio iniciou seu terceiro ano do ensino médio, intensificando seus estudos com a intenção de ingressar numa Faculdade de Direito. Eu me orgulhava dele. Rute o censurava por não procurar um trabalho para ganhar seu próprio sustento, mas ele aprendeu bem cedo a não contestar suas reprimendas, preferindo aquietar-se sozinho em seu quarto. Nesse seu recolhimento, só lhe importava mergulhar na leitura de seus livros.

Lucaz continuava em seu emprego no escritório de contabilidade e não planejava fazer nenhum curso superior. Arrumara uma namoradina, com quem permanecia a maior parte de seu tempo livre. Não a trouxe para que a mãe a conhecesse, temendo que ela viesse a ser mal recebida, e eu a conheci por acaso, numa tarde de domingo, quando ambos estavam passeando pelas redondezas do bairro. Era uma jovem bonita, alegre e graciosa, comunicava-se muito bem e demonstrava estar apaixonada por Lucaz. Era bonito vê-los juntos, um casal perfeito, e eu me alegrei com esse namoro, embora tenha me esquivado de estimulá-lo, exatamente como fizera minha mãe. Nunca se sabe no que uma jovem comunicativa e atraente vai se transformar depois do casamento. Minha experiência nesse sentido tinha sido desastrosa.

Nesse ano, e por um tempo, Rute pareceu estar me dando uma trégua, ao deixar de me atacar em seus momentos de ira. Os atritos diminuíram. Como já foi dito, eu vivia em minha casa como se ela não fosse minha e nela eu não passasse de um intruso ou de um inquilino incômodo. Minha vida resumia-se em passar o dia inteiro no trabalho, retornar para o jantar e dormir em casa, mas em nenhum momento cheguei a pensar em divórcio, porque no fundo, no fundo,

eu tinha vergonha de meus filhos. Em toda a minha família não havia um só caso precedente, embora eu estivesse certo de que obteria o apoio tanto de minha mãe quanto de meus amigos, se eu resolvesse por um fim em meu casamento.

Rute era conhecida como uma mulher intolerante. Não havia razão plausível para que ela desferisse seus ataques gratuitos, produto de um total descontrole emocional. De nada adiantava tentar acalmá-la ou chamá-la à razão. Ela agia como se estivesse movida por sentimentos de vingança ou ressentimento contra tudo e contra todos que estivessem à sua volta, alimentada por um rancor latente que libertava a besta fera, perdendo totalmente seu autocontrole. Eu até achava que ela mesma se fazia uma mulher infeliz ao não saber alimentar sua vida com alegria. Sequer havia oscilações entre momentos de alegria e de tristeza, porque não existiam momentos em que a alegria brotasse de alguma coisa que ela admirasse. O interior de Rute era oco, vazio. Quem sabe oriundo de algum grave problema sofrido na infância, que eu não cheguei a conhecer. Ela nunca soube controlar ou administrar seu universo interior, deixando que o ódio e a revolta a dominassem, e só voltando a si depois de descarregar toda a sua ira ou de vomitar toda a sua raiva pela vida e pelo mundo. Por vezes, eu chegava a ter pena dela, por ver que ela não sabia viver como uma pessoa normal. Mas eu também era sua vítima. Tinha que cuidar de mim mais do que me preocupar com ela. Eu era o esteio da família. Ela que vivesse como queria viver, fazer o quê?

Eu nunca a instiguei, muito embora não deixasse de responder à altura a suas agressões verbais. Por vezes eu procurava evitar o menor questionamento sobre qualquer coisa que só a ela dissesse respeito, não exigia nenhuma explicação sobre seus atos ou comportamento e raríssimas vezes

fui eu quem iniciou uma discussão com ela. Mas eu nunca tive sangue de barata e isso era o pior. Acho até que eu tenha sido passivo demais ao longo do tempo e que tenha permitido que ela dominasse o ambiente doméstico com suas bravatas. Quem sabe se desde o começo eu a tivesse enfrentado com maior rigor, ela teria baixado a crista? Se eu a tivesse domado logo no começo? No mais das vezes, eu receava que uma reação exacerbada de minha parte pudesse conduzi-la à violência, e isso era o que eu não pretendia que acontecesse dentro de casa. Como ela não regravava sua conduta, era possível que facilmente derivasse da agressão verbal para a violência física, o que sempre eu quis evitar.

Eu imaginava que a mulher fosse a grande educadora do homem através de sua polidez, da moderação e da arte de agradar. Mas Rute era exatamente o contrário de tudo isso, sem nenhuma perspectiva de que amanhã ou depois pudesse tornar-se a mãe afetuosa, doce e terna, ou uma esposa respeitosa, companheira e amiga. Uma só vez nos últimos tempos eu me atrevi a lhe recomendar que fosse ao médico para, quem sabe, tomar algum remédio que a fizesse mais calma e cordata, para viver melhor a vida. Foi o bastante para que sua reação viesse com maior agressividade e, num ataque de nervos, gritar que quem precisava de remédios era eu e não ela. Nesse dia Lucaz e Cláudio testemunharam seu desequilíbrio e destempero. E essa não foi a primeira nem a única vez. Cláudio recolheu-se em seu quarto e Lucaz saiu de casa para só voltar na manhã seguinte. Essa saída de Lucaz foi motivo para que Rute dissesse que se algo acontecesse com ele a culpa seria toda minha. Não tinha jeito!

Eu me lembro que um dia Lucaz foi até meu quarto, me acordou e disse que sua mãe não tinha preparado o café da manhã nem se encontrava em casa. Foi um fato inusitado.

Isso nunca tinha ocorrido antes. Coube a mim preparar o café e acompanhar os meninos até próximo da escola sem saber aonde Rute teria ido tão cedo. No caminho, nós a encontramos andando à solta pela avenida, calçando chinelos de quarto e vestindo apenas um roupão sobre sua roupa de dormir. Estava com a cara amanhecida e com os cabelos em desordem. Lucaz foi o primeiro a abordá-la.

– Ô mãe, o que é que houve? Onde é que você foi?

A resposta foi a única que poderia ser esperada, e certamente não dirigida apenas a Lucaz, mas principalmente a mim que estava a seu lado.

– Não lhe interessa! Cuide da sua vida.

Mesmo sabendo que receberia outra malcriação, dessa vez eu me aprontei para tentar um diálogo de conciliação, ainda que soubesse que a iniciativa seria inútil.

– Rute, vamos voltar para casa? Eu acompanho você até lá. Vamos?

Então ela me fitou com seus olhos de cobra e foi como se eu representasse uma ameaça que ela respondeu com acinte.

– Não preciso de sua companhia, eu sei bem o caminho. Vou voltar sozinha.

– E o que é que você está fazendo aqui vestida desse jeito? Arrisquei perguntar.

Seu tom de voz subiu e ela se fez ainda mais agressiva ao responder aos berros.

– Desde quando eu lhe devo explicações sobre o que é que eu faço ou deixo de fazer? Vou aonde eu quiser e quando quiser e você não tem nada com isso.

– Então fique aí ou vá para onde você quiser, respondi também de forma grosseira e não exatamente com essas palavras.

Outra coisa eu não tinha que fazer a não ser deixá-la ali e prosseguir em frente. Lucaz e Cláudio olharam para traz diversas vezes e a viram caminhando desengonçada em direção à casa.

À tardezinha, quando eu e Lucaz retornamos, a casa estava mergulhada num silêncio quase que tumular, como se nela não habitasse ninguém. Rute estava na cozinha ajudando Joana, a empregada, que ultimava o jantar, porém sem com ela trocar uma só palavra. Era automática com seus movimentos ensaiados. Cláudio já devia estar enfurnado em seu quarto. Nem ela nem ninguém tocou no assunto relativo ao que ocorrera pela manhã, perdurando o silêncio inclusive durante o jantar, com todos da família sentados à mesa. Não era bem uma refeição em família, era mais como se fosse uma casual reunião de pessoas que não se conhecessem. Depois, a rotina prosseguia, com a televisão ligada nos canais dos noticiários do dia que eu me permitia assistir sentado num dos sofás da sala sendo depois mudada para o canal da novela de Rute, tudo sem haver a menor troca de palavras entre nós. Eu não permanecia na sala durante a exibição da novela e só após ela se recolher ou sair dali é que eventualmente eu voltava para ver televisão nos canais que me interessavam.

IV

Quando minha mãe me presenteou o Poti, a casa pareceu ter ganhado um pouco de vida. Ser recebido por ele com a festa que ele fazia quando eu chegava do trabalho, era alguma coisa agradável e muito confortante. Meu cachorrinho passou a ser meu amigo e companheiro, com quem eu podia falar o que eu quisesse sem receio de receber uma resposta malcriada. Dava-me um carinho desprezioso, não permitindo que eu ficasse triste ou raivoso e mantendo seu olhar de alegria a cada reencontro, enquanto abanava o rabo numa demonstração de reconhecimento e de benquerença. Isso era bom demais. Não sei como Rute o tratava quando ficava sozinha com ele, mas tenho certeza de que ela nunca se deu bem com ele, nem ele com ela. Todo cachorro percebe se uma pessoa lhe quer bem ou não lhe quer por perto e sua reação é recíproca. Rute nunca quis que Poti se aproximasse dela, afastava-o de si como se ele fosse indesejado e ele sentia isso, tanto que dela ele nunca procurou colo. Limitava-se a ficar deitado no chão da sala a uma meia distância, sem sequer fitá-la, aguardando a chegada de quem o estimasse. Não se atrevia a subir no sofá quando era só ela quem estava nele.

Umás duas semanas antes de minha morte, Lucaz me sugeriu que eu fizesse uma reunião em casa para tentar encontrar um meio de mudar o comportamento doentio e sempre acintoso de sua mãe e, ao mesmo tempo, procurar uma forma de pararmos com as brigas costumeiras. Ele era consciente de tudo o que de há muito se passava em casa.

Mesmo mantendo seu bom humor, desdenhava o comportamento da mãe e, certamente, também reprovava as encrencas dos pais. Justificou sua ideia dizendo que não adiantava nada só manter distância ou ser indiferente às grosserias da mãe, evitar suas provocações, ou deixar de contestá-la para contornar o problema. O problema ia continuar existindo e se agravar cada vez mais. Argumentou que era preciso enfrentar Rute e bater de frente com ela de uma vez por todas, pois seu comportamento estava passando dos limites e incomodando todo mundo em casa. Ainda que a mãe não se disponha a uma conversa amigável e se revolte começando com agressões verbais ou a dizer palavrões – disse Lucaz – a família tem que falar com ela para tentar convencê-la de que ela não pode continuar assim e que é preciso que vá ao médico, que tome algum remédio para se acalmar, sei lá.

Eu concordei na hora com a ideia de Lucaz porque havia lógica em seu propósito, e realmente era preciso dar um basta naquele estado de coisas. Eu mesmo já estava cansado de brigar com Rute. Quem sabe se todos juntos falássemos com ela numa reunião em casa ela poderia nos ouvir? Marquei a reunião para um fim de tarde em que todos pudessem estar presentes. Só Cláudio é que no começo relutou um pouco e quis se esquivar, alegando que não iria discutir com a mãe porque seria inútil qualquer tentativa de conversa com ela. Porém, depois acabou cedendo, e garantiu que estaria presente, ainda que não fosse falar nada.

Essa programada reunião deu-se na tarde de uma sexta-feira. Lucaz e eu deixamos o trabalho um pouco mais cedo, entramos silenciosamente em casa e nos acomodamos quietos na sala. Poti veio se aninhar em meu colo. Cláudio saiu de seu quarto e, ainda meio emburrado, juntou-se a nós, permanecendo calado. Rute estava enlevada na cozinha e com Joana

iniciava o preparo do jantar, nem tendo se dado conta de que eu e Lucaz já tínhamos chegado do trabalho. Foi Lucaz quem se encarregou de ir chamá-la para vir até a sala mentindo que queria lhe mostrar uma coisa. Quando ela me viu sentado ali com Cláudio a meu lado deve ter suposto que estávamos à sua espera e que alguma coisa estava sendo armada. Tentou retornar para a cozinha, no que foi contida e convencida por Lucaz, que então lhe contou que se tratava de uma reunião programada e que era muito importante que ela participasse. Mesmo contrariada, Rute não teve outra saída senão ceder e vir para a sala. Sentou-se de maneira deselegante e de forma agressiva deixando cair seu gordo traseiro no sofá enquanto fulminava cada um de nós com seu olhar de cobra. Pelo que deu para perceber, ela não estava nem um pouco disposta a participar de nenhuma conversa amigável, principalmente comigo. Lucaz acomodou-se lentamente mais próximo dela, e, conforme o combinado, foi ele quem falou primeiro. E ele tinha jeito para isso. Eu falaria em seguida ou só depois que a conversa alcançasse um equilíbrio entre as partes, ou se fizesse necessária minha intervenção. Lucaz falou:

– Mãe, a gente está reunido aqui para falar de sua saúde. Todos nós estamos percebendo que a senhora não anda bem, não está feliz e vive encrocando com todo mundo. Então a gente acha que...

Rute interrompeu bruscamente o início da fala de Lucaz e deu o primeiro sinal de que o encontro não seria nada amistoso como se desejava. Sua intervenção mostrou a agressividade costumeira e deixou patente que ela não iria aceitar nem concordar com nenhuma opinião sobre sua pessoa ou sobre seu comportamento.

– Espera aí um pouco, rapazinho! Quem é que deu o direito de você ou de quem quer que seja se meter na minha

vida e vir dizer na minha cara que eu ajo assim ou assado? Se eu não ando bem ou não sou feliz isso é problema meu e ninguém tem nada a ver com isso. Quem é você para me censurar?

Lucaz curvou-se um pouco à frente como se com isso pudesse aproximar-se mais da mãe e emendou.

– Mãe, ninguém aqui está te censurando. Não é nada disso. O que eu quero dizer é que estamos preocupados tanto com a senhora quanto com o papai, e nós queremos conversar para ver se a gente melhora as coisas aqui dentro de casa. Ninguém está contra a senhora. Nós estamos do seu lado e queremos o seu bem. Posso continuar falando, mãe?

Com a aparência cada vez mais perturbada, Rute acrescentou.

– Pode, mas fale de você ou do teu pai, não de mim!

– Mas, mãe, a gente está aqui para falar principalmente da senhora. Nós achamos que a senhora precisa se tratar, ir ao médico. É para seu bem, mãe! A senhora está me entendendo?

– Quando eu quiser e achar que eu preciso eu vou no médico. Ninguém tem que me levar ou dizer quando é que eu tenho que ir. Rebateu ela.

Cláudio permanecia em silêncio, olhando para seus próprios pés e Poti encolhia-se em meu colo, evitando olhar para Rute. Eu tinha que intervir e foi bom que Rute tivesse me permitido falar sem me interromper. Falei inicialmente com voz branda.

– Rute, o que o Lucaz está dizendo é que nós queremos ajudar você. Ninguém está querendo se intrometer em sua vida. É sua maneira de ser que está te maltratando e maltratando todo mundo aqui em casa. Não é melhor a gente procurar viver em paz aqui dentro, com todo mundo se

respeitando e tratando bem um ao outro? É só isso o que nós queremos. Por que é que aqui em casa anda todo mundo de cara fechada, um procurando se defender do outro? Por que é que aqui dentro ninguém fala com calma um com o outro? A gente pode mudar isso, o que é que você acha?

Interrompendo a conversa, pousou um silêncio profundo ao final de minha fala enquanto Rute me fitava com ódio no olhar como se visse em mim um inimigo seu que a estivesse atacando. Lucaz escorregou-se um pouco mais em sua poltrona na direção do sofá onde a mãe estava sentada para mais ainda se aproximar dela. Olhou-a bem no fundo de seus olhos como se com isso pudesse contê-la. Parecia que Rute não iria dizer nada depois de minha fala e que a conversa iria acabar ali, porém Lucaz aproveitou para emendar.

– Tá vendo, mãe? A gente só quer que a senhora se sinta melhor e viva melhor com todo mundo aqui. Fala pra gente o que é que a senhora sente. Bota pra fora tudo o que a senhora está pensando ou sentindo. Pode até xingar se a senhora quiser. Nós estamos dispostos a ouvir a senhora para te ajudar. E a senhora pode reclamar ou falar mal de qualquer um aqui que a gente vai respeitar a opinião da senhora. Tá bom assim, mãe? Vamos acabar com essas caras feias e essas brigas bobas aqui dentro de casa. Ninguém quer ver a senhora brava ou triste. É preciso sorrir de vez em quando, viver juntos como uma família normal. É hora de todo mundo se entender, mãe. Parar com essas brigas entre vocês dois. É isso que a gente quer aqui dentro de casa. Não é melhor assim?

– Acabou?

– Não, mãe. Não acabei não. A senhora aceita ir ao médico para se tratar?

– Não. Não vou. Não estou doente e não vou a médico nenhum. Vocês é que estão malucos.

Dito isso ela se levantou do sofá e se preparou para deixar a sala. Pareceu que não íamos conseguir segurá-la. Tudo indicava que a reunião tinha terminado ali, sem resultado nenhum. Rute não aceitando nada do que a ela foi dito pelo Lucaz ou por mim, mantendo-se distante e impassível como se nada do que se tratava ali a ela dissesse respeito. Foi quando eu tive que adotar uma posição mais dura com relação a ela, não me contendo em ordenar.

– Nada disso. Senta aí, Rute! Nós ainda não terminamos. Disse eu levantando a voz.

Seu rosto se contraiu ao perceber que não estava recebendo um simples e humilde pedido, mas um pedido que se fazia revestido de um elevado tom, mais como se fosse uma ordem. Ela estancou em si mesma, talvez para pensar por alguns segundos como é que deveria reagir a esse atrevimento, antes de voltar a se sentar. Pelo visto ela acusou o golpe e deve ter sofrido sua primeira queda. Na hora eu me dei conta de que esse era o momento ideal para prosseguir e que precisava ser bem aproveitado, não deixando que ela se recompusesse, para explorar ao máximo um seu ponto fraco. Continuei falando com tom de voz elevado e usei de uma rudeza que nunca antes eu usara com ela. Nesse momento, eu imaginei que a presença de meus filhos serviria como uma muralha a impedir um eventual contra-ataque de Rute. Ela não se atreveria a partir para a violência na frente deles e minha intervenção foi tão eficaz que ela recuou e voltou a se sentar no sofá. Seus olhos esbugalhavam de raiva quando eu continuei.

– Escute aqui, Rute. Você vai ter que ouvir o que cada um de nós tiver para lhe falar e você vai ficar bem quieta aí no sofá. Se você quiser falar você pode, fale o que quiser na hora que você quiser, mas primeiro você vai ter que

ouvir, entendeu? Ninguém aqui está querendo te acusar de nada nem te importunar por importunar. O que nós queremos é melhorar sua maneira de ser dentro de casa para poder conviver em paz com os outros, comigo, com os filhos, com a Joana e até com o Poti, tá ouvindo? Se você passa o dia inteiro nervosa e irritada, tratando todo mundo com grosserias, é porque alguma coisa não anda bem com você. Então você precisa ir ao médico e tomar remédio para se acalmar. Para você viver em paz com você mesma. É muito melhor e é isso o que nós queremos e é para o bem de todos nós. Só isso! Que você deixe de ser essa cobra venenosa que você é...

– Eu não admito que você fale assim comigo. Protestou aos berros ameaçando novamente se levantar. Poti se assustou, escapou de meu colo e se escondeu atrás da poltrona. Tornei a subir o tom.

– Fica sentada aí! Eu só estou falando a verdade e na frente de nossos filhos. Eles sabem muito bem como você é e há muito tempo sabem que isso é verdade. Ou você não se enxerga? Eu não estou inventando nada e nem tenho a intenção de inventar nada contra você. O que é preciso é que você se enxergue e mude sua maneira de ser. Eu prometo mudar também minha maneira de ser se for preciso. Só isso. Tá entendendo ou quer que eu repita?

Rute encolheu-se como um caramujo e uma nova pausa de silêncio ocupou a sala. Passeou seu olhar sem fixar de frente nenhum de nós e pela primeira vez eu tive a impressão de que ela tinha ouvido o que lhe fora dito. Não esboçou nenhuma reação nem deu resposta, até parecendo que estivesse esperando uma fala continuar. Lucaz voltou a falar.

– Está entendendo, mãe? Nós queremos que a senhora vá ao médico. Tá ouvindo? Eu vou junto com a senhora! Vamos marcar uma consulta para a segunda-feira. Tá bom?

– Pode deixar que eu marco minha consulta e vou sozinha quando eu quiser. Agora vamos acabar com essa reunião-zinha besta porque eu preciso terminar o jantar.

Não insistimos mais. Deixamos que Rute saísse da sala e ela o fez tiritando de um ódio que a consumia ainda mais. Nem é preciso dizer que ela não marcou nenhuma consulta e nem foi a médico nenhum. E dentro de casa ela continuou com sua cara amarrada e dando respostas grosseiras a quem lhe dirigisse a palavra. Ouvira o que não queria e teve que se curvar, pelo menos por uma vez, percebendo que nós estávamos unidos para reprovar seu comportamento e para adotar medidas de correção que se fizerem necessárias. No mínimo, a reunião foi um alerta para que ela se acomodasse, embora nenhum resultado prático tivesse sido alcançado. Ao se levantar do sofá Rute fez questão de me fuzilar com um olhar fulminante, ameaçando.

– Você vai me pagar caro por isso!

A morte que eu vivi

TERCEIRO CAPÍTULO

I

Consigno me recordar que pouco tempo depois dessa reunião e antes de minha morte, eu comecei a ter problemas e ver minha saúde, que sempre foi muito boa, parecer que não andava bem, embora, quando em vida, eu não tenha reclamado disso para ninguém. Passei a sentir uma certa sensação de fadiga como se sobre mim se abatesse um cansaço que me trazia indisposição e alteração no sono. Dormia mal e para mim isso era uma novidade, porque o apetite e o sono eram duas das coisas que eu nunca perdia. Após as refeições em casa eu sentia um enjoo, as vezes um distúrbio intestinal, dores de cabeça e sofria de uma inexplicável tontura, até mesmo quando andava pelos corredores de casa. Antes eu jamais havia tido isso. Não podia ser uma coisa normal para um homem de minha idade.

Para mim era algo novo porque antes eu não sabia o que era o menor desconforto que me inabilitasse para o trabalho ou que me deixasse assim. Sem dizer nada a ninguém, procurei pelo meu médico e, depois de alguns exames laboratoriais, ele disse não ter detectado nenhuma anormalidade preocupante. Nenhuma indicação de que houvesse uma infecção, o nível de colesterol no sangue não estava elevado e a pressão arterial estava normal, o que o levou a me recomendar apenas o início de uma dieta alimentar com pouca gordura e menos sal, afora uma gradual redução do volume de trabalho para evitar um estresse. Perguntou se eu estava vivendo algum problema atual de natureza familiar,

financeira ou profissional que pudesse estar me afetando e eu respondi que não, pois Rute não era um problema atual, era um caso antigo. Prescreveu um antidistônico e Omeprazol, e eu passei a tomá-los regularmente prosseguindo com minhas atividades sem alterar a rotina. Também recomendou que eu continuasse fazendo as caminhadas diárias de casa para o trabalho e do trabalho para casa porque, segundo ele, isso deveria servir como exercício físico para buscar a redução do nível de triglicérides. No mais, disse que eu estava bem, de sorte que eu poderia seguir com minhas atividades normais. Mas que havia alguma coisa me incomodando, ah, isso havia! Minha curta caminhada, à qual eu estava acostumado, passou a me cansar mais do que o habitual e eu já não tinha aquela disposição normal para enfrentar o trabalho. Eu sentia muita sede e comecei a tomar mais líquidos.

Depois da reunião que tivemos com Rute, ela não apresentou nenhuma mudança significativa em sua maneira de ser. Confesso que também eu não mudei nem me corrigi, continuando a enfrentar suas grosserias com reações e atitudes até mais grosseiras porque, repito, eu nunca tive sangue de barata. Apenas deu para notar que Rute passou a implicar menos com as pessoas e com as coisas, o que já era algo de melhor. Levantava-se de manhãzinha, preparava o café e passava o dia inteiro recolhida em algum canto da casa, sem buscar encrenca comigo ou com os filhos, sem reclamar do Poti e sem incomodar os outros, embora sempre fosse vista com a mesma cara de um latente mau humor, como se alguém lhe tivesse insultado ou lhe feito algum mal. Desde aquela reunião, ela pouco me dirigia a palavra, fosse para me criticar ou apontar erros ou defeitos no que eu fazia ou deixava de fazer, fosse para informar ou reclamar de alguma coisa que tivesse acontecido ou dissesse respeito a ela ou à casa.

Contudo, dava para perceber que a raiva que ela nutria por mim havia aumentado. Quando cruzava comigo dentro de casa olhava-me com tal rancor que era como se eu fosse um seu inimigo íntimo. Não deve ter engolido a pressão que exerci sobre ela quando eu a obriguei a continuar sentada naquela reunião, e devia estar preparando um troco a ser dado na primeira oportunidade, isso porque ela era extremamente vingativa e não esquecia nem perdoava quem a tivesse ofendido. Falava mais e quase que só com Joana, a cozinheira, segredando confidências na cozinha e, vez ou outra, participando do trabalho de preparo das refeições, o que para Joana era um grande alívio.

Apesar de não serem vistas outras mudanças no comportamento de Rute, eu achei que a reunião tinha tido lá seus efeitos positivos, ainda que não tivesse produzido o resultado que se esperava, porque, com ela implicando menos e deixando os outros em paz, os atritos em casa estavam diminuindo. Ademais, tendo ela se dado conta de que tanto Lucaz quanto Cláudio estavam de meu lado, tudo indicava que isso tenha sido o que fez com que ela reduzisse suas implicâncias e importunações costumeiras com os meninos. Deixou de criticá-los por pequenas coisas, mas não procurou pelo médico que era o que de mais importante a gente queria. A rotina das relações pessoais, contudo, continuava quase que a mesma de sempre. Algumas vezes, quando chegava do trabalho, eu a encontrava sentada na sala em frente da televisão e dali ela só saía quando Joana avisava que a mesa estava posta. Voltava depois para ver sua novela. Durante o jantar sua carranca e amuo eram os mesmos e o único que se atrevia de vez em quando a falar alguma coisa à mesa era Lucaz, sempre em tom de brincadeira embora com coisa séria, como a própria cara da mãe.

– E aí mãe? Parece que a senhora tá brigada com o mundo. Por que essa cara? Que é que houve?

Eu nunca aprovei esse tipo de provocação gratuita, porque sabia que isso não levaria a nada, a não ser a uma resposta atravessada, a um aumento de tensão à mesa ou a um bate-boca desnecessário. Mas Lucaz o fazia rindo como se estivesse brincando com ela, era uma provocação de certa forma amigável, que não merecia receber resposta truculenta. Mesmo assim, para Rute, qualquer pequena coisa poderia ser um motivo para que ela revidasse com resposta atravessada e daí iniciasse uma encrenca evitável. Dessa vez notei que Rute fez de conta que não tinha ouvido a provocação de Lucaz, ao que dei graças a Deus. Mas, se fosse eu quem tivesse falado assim, sem dúvida a reação dela seria bem outra. Continuei a tomar meu vinho em silêncio e comia menos, porque tinha pouco apetite. Só Joana foi quem se preocupou com isso e, após o jantar, veio me perguntar se era a comida que não estava boa. Não era isso, era eu mesmo que não andava bem. Alguma coisa fazia com que após a refeição eu não me sentisse bem, como se o estômago ficasse pesado e eu fosse me enjoar depois, como se tivesse comido demais. Tomava mais água como se necessitasse me lavar por dentro. Rute nunca se manifestou sobre o fato de eu estar comendo menos, apesar de saber que eu sempre fui um bom garfo.

No escritório tudo corria como sempre. Jirair, o funcionário com quem melhor eu me dava, foi o único que buscou saber se alguma coisa errada estava me afetando, por me ver um pouco mais lento e falando menos. Durante o almoço do grupo ele sentou-se a meu lado e sempre preocupado comigo não se esquivou de perguntar.

– Estou te achando um pouco abatido. Está acontecendo alguma coisa que eu possa saber?

Ele tinha razão, alguma coisa estranha estava acontecendo comigo e me fazia diferente do que eu sempre fora, sem nem eu mesmo saber bem o que era. Nem ânimo eu tinha para alongar uma conversa com Jirair, como habitualmente eu gostava de fazer. E ele percebeu essa diferença. Respondi como melhor achei devido.

– Não! Acho que não é nada. Tenho tido uma indisposição nesses últimos dias, mas fui ao médico, fiz exames de sangue e ele me disse que não há nada com que eu deva me preocupar.

– Mas eu estou percebendo que você está comendo bem menos hoje e tomando muita água. É alguma coisa no estômago ou é problema em casa?

Jirair era um dos poucos que sabiam dos problemas que eu enfrentava com Rute. A nenhum outro funcionário do escritório ou a nenhum amigo de ocasião eu me atrevia a contar detalhes de minha vida pessoal, e muito menos algo que dissesse respeito à minha vida conjugal. Mas com ele eu me abria em confidências, porque dele eu sempre ouvia ponderadas e respeitadas considerações, além de me ser assegurada a necessária confidencialidade. Ele era o único com quem eu podia compartilhar segredos íntimos.

– Não. Não é problema em casa, não. É alguma coisa na minha saúde que eu não sei bem o que é. Não venho me sentindo bem nesses últimos dias. Mas vai passar! Eu já fui ao médico e ele me assegurou que está tudo bem – tornei a dizer.

– E a dona Rute, como ela está? Insistiu Jirair

– Tá lá. A mesma intratável de sempre.

Jirair puxou a cadeira para mais junto da mesa, debruçou-se nela e achegou-se a mim para falar mais baixo como se pretendesse segredar.

– Você sabe que eu tenho por você a maior estima e eu o respeito muito, de modo que me atrevo a meter o bedelho em sua vida íntima. Você é quem sabe muito melhor do que eu o que é que se passa dentro de sua casa, mas eu acho que você deve tomar cuidado com o que você come ou bebe por lá. Alguém pode estar preparando alguma coisa para te prejudicar. Você tem confiança na empregada que se encarrega de preparar sua comida?

– Na Joana? Ela é nossa empregada há uns sete anos e eu tenho total confiança nela. Acho que ela me quer bem, apesar de eu não ter nenhuma intimidade com ela. Às vezes eu a acho um pouco estranha e noto que ela se dá muito bem com a Rute, posando de cúmplice dela em algumas ocasiões. São muito ligadas uma à outra. Eu a trato com respeito e não me parece que ela seja capaz de fazer alguma coisa para me prejudicar.

– E a dona Rute, faria alguma coisa? Emendou Jirair.

– Como assim?

– Não sei! Talvez botando alguma coisa em sua comida ou bebida sem que você perceba, com o propósito de te prejudicar. Desde quando você está se sentindo mal?

– Foi logo depois que tivemos uma reunião com ela, juntos com o Lucaz e o Cláudio.

– E nessa reunião aconteceu alguma coisa que tenha ofendido ou irritado dona Rute a ponto de ela querer se vingar de você?

– É bem possível. Ela foi pressionada por mim e pelos filhos para ir ao médico e ela disse que não precisa disso, que está bem e que nós é que somos malucos. Mas no final ela me ameaçou dizendo que eu ia pagar caro por isso.

– Não acho que você precisa temer quanto a essa ameaça. Quem quer fazer mal aos outros não abre o jogo

assim. Mas me diga uma coisa: ela também prepara sua comida?

– É mais a Joana, a cozinheira, mas ela sempre está por perto na cozinha.

– Posso te dar um conselho de amigo? Desconfie de tudo o que você come ou bebe em sua casa. Precaução e canja de galinha não fazem mal a ninguém. Peço desculpas se eu estiver errado, mas acho que alguém pode estar querendo fazer alguma besteira contra você. É bom você tomar cuidado com o que sua empregada faz. Concluiu Jirair acomodando-se à mesa.

– Você acha isso mesmo? Não é exagero não?

– Não, não é. Minha mãe me contou de casos de arrepiar que ela viu acontecerem na Armênia, que se eu te contar um só deles você vai cair de costas. Não estou afirmando que seja sua empregada, a dona Rute ou qualquer outra pessoa que esteja preparando alguma coisa ruim para você, ou que vá fazer isso ou aquilo, mas que é bom prevenir é. Não custa nada, meu amigo.

– Eu me lembro que um dia desses eu senti um gosto estranho no vinho, mas não desconfiei de nada.

– Não estou te falando? Tome cuidado. Desconfie até da roupa que você veste. Pode ter uma agulha nela. Tem gente que é capaz de te fazer mal e que você nem imagina o que ela pode fazer para te prejudicar. Você está entendendo, não está?

– Você acha mesmo que alguém dentro de casa pode ser capaz de por veneno na minha comida ou na minha bebida?

– Não sei. Eu não estou afirmando isso, só estou levantando uma hipótese. Tudo é possível. Agora eu te pergunto: isso é ou não é possível?

Concluí que era e, após esse almoço com Jirair, passei a pensar seriamente no que ele me disse, embora não estivesse plenamente convencido de que Joana, ou Rute, seria capaz de me envenenar. Mas se era para prevenir, como ele bem disse, desde então comecei a adotar algumas providências preventivas como a compra de várias garrafinhas de água mineral sem gás para tomar em casa, e a partir daí passei a exigir que Joana sempre abrisse na minha frente tanto a garrafa de vinho quanto a de água que me fosse servida. Não fiz nenhum comentário a respeito, nem disse o porquê dessa nova exigência. Rute não demonstrou nenhuma estranheza quanto ao fato de eu tomar água mineral de garrafinha ou de cuidar de perto da garrafa de vinho então mantida sobre a mesa. Limitava-se a lançar seu olhar enviesado para Joana quando a via abrir as garrafas, como se estivesse fiscalizando o ato cometido pela empregada. Mas não fez nenhum comentário sobre nada. Antes, era ela quem cuidava de me servir o vinho na taça que era posta à mesa retornando para a cozinha com a garrafa. Agora não, a garrafa vinha junto e era aberta na minha frente ficando ali à minha vista. Depois da reunião que tivemos não era mais a Rute quem cuidava de por a mesa. Só Joana era quem cuidava disso. Supus que com essas medidas acauteladoras eu passaria a estar protegido contra qualquer tentativa condenável, pelo menos quanto à bebida. Já quanto à comida posta à mesa, todos dela se serviam, inclusive Joana e a própria Rute, de maneira que com relação a isso eu não precisava ter maior preocupação.

Embora tenha inicialmente me posto de acordo com as recomendações de Jirair, eu ainda não estava absolutamente convicto de que ele tivesse total razão em tudo o que me dissera. Porém continuei a tomar precauções quanto à bebida de que me servia em casa. Até quando Joana ia preparar as

frutas para fazer uma vitamina, disfarçadamente eu ia até a cozinha para ver esse preparo de perto e pedia que ela abrisse na minha frente uma nova caixinha do leite que seria usado. Esse cuidado de todos os dias acabou por virar uma obstinação que me levou a adotá-lo como sendo algo obrigatório, ante a possibilidade de alguma coisa ruim estar sendo preparada contra mim. No mínimo, eu precisava dificultar uma possível ação maldosa, passando a acreditar que uma ou outra poderia ser capaz de cometer um desatino a qualquer hora. Não contra elas próprias, mas contra mim. Quanto à Rute, ela tinha o dia inteiro livre para secretamente tramar alguma coisa que me fizesse mal. Poderia esperar minha chegada como se nada houvesse sido planejado e se manter oculta em um indiferente e inocente silêncio. Na verdade, eu temia mais um ato a ser praticado por ela do que pela Joana, quem eu menos supunha que fosse capaz de cometer algo para me prejudicar, mas eu não podia eliminá-la de todo de minhas suspeitas. Rute não mais falava comigo, mas só sua proximidade dentro de casa já me causava um certo receio de que alguma coisa ruim estivesse prestes a acontecer. Mesmo à meia distância eu sentia o ódio que dela exalava, contaminando todo o ambiente onde ela estava.

Aliás, comecei a questionar a mim mesmo sobre o que é que recentemente teria me feito sentir os primeiros enjoos, tontura e dores de cabeça, a ponto de eu ter que procurar um médico. A essa altura, não era descabido imaginar que eu já estivesse sendo vítima de algo que havia sido aprontado, talvez um envenenamento em doses homeopáticas. Considerei o fato de que Rute trabalhara em um laboratório farmacêutico, tinha noções básicas de química e bem sabia manipular substâncias diversas, tanto as terapêuticas quanto as que podem ser nocivas à saúde humana. De maneira que

aumentava cada vez mais a crença de que Jirair estava com razão. Poderia ser a Rute quem estivesse tentando me envenenar ou preparando Joana para executar seu plano. Mas como apanhar uma ou outra em flagrante? Eu teria que surpreendê-las cometendo um ato suspeito e isso era quase impossível porque eu ficava fora de casa o dia inteiro, só retornando no final da tarde, e elas tinham tempo e liberdade de sobra para preparar o que quisessem a me ser dado sem que eu pudesse suspeitar. Recordei-me que ao final da reunião que tivemos Rute disparou contra mim uma clara ameaça de vingança: “Você vai me pagar caro por isso!”. Eu tinha que considerar que isso já era o bastante para que a suspeita recaísse mais nela do que na Joana e viesse a tomar maiores cuidados. Jirair estava certo ao dizer que tanto Joana como a Rute poderiam estar preparando alguma coisa ruim para mim.

O medicamento prescrito pelo meu médico e que eu passei a tomar regularmente me fazia bem e me deixava em paz comigo mesmo. Se antes eu não era um incitador de violência, nem era quem provocava encrenca com Rute ou com quem quer que fosse dentro de casa, agora menos ainda. O calmante me sossegava e eu conseguia suportar, embora a muito custo, a presença de Rute sem me enervar, mantendo a calma, para ser capaz de fiscalizar tudo o que me era servido. Passei também a ser menos agressivo e a aceitar mais as provocações de Rute sem reagir com destempero. Fiz um esforço de memória para tentar lembrar o que é que eu havia comido ou bebido no dia anterior à primeira indisposição que tive. Isso havia ocorrido há quase uma semana, o que tornava difícil lembrar de detalhes, mas, se bem pude recordar, teria sido no jantar de uma terça-feira e eu teria comido costeletas de porco, tomado um pouco de vinho, como de costume, e antes de ir dormir, me servido de uma vitamina

preparada por Joana ou pela Rute, não me lembro bem. Com certeza não foi a carne que me fez mal. O vinho estava com seu sabor normal e a vitamina preparada com leite, banana, maçã e mamão que eu sempre apreciei estava deliciosa. Mas eu tinha que deduzir que alguma coisa que eu comi ou bebi naquele dia devia estar contaminada com algo indevido, que me abateu. Repito que depois da conversa com Jirair eu passei a ter quase certeza disso, o que fez com que eu aguçasse a vigilância sobre tudo o que era preparado e me fosse servido em casa, tanto pela Joana quanto pela Rute.

II

Uma coisa que atraiu minha atenção foi o fato de que no dia anterior ao de minha morte, um domingo, Helena esteve em casa durante a tarde toda e passou horas trancada no quarto com a Rute. Eu nunca cheguei a saber sobre o que conversavam tanto, nem me interessava estar com uma ou com outra, muito menos com as duas juntas. Resolvi sair para caminhar levando o Poti e me recordo que demorei bastante nesse meu último passeio, tendo inclusive parado no bar de costume a convite de um conhecido meu que estava lá. O bate-papo prolongou-se e nem me dei conta do passar das horas. Só quando já era quase noite, e quando Poti dava sinais de estar com fome por ter passado da hora de sua ração, foi que retornamos. Helena já tinha ido embora e Rute estava espojada no sofá da sala à frente da televisão. Amuada como sempre. Joana não trabalhava aos domingos, Lucaz não estava em casa e Cláudio devia estar quieto em seu quarto. Fui à cozinha preparar a comida do Poti e, ao procurar pela sua ração e a tigelinha na qual ele comia, casualmente encontrei na dispensa, atrás de um pacote de macarrão, uma pequena seringa que antes nunca tinha sido vista em casa e nem eu sabia dizer que utilidade ela poderia ter ou a que título teria sido guardada ou escondida ali. Imaginei que só podia ser coisa da Joana ou da Rute e eu tinha que saber a que se destinava. Depois de alimentar o Poti fui à sala levando a seringa na mão direita de uma forma bem visível e perguntei.

– Você pode me dizer o que é isso?

Rute voltou-se e olhou rapidamente para minha mão que mostrava a seringa. Retornou vagarosamente a cabeça e respondeu com uma indiferença que demonstrava não ter tido a menor preocupação com aquele achado ou sobre o que é que eu poderia estar pensando sobre ele.

– É uma seringa. Você nunca viu?

Eu sabia que se continuasse a fazer perguntas sobre isso ela iria se enervar e começar a responder com sua grosseria costumeira, mas eu tinha que insistir.

– E porque é que isso estava escondido na dispensa? Você usa essa seringa para quê?

– Quer saber de uma coisa? Primeiro, isso não estava escondido, estava guardado. Segundo isso é meu e não é de sua conta. Põe lá onde estava. Terceiro, vê se não me enche o saco e me deixe em paz! Vai pra lá com seu cachorro nojento...

– Eu quero saber o que é que você vem fazendo com essa seringa aqui dentro de casa. Disse eu, dessa vez levantando mais a voz.

– Injetando droga em meu braço para poder tolerar você aqui dentro. Respondeu Rute com tom irônico.

Essa era a Rute. Fria e calculista. Estava mentindo e disso eu tinha certeza. Nunca entrou droga em casa e sabidamente por pior que ela fosse Rute não era uma dependente. Resolvi não prosseguir com o questionamento, porém não repus a seringa no lugar onde estava, preferindo retê-la comigo não só como um novo ato de prevenção, mas também como uma evidência de que Rute ou Joana poderia estar fazendo uso dela para injetar venenos no que eu poderia comer ou beber. Tão logo deixei a cozinha percebi que Rute não demorou em se levantar e ir até lá, possivelmente para verificar se eu havia recolocado a seringa no lugar onde ela estava antes. Não a encontrou porque eu fiquei de posse

dela. Voltou à sala, acomodou-se à frente da televisão e não mais disse palavra. Eu pretendia levar essa seringa comigo até o escritório, na segunda-feira, para mostrá-la ao Jirair. Quem sabe um apurado exame pericial pudesse acusar nela algum resíduo de substância tóxica com o que Joana ou Rute pretendesse me envenenar? Poderia ser uma prova cabal de que uma delas estaria atentando ou já houvesse atentado contra minha vida. Cuidei de esconder provisoriamente a seringa entre meus guardados.

No dia seguinte, quando do café da manhã, eu me servi de uma vitamina trazida pela Joana e cujo preparo discretamente eu acompanhara, tendo visto o litro de leite ser aberto na hora e batido com porções de maçã, mamão e banana. Ouvei Lucaz reclamar que o leite posto à mesa estava com gosto ruim. Interessei-me na hora em verificar isso, mas antes olhei firmemente para Rute para saber de sua reação porque também ela tinha ouvido a reclamação. Ela permanecia impassível como se nada a ela dissesse respeito. Provei um mínimo do leite que Lucaz tomava e constatei que realmente não estava bom. Chamei por Joana e pedi explicações que imediatamente me foram dadas.

– Esse leite deve ter sido aberto ontem e ficado fora da geladeira. Azedou. Vou jogar fora e trazer outro. Eu peço desculpas, senhor.

– Traga um litro novo e fechado, tá ouvindo?

Rute levantou a cabeça e me olhou com um severo ar de censura em face da ordem dada por mim, como se só ela detivesse autoridade e poder para mandar ou desmandar em Joana.

Nessa manhã, tudo iria acontecer numa repetição rotineira do dia-a-dia. Lucaz saiu para o trabalho, Joana tirava a mesa do café e ficaria pela cozinha, Rute se encantou na sala

para ficar a sós com seus pensamentos agourentos e eu fui para meu quarto aprontar-me para seguir para o escritório. Apanhei a seringa que havia encontrado e a pus no bolso do paletó. Na hora do almoço eu pretendia mostrá-la ao Jirair e comentar sobre o significado desse achado. Com certeza ele teria o que me dizer e trocaríamos ideias sobre o que fazer com ela. Saí antes de ver Cláudio que ainda permanecia em seu quarto.

Durante a caminhada pela avenida, pensamentos os mais diversos passaram pela minha cabeça. Pela primeira vez eu pensei que o melhor que eu deveria fazer era me separar de Rute e alugar um apartamento para morar sozinho, devendo fazer isso o mais depressa possível pois eu não só precisava garantir minha própria segurança, como isso poderia me dar a paz de espírito de que tanto eu necessitava. Que eu deveria me reunir com Lucaz e Cláudio para tratar dessa separação, falando da forma mais clara e aberta possível sobre os problemas conjugais e domésticos que eles já conheciam, sabendo-se que certamente eles me dariam inteiro apoio. Que minha mãe e minha irmã Lúcia também me apoiariam em tudo, assim como meus amigos que eram sabedores de quem é a Rute. Ademais, meu trabalho não seria prejudicado em nada porque eu poderia continuar com minhas atividades da mesma forma como vinha mantendo. Que me importava a opinião ou reação de Helena, que possivelmente iria se solidarizar com Rute? Que me importava saber da reação que Rute viesse a ter?

Cheguei ao escritório com o firme propósito de começar a tomar as primeiras providências para sair de casa e deixar Rute consumir-se sozinha. Faria minhas malas, pegaria as coisas que por mim fossem julgadas de primeira necessidade e de maior importância e, ainda hoje, eu me mudaria

para um hotel, para depois buscar outro caminho e adotar nova maneira de ser para poder viver em paz meus amanhãs.

Mas nem tudo deu certo nesse dia. Pela primeira vez em anos Jirair deixou de comparecer ao trabalho e a informação que se teve era a de que ele teria viajado para comparecer ao velório de um tio que falecera nessa madrugada. Por força disso avolumou-se o trabalho no escritório e a mim coube atender os clientes que com ele tinham prévio agendamento de visitas. Não houve o esperado encontro no almoço e isso me frustrou. Não pude conversar sobre o achado da seringa nem sobre minha disposição de por um fim em meu casamento.

No final do dia eu estava de volta a casa, extremamente cansado e cheguei um pouco mais tarde do que no horário de costume. O cansaço físico embotava minha capacidade de raciocínio e retardava a compreensão de fatos novos. Eu estava exausto. Tive dúvidas quanto à execução da ideia inicial de sair de casa ainda essa noite, à vista de meu cansaço, acabando por julgar mais adequado adiá-la para amanhã. Meu dia de trabalho tinha sido extremamente estafante, a ponto de eu nem pretender jantar. Limitei-me a pedir à Joana que me preparasse uma vitamina, que eu iria tomar um banho e depois iria direto para a cama. Rute já havia jantado com os meninos e estava na sala em frente da televisão assistindo sua novela. Passei por ela quando me dirigia para a cozinha e suportei sua primeira provocação.

– Acho bom você dar um fim nesse seu cachorro nojento porque eu não aguento mais limpar as sujeiras que ele faz dentro de casa. Aliás, melhor ainda é você sair daqui junto com ele.

Parei no corredor para responder porque, de certa forma, achei oportuna a sugestão aludida por Rute no

momento em que eu já estava pensando em deixar a casa. Não quis retrucar-lhe, bem ao contrário, pensei em concordar com ela para encerrar o assunto.

– Sabe que essa é uma boa ideia, Rute? Acho que você tem toda razão. Vou sair dessa casa e se você quer saber eu vou fazer isso agora mesmo levando o Poti comigo. Tá bom, assim?

– Estou pagando para ver. Encerrou Rute como se não estivesse acreditando que eu falava sério.

Aguardei na cozinha o término do preparo de minha vitamina e levei o copo para tomá-la no quarto enquanto revisava minhas ideias. Ainda vestido como estava ao chegar, desisti de entrar no banho e retornei à cozinha para pedir à Joana que apanhasse minhas malas porque eu iria sair de casa naquela hora mesmo. Rute ouviu o que eu disse e de lá onde estava regougou como uma raposa velha.

– Já estava passando da hora.

Caminhei em direção a ela com a intenção de responder com rispidez e grossura, mas não tive tempo para isso. Minhas pernas bambearam, minha vista turvou e eu desmaiei no chão da sala. Depois disso recorro apenas de estar deitado numa cama que não era a minha e cercado de pessoas que eu não pude identificar ainda que tentasse. Percebia que rostos estranhos estavam à minha volta sem poder vê-los com a nitidez necessária por estar com a vista embaçada. Ouvi vozes e supus reconhecer algumas delas enquanto eu me esvaía. Sei que foi só a Joana quem assistiu aos últimos momentos de atrito que eu tive com Rute. É possível que ela tenha chamado Lucaz e Cláudio para acorreram em meu socorro e ajudarem a me transportar para o hospital. Nada sei sobre a reação que Rute deve ter tido ao me ver tombado, como também não sei que destino foi dado à seringa que ainda estava no bolso de

meu paletó quando desfaleci. Eu era o único que até então sabia da existência dessa seringa e não tenho como fazer com que alguém mais venha a saber disso. Não posso influir no estado atual das coisas e muito menos alterar feitos ocorridos ou promover atos futuros. Pouco tempo depois a vida abandonaria meu corpo e eu me transformaria no que sou agora: apenas uma energia esvoaçante.

III

Retomo os ares dos lugares em que vivi e volto a fluir pela vizinhança daquela que foi minha casa. Já são passados 41 dias desde o dia de minha morte e a energia que eu sou começa a se dissipar. Tenho que aproveitar tudo o que posso antes de inexistir por completo. Entro em casa e na cozinha vejo Joana e Rute preparando o almoço, achedada uma à outra, enquanto entabulam uma conversa aparentemente animada, como se fossem grandes amigas. Surpreendeu-me ver que Rute estava falando pelos cotovelos de uma forma descuidada, o que fazia com que de vez em quando Joana se deixasse rir de suas falas. Ela confidenciou entusiasmada que havia recebido uma bolada do seguro de vida que havia em meu nome sem detalhar que fora ela própria quem o contratara. Ouvei Rute dizer que conforme o prometido ela iria ajudar Joana a comprar uma casinha. Instantes depois ela passou a reclamar do preço do tomate que comprara no supermercado dizendo que se sentia assaltada pelo aumento que houve. Não perdera o hábito de estar sempre reclamando de alguma coisa. Eu a ouve dizer que Cláudio era um vagabundo e que não procurava emprego para custear suas próprias despesas, mas sem demora acrescentou que tinha a intenção de lhe dar parte de seu dinheiro para que ele comprasse um carro.

Havia muita contradição em tudo o que ela dizia. Falou mal de Lucaz pelas suas intromissões nas coisas da casa e pelos palpites que ele se atrevia a dar sobre sua vida e logo

em seguida acentuou que o admirava muito e que Lucaz era seu filho favorito. Ele herdara o carro que antes fora o dela.

Rute nunca foi tão falante assim e, embora não fosse incomum ela conversar com Joana enquanto preparavam refeições, a conversa de agora era diferente e um tanto inusitada. Havia uma clara intimidade entre as duas e, dessa vez, elas não estavam conversando apenas sobre o que estavam fazendo juntas. Havia um clima diferente na cozinha, quase de confraternização. Eu nunca tinha visto Rute tagarelar dessa maneira e cheguei a imaginar que ela não devia estar em seu estado normal. E qual era seu estado normal senão aquele em que ela sempre se mostrava de mal com o mundo? Essa Rute que então eu via não era a mesma com quem convivi ao longo da vida que tive. Essa de agora tem até um falso sorriso estampado no rosto enquanto fala. Ou ela está interpretando (e muito bem!) ser uma outra pessoa e com isso pretendendo obter algum proveito futuro, ou isso é simplesmente uma farsa sem objetivo nenhum, o que é mais provável. Interessei-me em ouvir a conversa que mantinham.

– Joana, você sabia que o Lucaz arranhou uma namoradinha e que pelo jeito eles estão bem amarrados? Eu ainda não conheci ela, mas deve ser uma zinha qualquer, interessante. Quem sabe sai um casamento disso e aí ele vai morar em sua própria casa deixando a gente em paz. O que é que você acha?

– Não sei não, dona Rute. Mas já tá na hora mesmo. Quantos anos ele tem? Já passou dos vinte, não?

Rute desviou-se um pouco e esqueceu-se de responder, para depois seguir com esse assunto.

– Deixa que eu pico o quiabo. Não vejo a hora de ver esses filhos cuidando de suas próprias vidas e me deixando sossegada aqui em casa. Antigamente os filhos deixavam a

casa dos pais bem mais cedo. Hoje, não. Eles mamam até mais tarde e olha lá quando não acabam trazendo mulher e netos para a casa dos pais. Acho isso um absurdo.

– O mundo tá bem diferente hoje, né dona Rute?

– Ah, se está Joana! Mas sabe o que é que eu acho? Eu acho que ainda tenho muita vida pela frente e o que eu quero mesmo é curtir sozinha esse tempo que me resta, sem nenhum rabicho atrás de mim.

– Mas o Cláudio é muito novo ainda, a senhora não acha?

– Ué? Mas ele já pode cuidar de sua vida sozinho. Arruma um emprego e vai se virar. Ele é homem! É até melhor para ele viver sem a mãe por perto.

– Me desculpe falar, mas nisso eu estou de acordo com a senhora.

– Você acha, é? Quer dizer que você acha que viver perto de mim é alguma coisa ruim?

– Eu não disse isso, dona Rute. Eu só concordei com o que a senhora disse.

– É, mas tome cuidado com o jeito que você fala, hein? Eu não estou a fim de receber nenhum desaforo, muito menos de você.

– Mas eu nunca disse nenhum desaforo pra senhora, dona Rute. Eu sempre respeitei a senhora.

– E é bom que seja assim para a gente continuar a ser amigas.

Joana silenciou enquanto se afastava um pouco de Rute com a desculpa de examinar a panela de arroz. Ouviu Rute acrescentar.

– Você sabe que viver sem marido por perto te enchendo o saco dentro de casa é uma boa?

– Não sei não, dona Rute. Mas que vocês brigavam muito isso é verdade.

– Você vê como as coisas melhoraram aqui em casa depois que ele morreu? Ele não está fazendo falta nenhuma. Eu acho até que sem ele é bem melhor!

Não sei ao certo a partir de quando Joana passou a ser considerada como uma amiga íntima de Rute a ponto de se poder supor que ela seria capaz de fazer qualquer coisa ilícita que Rute lhe mandasse fazer. Nos primeiros tempos em que passou a trabalhar em casa ela sofreu muito com a hostilidade com que Rute a tratava. Cheguei a vê-la chorando sozinha e baixinho na cozinha em face dos maus-tratos que recebia. E não foi uma vez só. No começo, Rute era a patroa arrogante e má que a tratava como uma insignificante e submissa empregada, não como uma pessoa da casa, como amiga da família. Só muito tempo depois é que as duas começaram a se aproximar e Joana deve ter sido pouco a pouco conquistada por Rute, certamente com promessas de vantagens ou de regalias, até ser transformada numa espécie de sua cúmplice. É o que agora eu deduzo.

A mim está parecendo que tudo passou a ser compartilhado e repartido entre elas, e deve ter sido a partir daí que elas se uniram. Não cheguei a tomar plena consciência disso enquanto era vivo porque eu não convivia de perto com ela e nem pude conhecê-la direito, embora nela eu depositasse plena confiança. Ela sempre se mostrou solícita, prestativa e eficiente em seu trabalho e era só isso o que eu esperava de uma empregada. Sempre a tratei com o maior respeito, embora à distância, porque com ela nunca tive uma aproximação pessoal ou intimidade. Contudo, nenhuma rusga houve entre nós até porque eu mal convivia com ela. Quem diariamente convivia e deve ter tido interesse em conquistar sua amizade para tê-la como uma aliada dentro de casa era a Rute. Isso não é o que eu estou pensando agora, isso é o que

eu constato ao ver e ouvir o que as duas conversam. Agora elas estão falando da comida que prepararam e eu pensava em deixar a casa quando ouvi Rute fazer uma estranha pergunta à Joana num tom de voz quase confidencial.

– Onde é que você guardou aquilo?

Voltei-me interessado em ouvir direito a resposta a ser dada e Joana manifestou-se de pronto.

– Está no armário da lavanderia. Respondeu ela também em baixo tom como se segredasse.

– Acho bom você dar um fim naquele troço, tá entendendo?

– Sim senhora, vou fazer isso ainda hoje.

O que é esse “aquilo” ou esse “troço” ao que se referem? Não sei, mas não demorou quase nada para que eu deduzisse o que poderia ser. Se não estou enganado deve ser a seringa que estava comigo quando desfaleci na sala. Mas admito que também pode ser uma outra coisa que tenha sido utilizada por uma delas. É bem possível que antes de me deixarem no hospital Joana ou Rute tenha retirado a seringa que estava no bolso de meu paletó. Em princípio eu pensei que só poderia ser isso, se não porque estariam segredando tanto entre si? E se é sobre a seringa ou uma coisa outra que agora está guardado na lavanderia eu posso concluir que também Joana tinha conhecimento da existência ou do uso de uma coisa ou outra em casa. Como arquitetaram eu ainda não sei, mas a finalidade de seu uso está me parecendo cada vez mais clara. A seringa deve ter sido usada para injetar alguma coisa no que eu ia comer ou beber naquele dia para me fazer desfalecer.

Sou levado a deduzir que minha morte não foi uma morte natural. Eu fui envenenado. Foi um ato criminoso praticado por Rute ou pela Joana, só me faltando saber como é que isso se deu. Mas mesmo que eu descubra como foi ou

deixou de ser, eu não vou poder fazer nada para que essa descoberta chegue ao conhecimento dos outros. Não tenho capacidade alguma para pegar a seringa ou qualquer outra coisa que esteja no armário da lavanderia, ainda que eu a encontre. Não tenho como fazer com que alguém saiba da existência de uma coisa ou de outra, nem tenho como induzir alguém a investigar meu caso que, ao que tudo indica, é um caso de assassinato. Por enquanto, estou apenas conjecturando, embora eu pense ser bem provável que tenha sido injetado algum veneno nas frutas com as quais foi feita a última vitamina da qual me servi. Isso é o que mais se coaduna com o uso de uma seringa em casa e da qual agora elas querem se desfazer. Mas de que me adianta supor ou saber disso? Torno a dizer que eu não posso fazer absolutamente nada a partir de uma suspeita, ou com o conhecimento que apenas suponho ter sobre isso. Se ao menos eu tivesse me encontrado com Jirair no dia anterior, em que levei a seringa até o escritório para mostrar a ele. Mas, não! Não tive a oportunidade de me encontrar com ele naquele dia, e repito que agora fica muito difícil eu fazer com que alguém venha a saber disso.

Permaneço na cozinha por algum tempo, observando Rute e Joana e vendo que elas não têm pressa nenhuma no que fazem, continuando a conversar de forma descontraída. Volto um pouco mais no tempo para me recordar que, naquele meu último dia de vida, eu estava seriamente disposto a deixar minha casa e a me separar de Rute, pretendendo retomar minha vida longe dela. Tenho certeza absoluta de que a última coisa que bebi aqui em casa foi aquela vitamina, preparada pela Joana, cujo copo eu levei para o quarto e o tomei, antes de voltar para a cozinha para pedir que ela fosse pegar minhas malas. Lembro-me de que eu tive o cuidado de assistir bem de perto ao preparo dessa vitamina, e pude ver

quando Joana abriu um novo pacotinho de leite, conforme eu tinha passado a exigir que fosse feito, e vi quando ela apanhou banana, maçã e mamão que estavam sobre a bancada da cozinha e os cortou em pedacinhos que foram postos no copo do liquidificador. Tudo estava de acordo, sem nada que pudesse gerar a menor suspeita e, sendo assim, eu jamais poderia imaginar que naquele momento estivesse sendo preparado um veneno para que eu tomasse, e que logo depois iria me fazer desfalecer na sala. Convenço-me de que aquela vitamina devia estar envenenada, embora eu tenha assistido a todos os atos de sua preparação e não tenha percebido nada de anormal em seu preparo. Então é de se supor que as frutas nela utilizadas já estivessem antecipadamente separadas e preparadas para um fim específico, tendo nelas sido injetado algum veneno com a utilização da seringa. E isso teria sido feito bem antes de a vitamina ser preparada.

Mas torno a pensar que agora de nada me adianta saber, ou presumir, sobre como é que os fatos se deram. Além disso, e apesar do que agora eu estou sabendo, ainda não posso afirmar com absoluta segurança se a Joana sabia ou não sabia que estava me preparando um veneno. Qual das duas teria cuidado previamente de envenenar as frutas, se é que essa minha dedução está correta? A Rute ou a Joana? E como duvidar que ambas tenham agido em conluio, à vista do que ouvi na conversa que há pouco mantiveram? Não sou tão ingênuo a ponto de descartar Joana de minhas suspeitas. Lembro-me do que me disse o Jirair. Pelo que pude perceber, ambas demonstram curtir minha morte, como se a tivessem desejado e esperado que ela acontecesse numa hora programada.

Resolvi ir até a lavanderia para olhar seus lugares, mesmo sabendo de antemão que eu não seria capaz de abrir

nenhuma porta de armário ou mudar de lugar qualquer coisa que lá estivesse. Não vi nada que pudesse ser semelhante ao que eu procurava. Desisti. Deixei Rute e Joana na cozinha e me transportei até a casa de minha mãe.

Em casa percebo que há um silêncio triste dominando o ambiente. Notei que a única coisa nova e diferente que havia ali era um ampliado retrato meu, que minha mãe mandara emoldurar, e o pusera sobre um dos móveis da sala de forma a ser imediatamente visto por quem entra nela. Talvez minha mãe queira me ver ou fazer com que eu seja visto ali por todos e em todas as horas do dia. Bem diferente do que a Rute fez, ao se desfazer de tudo que fosse lembrança minha. Minha mãe deve estar sozinha em algum lugar da casa, possivelmente com seus pensamentos ainda doloridos. Nunca teve empregada que se encarregasse da limpeza ou que lhe preparasse as refeições. Ela mesma sempre cuidou de tudo. É uma casa pequena que não lhe dá grande trabalho, embora hoje, já avançada em seus 74 anos, ela não tenha mais a disposição que tinha quando cuidava do marido e de seus três filhos. Eu fui o último a sair de casa quando me casei com Rute e, desde então, sei que ela sempre cuidou sozinha de tudo, como se não precisasse de nenhuma ajuda. A companhia que mais lhe agrada é a de Lúcia, que é quem a conforta visitando-a quase todos os dias.

Eu entro e examino cada um dos recantos da casa onde passei minha infância e adolescência, como se com isso eu pudesse reviver os melhores tempos da vida que eu vivi ali. Vou até o quarto e vejo que minha mãe está dormindo um sono tranquilo, como costumava fazer logo após o almoço. Olho-a e a imagino sempre alegre e falante com as filhas ou comigo, mantendo aquele seu sorriso aberto no rosto. Não me recordo de nenhuma vez em que eu a tenha visto

envolta em mau humor ou não tendo paciência para contornar problemas domésticos. Ela sempre foi uma mulher ativa, alegre e de fácil convivência.

Quando menino, eu via essa casa sempre cheia de gente que a frequentava quase todos os dias, trazendo para dentro dela um vozerio agradável, porque nunca era de desencontros nem de desentendimentos, mas sim de uma vida borbulhante, que agasalhava a todos e dava a sensação de que estávamos unidos em torno de minha mãe, como se todos fossem filhos dela. Ah, que bons tempos foram esses! Nessa casa eu vivi a primeira parte de meus dias e esses foram dias soltos, pacíficos e felizes, durante os quais eu jamais poderia imaginar que na última parte de minha vida eu fosse viver dias turbulentos, raivosos e fatais. Minha mãe dorme e a casa continua mergulhada num profundo silêncio. Tenho vontade de permanecer a seu lado pelo tempo que puder, ainda que eu não venha a ouvi-la falar. Só estar perto dela já me é algo confortador. Aqui eu consigo esquecer de Rute e seus venenos, da Joana e seus mistérios, e me imagino voltando a ser o menino que eu sempre fui, confiante sob as asas da mãe e, por isso mesmo, protegido contra todos os males.

Eu não sei bem ao certo para onde devo ir quando sair daqui da casa de minha mãe. Para onde mais eu preciso ir? Dou-me conta de que a energia que sou começa a se extinguir lentamente à medida que os dias passam no tempo dos vivos. Até minhas lembranças começam a se diluir e minhas vontades tendem a se esvaír. Acho que esse meu sobretempo entre os vivos está se esgotando, e é bem possível que, de repente, eu não mais possa fluir pelos ares e continuar a estar entre aqueles com quem convivi.

Já se passaram quase seis semanas desde o dia em que morri. Não sei quanto tempo ainda me resta. Imagino que, se

Benedito Celso

a energia que sou não perdurar, eu talvez nem consiga saber exatamente como é que minha morte se deu.

IV

Resolvo retornar à casa que foi minha e prosseguir sondando o que Rute e Joana estão fazendo ou tramando por lá. Eu as reencontro, ainda juntas, após terem almoçado, e agora entabulam uma conversa na cozinha sobre coisas banais enquanto lavam a louça. A mim me parece que seus assuntos servem apenas para que elas matem o tempo. Rute fala dos outros e, como de costume, lhes impõe defeitos. Imagino que nem uma nem outra esteja se importando em saber que horas são ou que dia é hoje, pois apenas deixam que o tempo passe por elas de uma forma absolutamente vazia. Rute comenta:

– Você viu que a vizinha aqui de baixo está reformando a casa? Seria melhor ela mandar derrubar e fazer uma nova, porque a casa dela é um lixo. Ela também é uma mulherzinha metida a besta. Não vale a pena.

– E ela deve estar gastando uma nota nessa reforma, né dona Rute?

– Sabe-se lá de onde foi tirado esse dinheiro, Joana. Pelo que eu sei, o marido dela não tem cacife para bancar isso não. E ela não trabalha.

Parou um pouco como se pensasse e continuou:

– Sabe mesmo o que é que eu acho, Joana? Eu acho que nos dias de hoje está todo mundo roubando de todo mundo. Todo dia tem notícia de corrupção. É uma sujeira só. Você não vê as notícias na televisão?

– Nossa! Isso é verdade dona Rute!

– Você viu aquele caso em que teve gente que estava roubando até o dinheiro que era destinado à merenda escolar? Tem que botar essa gente toda para apodrecer na cadeia! Agora tem uma coisa: se prender todo mundo não vai haver vaga nas penitenciárias. E lá só ficam os pobres que não têm dinheiro para pagar bons advogados. Quem tem dinheiro sai no dia seguinte e continua rindo na nossa cara. Todo dia é isso o que acontece e o que a gente fica sabendo pela televisão.

– E eu aqui, malhando para ganhar o pão de cada dia! Aduziu Joana.

– Mas você tem que dar graças a Deus pelo emprego que você tem. Tá pensando o quê? Dá graças a Deus, mulher! Tem um milhão de gente por aí procurando emprego e não acha! Concluiu Rute em tom de reprimenda.

Joana encolheu-se um pouco, percebendo que tinha dito o que não devia. Por mais amistosas que fossem as conversas que Rute iniciava e mantinha com a empregada, não raro elas não terminavam bem. Sempre ocorria um senão que indicava que estavam derivando para uma encrenca entre as duas ou era hora de parar. Joana sempre soube disso, tanto que logo em seguida fez questão de dizer.

– Dona Rute, deixe que eu termine aqui e a senhora vai descansar um pouco. Olha aí, não falta quase nada pra terminar. Eu termino sozinha, tá bom?

Rute enxugou as mãos num pano de prato, olhou enviesada para Joana e em seguida deixou a cozinha sem mais dizer. Dessa vez não tocaram no assunto “daquilo” que estaria ou teria estado guardado no armário da lavanderia, e tampouco se referiram a mim. Eu fiquei olhando para Joana, que parecia estar incomodada com alguma coisa alheia ao que estava fazendo, tal era sua abstração. De vez em quando ela interrompia um pouco seu trabalho, lançava um olhar

perdido pela janela da cozinha, como se precisasse refletir sobre o que iria fazer em seguida, e tanto se distraiu que, sem querer, deixou escapar de suas mãos uma xícara que se espatifou no chão. Com um rápido movimento de cabeça, voltou-se para a direção da sala onde Rute poderia estar, e depois apressou-se em recolher os cacos. Rute teria dito um palavrão se tivesse visto isso e certamente ameaçaria descontar a despesa do salário de Joana. Mas ela tinha ido para o quarto e não ouviu o barulho.

Imagino que Joana ainda não tenha ido à lavanderia para “dar um fim naquele troço”, conforme Rute ordenara, de maneira que permaneço onde estou e continuo a observá-la de perto, por julgar possível que ela ainda vá até lá tão logo termine de arrumar a cozinha. E eu estava certo quanto a isso, pois foi exatamente o que se deu.

Joana concluiu a arrumação, tirou seu avental, enxaguou as mãos, inspirou fortemente como se estivesse cansada, e deixou a cozinha caminhando devagar em direção à lavanderia. Eu a acompanhei de perto, atento a cada ato que ela pudesse cometer. Pretendia saber o que foi que ela guardou lá. Eu a vi abrindo a portinha do armário que existe acima da máquina de lavar, movimentando alguns pacotes de sabão em pó que estavam ali, e apanhando um pequenino vidro sem rótulo, bem tampado, contendo no fundo apenas o resto de um pó acinzentado. Não era a seringa que eu esperava que fosse e nem me foi possível saber do que se tratava. Seria um veneno? Vejo que Joana olhou bem de perto para esse pequeno frasco, chacoalhou-o antes de abrir para que seu conteúdo se soltasse do fundo e depois despejou-o na pia à sua frente, abrindo a torneira para deixar que tudo escorresse pelo ralo. Manteve a torneira aberta por um certo tempo, olhando a água escorrer enquanto retinha consigo o

pequeno frasco, talvez com a intenção de se desfazer dele em outro lugar e não ali. Noto que ela está com cara de criança que acabou de cometer uma arte e que busca eliminar todos os vestígios que possam comprometê-la. Contudo, ela ainda se mantém calma e seus movimentos são lentos. Se o que continha esse vidrinho era mesmo um veneno, não haverá mais nenhuma dúvida de que Joana teve direta participação ou foi a executora do plano de meu envenenamento, o que a torna coautora de um crime cuja autoria intelectual e mando só podem ter sido de Rute. Se não é nenhum veneno, é de se perguntar por que é que foi feito mistério em torno disso, tanto pela Rute quanto pela Joana, a ponto desse vidrinho ter sido escondido e seu conteúdo estar sendo sorrrateiramente eliminado?

Prossigo observando e acompanhando Joana, que agora está de volta para dentro de casa. Suponho que ela vá para o quarto que lhe é próprio e onde mantém guardadas suas coisas pessoais, embora não durma no emprego. Eu vou com ela e essa é a primeira vez que entro em seu quarto. Quando vivo, eu nunca me atrevi a fazer isso, mesmo não sendo algo que me fosse proibido. Era por discrição. Também, ela não tinha liberdade de entrar em meu quarto quando eu estava em casa. Só o fazia quando eu estava fora, e com a exclusiva finalidade de efetuar a limpeza e arrumação. Observo o minúsculo quarto que ela usa e noto que ele está bem arrumado, tendo uma aparência que demonstra que sua ocupante cuida de manter em ordem todas as coisas que nele estão dispostas. Joana senta-se na cama que ali existe e, com as duas mãos, segura à sua frente o pequeno frasco que trouxera da lavanderia. Examina-o bem de perto como se estivesse lhe dando enorme importância, ou que necessitasse saber melhor sobre ele. Gira-o com os dedos e o retém como

se ele fosse algo muito especial. Espero para saber onde ela vai guardá-lo ou onde é que dele ela vai se desfazer. Enquanto isso, nenhum sinal de Rute que a essa hora deve estar recolhida em seu quarto.

Joana não se desfaz do vidrinho e sai de seu quarto com ele guardado num dos bolsos de sua roupa. Sei que a partir de agora ficará difícil saber onde ela irá se desfazer dele, a menos que eu a acompanhe o tempo todo numa vigilância ininterrupta, inclusive depois que ela deixar o serviço e estiver voltando para sua casa. Contudo, chego à conclusão de que não devo insistir na busca desse saber, porque reconheço que isso não tem a menor importância e para mim ele não terá mais nenhuma utilidade. De que me adianta saber o que Joana fará com esse vidrinho, ou onde é que dele ela vai se desfazer?

Deixo de observá-la e saio da casa que foi minha para ficar fluindo pelos ares de seus arredores enquanto ainda sou energia. Mas não me distancio dali.

A morte que eu vivi

QUARTO CAPÍTULO

I

No domingo, sem a presença da empregada Joana e com os dois filhos estando fora, Rute está sozinha em casa à procura do que fazer ou de um canto onde possa se acomodar. Talvez sinta a necessidade de ter alguém a seu lado, não exatamente para conversar ou para lhe fazer companhia, mas para que tenha a quem falar de seus reclamos ou desfiar suas implicâncias costumeiras. Ela não tem nem mais o Poti a quem dirigir seus xingamentos. Caminha de maneira incerta da cozinha à sala e reacomoda ali algumas almofadas que estão sobre o sofá e poltronas. Vai até seu quarto, por ela já arrumado quando se levantou, e remexe no armário como se estivesse à procura de uma roupa para se trocar, o que não foi o caso. Depois, retorna à cozinha, pelo visto não para lavar o que usou ao fazer o café, mas para fechar algumas gavetas que deixara abertas. Antes de voltar à sala, demora-se um pouco olhando abstraída pela janela da cozinha que mostra a lavanderia ao fundo.

Deve estar pensando em alguma coisa que não dá para ser imaginada, enquanto mantém um olhar sonâmbulo que não se fixa em nada. Frente à janela aberta, aspira fundo o ar lá de fora, como se pretendesse trazê-lo para dentro de casa, e depois disso murmura para si mesma alguma coisa incompreensível. Ela nunca foi dada ao hábito de falar sozinha, mas eu sempre soube que por vezes resmunga assim, emitindo sons ininteligíveis, e isso se dá principalmente quando ela está a ponto de explodir porque alguma coisa a desagradou ou a contrariou. Eu continuo a observar e a

acompanhá-la de perto, para lá e para cá, em suas andanças pelos cômodos da casa e, apesar de a mim ela parecer estar com um semblante amargurado – o que me leva a supor haver algo dolorido em seu interior – eu não a vejo próxima de um destempero. Quando Rute está sozinha, ela parece ter sentimentos e sofrer dores emocionais como se fosse uma pessoa normal. Digo isso porque sei muito bem qual é seu normal e esse nunca foi o de uma mulher cordata, pacífica, sensata e equilibrada.

Agora, eu a vejo sentando-se no sofá da sala e ligando a televisão. Passeou por quase todos os canais sem se deter em nenhum deles. Desligou a TV, murmurou outra vez alguma coisa indecifrável, levantou-se e novamente foi para o quarto, deitando-se de costas em sua cama. Aquietou-se ali por alguns instantes enquanto eu fiquei a observá-la bem de perto. O que estaria pensando essa mulher que há pouco mais de dois meses viu morrer o marido com quem conviveu ao longo de mais de duas dezenas de anos? Com quem tivera dois filhos e que em seus primeiros anos de casada viveu (suponho) uma vida quase feliz? Por menos que ela tenha lastimado minha morte (se é que não a tenha pretendido), deve estar admitindo, no mínimo, que apesar de eu ter sido um casca grossa durante a vida em comum, agora eu devo lhe estar fazendo falta para alguma coisa. Hoje ela não tem mais a quem inculpar pelo vazio da vida que leva e após minha morte, tudo deve ter ficado tão ou mais vazio do que antes, nessa casa. Antes pelo menos, ela tinha a seu lado um marido, ainda que inútil e imprestável como ela se importava em acusar, a quem inculpava por todas as coisas ruins que aconteciam. Embora tenha dito à Joana que eu não estou fazendo nenhuma falta e que tudo ficou melhor depois que me fui, no fundo, no fundo, será essa uma verdade verdadeira?

Rute sempre buscou justificar seus erros e defeitos através da atribuição de culpas que impunha aos outros, principalmente a mim, nunca admitindo ser ela própria a responsável pelos erros cometidos. Para ela, eu sempre fui uma espécie de culpado por tudo o que ela passava e por tudo o que acontecia de ruim dentro de casa. Para ela, eu sempre fui desprovido da menor serventia, quem nunca prestou para nada, mas que pelo menos servia para responder pelas suas culpas. Agora ela está sozinha, não tendo mais a quem inculpar.

Rute fecha os olhos por instantes como se pretendesse dormir, mas em seguida levanta-se e abre o armário do quarto à procura de alguma coisa. Encontra nele um estojo de óculos fechado com zíper. Pega-o, senta-se à beira da cama, abre-o e dele retira a pequena seringa que antes estivera comigo no bolso de meu paletó quando desfaleci no chão da sala. Bem que eu imaginei que ela teria pegado isso enquanto me transportavam para o hospital. Para mim, esse achado vem se somar ao do vidrinho que antes foi retirado da lavanderia pela Joana, e o mistério que envolve minha morte parece estar sendo pouco a pouco desvendado. Não há nenhuma outra razão plausível para o fato de Joana ter dado um fim no conteúdo daquele pequeno frasco e para o fato de Rute continuar ocultando essa seringa, a não ser que Joana ou ela – ou ambas – tenham feito uso criminoso dessas coisas e agora queiram se desfazer delas. Por quem isso foi planejado, ou quem é que executou o plano de minha morte, eu ainda não sei ao certo, mas espero saber antes que a energia que sou se esgote.

Rute está aparentemente calma. Surpreende-me a forma como está se comportando, porque agora ela não está com aquele seu jeito grosseiro e estabanado. Não parece estar

de mal com o mundo como sempre esteve. Seus movimentos são lentos como se cada um deles houvesse sido estudado e previamente programado. Vejo-a recolocando com certo cuidado a pequena seringa dentro do estojo de óculos, guardando-o em sua bolsa, tornando a se deitar de costas e novamente fechando os olhos como se tivesse todo o tempo do mundo disponível para não fazer nada. Decido permanecer dentro da casa mesmo supondo que ela vá dormir.

Cerca de duas horas depois, quando já passava do meio dia, Rute acordou, deixou seu quarto e veio para a sala onde eu permanecia. Tomou do telefone para falar com alguém que de imediato descubro quem é.

– Oi, é a Rute. Você não quer vir para cá e almoçar comigo, Helena? Tenho um montão de coisas que preciso te contar. Almoça comigo?

Aguarda a interlocutora argumentar do outro lado da linha e volta a falar.

– Tá bom! Não tem problema. Então eu acho que vou sair um pouco por aí. Não vou fazer almoço só pra mim, não. Tá muito chato ficar sozinha aqui. É um saco. Tchau!

Antes de deixar a sala, Rute pegou um bloco de papel de uma das gavetas da escrivaninha, acomodou-se junto à mesa da sala de jantar e começou a escrever de maneira livre e solta. Por várias vezes usou e depois rasgou algumas folhas com escritos que por ela mesma devem ter sido censurados. Eu não consegui acompanhar ou saber sobre o que escrevia, embora tenha tentado ver quando ela deixou uma folha aberta sobre a mesa. Nessa folha estava posto ao alto o nome de quem deveria ser a destinatária: Helena. Sobre o que Rute estaria escrevendo para Helena? Era algo inédito e um fato surpreendente, porque ela nunca foi de escrever cartas para ninguém e muito menos para Helena, que sempre estava

com ela no mínimo uma ou duas vezes por semana. Mas eu não tive dúvidas de que realmente se tratava de uma carta que Rute estava escrevendo para Helena, possivelmente com confidências que pretendia lhe fazer. Mas o que precisaria ser escrito para Helena se ela poderia contar tudo pessoalmente amanhã ou depois? Finalizando seu escrito em única folha de papel, Rute dobrou-a e a colocou num envelope fechando-o cuidadosamente. Foi até a cozinha levando-o consigo e também estando com o estojo que continha a seringa em sua bolsa, e de lá retornou com as chaves do carro nas mãos. Saiu de casa dirigindo muito mal, embora continuasse a se mostrar aparentemente calma. Eu a acompanhei.

Chegando ao centro, ela estacionou o carro no pátio de um shopping e andou pelo seu interior em direção à praça de alimentação. Caminhava de maneira firme e decidida como se soubesse exatamente onde deveria chegar, e causou-me estranheza vê-la assim tão determinada. Não era a Rute com passos incertos e pesados, nem a mulher raivosa que ela sempre foi. Bem ao contrário, agora eu a via como se ela fosse alguém capaz de fazer bom uso de sua razão, parecendo saber muito bem para onde vai, o que deve fazer e porque está fazendo. Em vida, eu nunca soube que ela tivesse saído sozinha para alimentar-se fora e sequer me lembro de alguma vez ter vindo almoçar com ela nesse shopping. O que vejo agora é de todo inusitado e diferente. Acompanho-a de perto e a observo preparando seu prato na bancada de self-service, com bastante salada, só uma ou duas colheres de arroz e um escalope de filé com molho de champignon. É possível que tenha iniciado um regime alimentar, pois, sabidamente, ela está acima de seu peso ideal.

Sentou-se calmamente numa mesinha no largo, sem olhar para ninguém, acomodou sua bolsa na cadeira ao lado e

princiou seu almoço. Está sozinha no meio de muita gente e eu começo a admitir coisas que antes jamais passaram pela minha cabeça, como o fato de que também ela deve ter sido extremamente infeliz no casamento. Eu que sempre achei que era ela mesma quem se fazia assim, de um jeito que seria derivado de sua própria ruindade, deixando-se dominar por seus demônios íntimos, e que nunca soubera alimentar sua vida com nenhum momento de alegria, de repente, e pela primeira vez, eu a via de uma forma diferente. Por estar assim tão quieta e em paz consigo mesma, com movimentos lentos, a mim deu a impressão de que eu estava vendo uma outra Rute.

Foi ela que mudou ou mudei eu? Ou sou eu que estou tendo outros olhos para enxergá-la? Não sei! Só sei que, durante todo o tempo de convívio matrimonial, eu me sentia como se fosse uma vítima de seus destratos e agora, assim de repente, inclino-me a admitir que devo ter sido quem nunca se propôs a compreendê-la melhor, quem nunca buscou aproximar-se dela para bem conhecê-la, nem jamais procurou ajudá-la para, com isso, também ajudar a mim mesmo. Admito até que, assim como ela sempre se comportou a meu respeito, também eu só me detive a ver e a ressaltar seus defeitos, o que fez com que dela eu me afastasse cada vez mais, ao invés de buscarmos juntos uma solução para problemas comuns que eram nossos. Nem ela nem eu nunca reconhecemos ou nos importamos em destacar uma só qualidade do outro. Sempre fomos ruins um para com o outro. Acostumamos a nos repetir mutuamente, e isso deve ter sido o pior, a causa maior de todos os nossos males. Sequer a reunião que foi tentada em família, pouco tempo antes de minha morte, foi produto de ideia minha.

Eu nunca tentei me conciliar com ela porque sempre achei que a razão estava comigo, e que só ela era a irascível,

a teimosa e aversiva, de gênio difícil, e não eu. Mas será que sempre foi mesmo assim? O que eu tenho agora são dúvidas sobre mim, não sobre ela! Repito que, em todo o tempo de convívio, eu me julguei sendo uma vítima de seus desaforos, e só me portava como um crítico mordaz de seus defeitos. Admito até que, nas primeiras visitas que eu lhe fiz depois de morto, eu ainda continuava a pensar assim. Porém, quem sabe, não fui eu o maior culpado de todas as mazelas de Rute, ou o responsável por ela ter se tornado tão amarga consigo mesma e também comigo? É lógico que pode haver outras razões, ainda não percebidas por mim que tenham causado desgraça em nossas vidas. Nossa vida conjugal sempre foi um inferno. Mas qual de nós dois terá sido a vítima maior do outro?

Aceito dizer que, ao levantar essas dúvidas, eu esteja fraquejando, para acabar assumindo culpas minhas, ou sendo incoerente com tudo o que eu disse até aqui, mas eu tenho que reconhecer que fazer isso é adequado e necessário. Eu preciso admitir isso, antes que eu desapareça de vez. Sempre é tempo de se repensar as coisas e eu tenho pouco tempo. Sei que a energia que eu sou vai se acabar uma hora ou outra, ela está se esvaindo, e só agora é que começo a entender que, quanto mais se espera que os outros correspondam às nossas expectativas, menos a gente se preocupa em corresponder às expectativas que também os outros têm com relação à gente. A vida é uma via de duas mãos e, pelo visto, eu devo ter caminhado por uma mão só. Pode ter sido exatamente isso o que ocorreu comigo em relação à Rute, ou vice-versa. No mais das vezes, os vivos são interesseiros e egoístas, e tornam-se incapazes de enfrentar ou de superar seus problemas íntimos sem lançar sobre as costas dos outros a culpa maior pela existência desses problemas. Os atos falhos ou os erros podem

não ser intencionais, mas eles moram com a gente, também são nossos e também contam em nossas culpas.

Sim, admito que estou fraquejando, porque até a energia que sou e que permite que eu continue nesse mundo dos vivos está se enfraquecendo. A partir de agora, ainda que venha a ser confirmado que foi Rute a única responsável pela minha morte, isso não vai elidir os erros, fracassos e pecados que eu tive em vida. E ainda que eu venha a ter certeza de seu crime, eu não vou conseguir nutrir o menor sentimento de ódio ou de vingança, porque quando em vida e não só por única vez, eu também tive o desejo macabro de que ela morresse de repente e bem antes de mim, para aliviar-me do peso de conviver com ela, para poder ficar livre dela. Por várias vezes, passou pela minha cabeça a ideia de matá-la, enganá-la até vê-la morta, embora eu não tenha chegado nem perto do ponto de planejar sua morte. Mas que eu pensei nisso por várias vezes, eu pensei. Será que sou ou fui melhor do que ela, apenas sob o fundamento de que era eu o único provedor da casa e da família? Nenhuma culpa eu tive? Nunca cometi nenhum erro? Eu lhe fui fiel?

Pensando assim, passa por mim, na velocidade do vento, a ideia de que devo afastar-me dela, deixar de segui-la, sair desse shopping e fluir à busca de um lugar bem distante, um isolado recanto, onde eu deva aguardar o fim de meu tempo marcado para depois inexistir de vez. Silenciosa e vagarosamente. Nada mais pode me afetar, e não há sentido em continuar insistindo na busca do conhecimento sobre o que ocorreu comigo quando desfaleci no chão da sala. Para mim, não mais tem a menor importância saber como foi que eu morri ou quem foi que me matou. De que me servirá esse saber? Sequer vou levá-lo comigo e tampouco vou poder fazer algum uso dele para o mais inimaginável dos fins. Melhor

será voltar a acreditar que morri de morte natural, aquela em que não mais é permitido continuar vivendo porque findou o tempo da vida, e você não mais faz por merecê-la. Morri de velho aos 45 anos, mergulhando no ocaso da vida. Não foi a Rute quem me matou. Fui eu mesmo que me assassinei com meu egoísmo, minha indiferença, meu desprezo pelos outros e meu cinismo. Dá-me até um certo alívio reconhecer isso. Torno-me mais humano pensando assim, se é que isso seja possível agora.

Olho para Rute e, pela vez primeira, eu percebo nela um semblante sereno, estando em paz enquanto se alimenta. Num relance eu a vejo como se ela fosse uma sobrevivente de mim e quem agora vai passar o resto de seus dias perguntando se valeu a pena cometer um crime. O remorso dói, se é que ela sente ou vá sentir algum remorso, e sua vida vai ser pior a cada dia que passar, sem que ela venha a saber o porquê. Agora é só ela quem vai ter que continuar sentindo as dores e o peso de viver a vida e eu não mais os sinto na leveza da energia que sou e enquanto essa durar. Eu sei que não é nada fácil carregar a vida com seus fardos de angústias, incertezas e lamúrias. E o fardo que Rute vai carregar pelo resto de sua vida é colossal. Em sua consciência, eu vou estar presente para aumentar o peso de seu fardo e ele tenderá a ser cada dia mais pesado.

Resolvo distanciar-me da mesa onde Rute está e, enquanto ela continua almoçando, deixo-me ir até a porta de saída do shopping para olhar o lá fora como se eu precisasse fazer um completo reexame de mim mesmo. Percebo que estou desaparecendo aos poucos e que não serei capaz de interromper o ciclo. Embora eu continue com apego às minhas lembranças, também essas progressivamente perdem a força e a intensidade. As cenas que imagino me são cada

vez menos nítidas. Até minha memória está se esvaindo. Meus pensamentos se embaralham num turbilhão impetuoso, desorientam-me e intrigam-me, às vezes tornando-me confuso, outras vezes deixando-me às cegas, por serem diferentes daqueles que antes eu tinha.

Pensar é viver uma vida para dentro, como num sonho. E agora eu penso como se estivesse voltando a ser o que fui antes de morrer, na autenticidade da vida que eu vivia, sem máscara ou disfarces, e estivesse deixando-me levar para um contrário de tudo o que eu estive pensando desde a hora em que eu morri. A realidade da vida que eu vivi pode não ter sido exatamente aquela que eu comecei a narrar e retratei no meu modo de pensar, durante todo o tempo em que eu me vi morto. Aliás, serão realmente verdadeiras as qualidades ou as virtudes que eu próprio venho evocando como tendo sido minhas, depois do dia em que morri? Ou são as qualidades que eu pretendia ter possuído? Será que, como os falecidos falsamente laureados por seus familiares, também eu depois de morto, e só porque morri, terei me transformado num homem bom? Ou sou eu mesmo que estou procurando me revestir de qualidades que em vida eu jamais tive? Posso estar procurando ocultar ou não me referir às mazelas ou aos graves defeitos que eu tive em vida, numa atitude que só pode ser a de defesa própria de minha memória! Não quero continuar seguindo por esse lugar comum para simplesmente achar que, só porque agora eu sou um homem morto, eu tenha me convertido em alguém que sempre foi um homem honesto, trabalhador exemplar, correto, bom pai, bom esposo e grande amigo, sem nunca ter tido nenhum defeito. Por isso não devem ser só de Rute os defeitos e as vilezas que eu devo acusar. Onde está a vileza e onde estão os defeitos que, até

aqui, eu venho escondendo para que não sejam sabidos nem vistos como sendo meus?

Retorno para a praça de alimentação para reaproximar-me de Rute, mas eu não mais a reencontro no lugar onde estava. Ela deixou a mesa que ocupava durante seu almoço e eu não mais consigo visualizá-la pelos arredores. Para onde terá ido? Início uma pequena busca pelo interior do shopping, privilegiando-me, inclusive, com a capacidade que tenho de adentrar, sem ser visto, até mesmo nos banheiros femininos que existem por ali. Nada de encontrá-la. Por longos minutos eu a procuro e depois retorno para aguardar sua volta à praça de alimentação. Passa-se o tempo sem que ela reapareça. Vou ao estacionamento e constato que seu carro ainda está lá, exatamente onde e como antes ela o deixara. Tenho toda a certeza do mundo de que ela ainda não saiu do shopping, portanto vou continuar procurando-a por aqui até reencontrá-la. Suponho que ela deva voltar a seu carro e nada me custa ficar de plantão à sua espera.

Quando a tarde cai e a noite ocupa os lugares do sol, o pátio do estacionamento esvazia-se e o carro de Rute torna-se isolado como um dos poucos que ali permanecem. Continuo a espreitá-lo a pequena distância, ainda acreditando que através dele eu venha a reencontrá-la, mas ela não reaparece nem após o shopping cerrar suas portas. Já é bem tarde quando os zelosos seguranças vasculham as redondezas do estacionamento e examinam de perto uns e outros dos carros ali deixados. Testam suas portas para confirmar se estão trancados e constatam que só o de Rute foi deixado com suas portas destrancadas. Eles o abrem para examiná-lo por dentro e também eu me atrevo a bisbilhotar seu interior. Vejo que as chaves foram deixadas no contato e que sobre o painel há um envelope branco contendo alguma coisa que deve ser

examinada. Um dos seguranças pega esse envelope, abre-o e lê o que está escrito na folha única que ele contém.

Em seguida chama a polícia. Quando os policiais chegam no estacionamento eu acompanho de perto o relato que o segurança lhes faz e aos quais entrega a carta encontrada no painel do carro. A dona desse carro deixara nele um ato de confissão de que teria assassinado seu marido com uso de veneno e que iria desaparecer no mundo sem nunca mais retornar para casa. Não me parecia ser exatamente um ato de desespero cometido por Rute, antes disso é mais correto imaginar que ela teria deixado bem claro que se tratava de um ato premeditado, bem arquitetado, tanto que deixara as chaves do carro no contato, as portas destravadas e a carta em um lugar bem visível exatamente para ser encontrada. Aos policiais, a partir de agora, cabia identificar a proprietária ou o proprietário do carro, seu endereço, quem seria “Helena”, a destinatária da carta, e quem é que teria sido envenenado por aquela que simplesmente assinara a carta como sendo “Rute”.

Só no dia seguinte, quando os jornais estamparam uma detalhada notícia de que uma mulher chamada “Rute” teria deixado uma carta dentro de um carro abandonado no estacionamento do shopping e na qual confessava ter envenenado o marido, é que eu vim a tomar conhecimento do inteiro teor dessa carta. Publicaram uma foto na primeira página e dava bem para ver a letra firme e a forma objetiva com que Rute escrevera.

“Helena,

Eu queria ter podido almoçar com você hoje para me despedir, mas não deu certo. Deixo aqui meu adeus. Eu vou sumir e você não vai me ver mais.

Preciso desaparecer. Por favor não me procure. Você não vai me achar. Eu não quero mais viver na minha casa. Ela me dá náuseas. É um lugar maldito, onde eu só sofri, e você sabe muito bem disso. Nunca tive um companheiro a meu lado a quem eu pudesse dar o braço e caminhar junto, ou em quem eu pudesse confiar. Agora eu vou dar um jeito em mim mesma, depois que dei um fim naquele marido indecente que eu tive. Foi duro eu aguentar ele tanto tempo. Ele acabou comigo. Mas eu fiz ele se estrebuchar com o veneno que eu lhe dei. Me desculpe, mas ele merecia. Peço que você não conte nada disso a meus filhos. Só diga a eles que eu desapareci. Só isso. Deixe que eles continuem pensando que o pai morreu do coração. Eles não têm culpa do pai e da mãe que tiveram. Quanto a mim, pode ficar tranquila porque eu não vou me matar, não. Sou muito covarde para isso. Não tenho coragem. Só vou sumir e ninguém vai me achar mais. Nem adianta procurar. A culpa de tudo o que aconteceu lá em casa é só minha, Helena. A Joana não teve nada com isso, ela só foi usada quando eu precisei dela. Coitada! Eu até que gostava dela! Se cuide, minha irmã.

Rute”

II

Nessa tarde eu pude acompanhar a vizinhança acotovelando-se em frente daquela que foi minha casa, atraída pela inusitada presença de carros da polícia e de policiais que a vasculhavam à procura de dados e informações sobre o caso citado na carta de Rute. Encontraram meu pequeno cofre também com as portas abertas, e dentro dele estavam os passaportes meu e dela, cópia de uma apólice de seguro em meu nome, algumas joias baratas que ela juntara ao longo do tempo, alguns relógios meus e outros dela, vários cartões de crédito possivelmente já descartados, sua Carteira de Trabalho e outros papéis que nem justificavam estar guardados num cofre. Nada mais. Desde logo, os policiais afastaram a hipótese de que Rute pudesse ter saído do país, porque não levara seu passaporte. Em casa não encontraram nenhum dinheiro, mas era de se supor que Rute detivesse consigo uma boa quantia em espécie, vez que há poucos dias tinha recebido o seguro de vida que fizera em meu nome e do qual era a única beneficiária. Todas as suas roupas estavam lá e, pelo visto, ela não deixara a casa levando nenhuma mala de viagem. Helena havia sido localizada e foi chamada pelos policiais para acompanhar a busca enquanto Joana auxiliava de perto mostrando a eles os lugares da casa onde Rute poderia ter escondido alguma coisa.

Durante toda essa vistoria eu apenas os observava ao largo sem poder intervir. Nada de relevante foi encontrado ali, apesar do minucioso vasculhar que perdurou por mais

de uma hora. Nenhum sinal de veneno que pudesse ter sido usado para cometer o aludido homicídio, e nenhuma outra anotação, papéis ou documentos que estivessem diretamente relacionados com o dito envenenamento do marido. Acomodado no fundo do armário do quarto foi encontrado um revólver calibre 38, desmuniado, e cujos cartuchos vieram a ser vistos depois numa gaveta do armário. Essa arma era minha e eu a adquirei há mais de sete anos sem nunca a ter portado ou a retirado de casa para qualquer fim. Não tinha registro e eu nunca cheguei a disparar um só tiro com ela. A polícia a apreendeu.

Terminada a vistoria, Helena e Joana foram conduzidas até a Delegacia, a fim de prestarem depoimento, na condição de informantes de um inquérito instaurado às pressas, e tanto uma quanto outra só contou das dificuldades conjugais sob as quais vivíamos eu e Rute, com constantes brigas e reclamações costumeiras tanto de um quanto de outro. Nem Helena, minha irmã, nem Joana, a empregada, preocuparam-se em fazer minha defesa, apesar de ter sido eu a vítima, o assassinado. Joana narrou à polícia todos os detalhes do que se passou naquela casa no dia de minha morte sem omitir ou acrescentar nenhum ponto e sem mentir sobre nada. Falou que, naquele dia, minha chegada do trabalho se dera mais tarde; de meu aparente cansaço naquele começo de noite; da provocação que Rute me fez ao dizer que eu devia dar um fim no meu cachorrinho Poti ou deixar a casa junto com ele; da preparação da vitamina que ela me serviu e que eu fui tomar no quarto; do insulto que Rute me dirigiu quando eu voltava para a cozinha ao dizer que estava passando da hora de eu deixar a casa, e de meu desmaio final, quando desfaleci no chão da sala. Por outro lado, tanto Joana quanto Helena mais cuidaram de retratar Rute como tendo sido a grande vítima

de um casamento desastroso e de uma belicosa convivência durante todo o tempo em que estivemos juntos. Disseram que nunca desconfiaram que Rute estivesse arquitetando algum plano para me assassinar. Negaram aos policiais que eu houvesse cometido algum erro grave ou tivesse agredido fisicamente a Rute a ponto de provocar nela uma reação desmedida.

Restava aos policiais investigar a causa de minha morte e para tanto seguiram depois para o hospital, requisitando o prontuário médico de meu atendimento naquela noite. De concreto sobre o aludido crime tinham apenas a carta de Rute, pela qual ela confessava um suposto envenenamento do marido. Tiveram, porém, o cuidado de recolher da casa alguns papéis contendo anotações manuscritas antes feitas por Rute, inclusive uma lista para compra em supermercado e algumas folhas amassadas que estavam numa pequena lixeira da sala e nas quais constavam as primeiras tentativas da carta que escrevera, porque essas deveriam servir como paradigmas para futuro exame grafotécnico da carta deixada por ela. Será preciso que uma perícia determine se a escrita da carta proveio ou não do próprio punho de Rute.

Momentos antes de deixar a casa, horrorizou-me saber que os policiais aventavam a hipótese de ser requerida a exumação de meu corpo para um exame necroscópico, visando a exata determinação da causa de minha morte. Desde logo eu me recuso a assistir a esse procedimento se ele vier mesmo a ser feito. Não vou me atrever nem quero ver meu corpo putrefeito. A última vez que eu me vi morto foi no cemitério quando o caixão foi aberto para as despedidas finais antes do sepultamento. Naquele dia minha mãe disse que eu estava bonito e que parecia que eu estava dormindo. Como estará meu corpo agora quando já são passados mais

de dois meses desde que ele foi sepultado? Definitivamente eu não quero me ver agora. Esse é um trabalho sujo, de médicos legistas que, em meu caso, deverão atuar na área de toxicologia, vez que o que deve ser investigado é um caso de provável envenenamento. Isso tudo me causa calafrios (se é que estando morto eu possa tê-los). Não posso nem imaginar como é que alguns profissionais tendem a escolher esse tipo de profissão. É tétrico mexer com cadáveres e eu quero distância disso.

Rute não chegou a ser considerada pela polícia como sendo uma pessoa desaparecida. De pronto ela passou a ser tratada como uma fugitiva que, antes de desaparecer da cidade, confessou através de uma carta ter cometido um homicídio. Os primeiros exames periciais grafotécnicos comprovaram que a escrita da carta deixada no carro, depois de comparada com outros escritos coletados em casa, realmente proveio de um mesmo punho: o de Rute. Ela passou então a ser uma pessoa procurada pela polícia, suspeita de ter assassinado o marido. Enquanto isso, aguardava-se a permissão judicial para exumação de meu corpo. Joana foi descartada como suspeita ou como cúmplice do crime, seja pela espontânea colaboração que ela imediatamente prestou à polícia, seja pelo que expressamente constou da carta deixada por Rute.

No dia em que procederam à exumação de meu corpo para exame necrológico, eu fiquei o tempo todo na casa de minha mãe onde se reuniram meus filhos Lucaz e Cláudio, a Helena, a Lúcia e seus maridos. Ninguém da família quis ir ao cemitério para assistir ao ato. Muito menos eu. Durante esse dia frio e nebuloso perdurou naquela casa um silêncio triste, horas amargas que demoravam a passar, e minha mãe ficou o tempo todo sentada numa cadeira preguiçosa com os olhos parados e perdidos no ar, fitando o nada à sua frente sem

mover um só músculo. Era como se ela estivesse revivendo minha morte ou tornando a assistir a meu sepultamento, enquanto lágrimas teimavam em descer pelo seu rosto envelhecido. Para ela, era como se eu estivesse morrendo de novo e a dor da perda se renovasse aos poucos. Evitavam falar entre si e ninguém ousou tocar no nome de Rute enquanto estiveram juntos. Lúcia ficou recolhida ao lado da mãe abraçando-a com carinho e Helena, do outro lado, a olhava com um certo constrangimento, fosse porque a ela tinha sido dirigida a carta final de Rute, fosse porque todos sabiam da intimidade que ela sempre teve com a cunhada. Por vezes, ela deixava a sala ia até a cozinha como se tivesse alguma coisa a fazer por lá e retornava em seguida sem ter feito nada. Lucaz evitou sentar-se a seu lado e nem eu a olhava com bons olhos. Recordo-me que, na véspera do dia em que morri, Helena tinha ficado horas trancada no quarto com a Rute, conversando sabe-se lá o quê. Quando elas se reuniam assim de maneira reservada, a mim sempre parecia que estavam tramando alguma coisa que iriam fazer juntas, e que eu não deveria saber. E a previsão que eu tinha é de que não viria coisa boa.

Apesar de na carta ter sido pedido que ela não contasse nada aos meninos, não teve jeito de esconder deles a verdade, porque todos os detalhes do caso foram estampados em diversas publicações dos jornais. As matérias referiam-se ao caso da “mulher do shopping” ganhando enorme repercussão na imprensa. Percebi que, depois disso, Lucaz e Cláudio passaram a buscar abrigo aproximando-se mais da casa da avó, o que antes não era tão comum, e evitavam falar no nome da mãe. Lucaz não chegou a ser chamado para depor na delegacia mesmo sendo maior de idade e Cláudio, mais do que antes, mantinha-se mergulhado nas profundezas de seu recolhimento íntimo. Eu o via como se ele fosse uma peça

isolada dentro do contexto familiar, mas, com certeza, era ele quem melhor analisava os conteúdos explicitados sobre o caso. Seu recolhimento não era um alheamento. Era mais uma introspecção.

Todos se mantinham, dentro da silenciosa casa de minha mãe, como se estivessem numa vigília voluntária, aguardando um determinado fato acontecer. Numa hora Lúcia pediu ao marido que desligasse a televisão da sala porque o noticiário voltava ao assunto da “mulher do shopping”, e havia a possibilidade de transmissão do ato de exumação de meu corpo. Ninguém queria ver isso. Nem pela televisão. Esperavam apenas um resultado que viesse a comprovar que Rute realmente tinha me envenenado. Era só isso. Nem saber do paradeiro dela ou para onde é que ela teria ido importava mais nesse momento, ela que estava sendo procurada pela polícia há quase uma semana. Por sua vez, Joana havia recebido recomendação da polícia para que não mais voltasse à casa que foi minha, até que viesse a ser liberada pela perícia. Portanto eu não sei onde Joana pode estar agora. Acredito, contudo, que também ela não deve ter ido ao cemitério.

Três dias depois da exumação de meu corpo, o Instituto Médico Legal divulgou o laudo da necropsia, através do qual restou confirmada a presença de um veneno em meu corpo, o cianeto de potássio. Para aqueles que foram meus familiares, isso não foi nenhuma surpresa, porque esse era o resultado já esperado por eles, embora ainda não se soubesse qual tinha sido o tipo de veneno utilizado por Rute. A partir desse laudo, ficava definitivamente comprovado que eu não morri de morte natural, mas sim que fui envenenado com essa substância química altamente letal que, primeiramente, me levou a sofrer um desmaio no chão da sala e em questão de minutos me conduziu à morte. Não havia mais nenhuma

dúvida de que Rute tinha sido a autora de um homicídio o que a fez ser imediatamente indiciada no inquérito, ainda que à revelia, e depois passar à condição de ré-confessa. A pedido da polícia foi expedida uma ordem judicial de sua prisão preventiva e passaram a ser adotadas todas as providências e medidas policiais que visavam a localizá-la e prendê-la. Por outro lado, a Polícia descartou de vez a participação dolosa ou culposa de Joana no ato criminoso, porque não havia nenhuma evidência que justificasse seu indiciamento ou sua incriminação. Permaneceu tão só como testemunha.

Com grandes e repetidas coberturas feitas pela imprensa escrita e televisada, exibida a foto de Rute como sendo uma fugitiva da justiça, começaram a chegar para a Polícia muitas informações sobre seu provável paradeiro. Algumas eram imediatamente descartadas porque descabidas ou verificadas improcedentes, outras eram levadas a sério, porque insistiam na indicação de que ela estaria em uma certa região do nordeste do país, com real possibilidade de nela vir a ser encontrada. Eram passadas pouco mais de dois meses quando a polícia confirmou uma informação fornecida por uma pessoa que dizia conhecê-la e que afirmava tê-la visto na Praia de Caueira, município de Itaporanga D'Ajuda, no Estado de Sergipe. Alguns policiais deslocaram-se para lá e montaram campana à sua espera. Ali Rute tinha passado a viver sob identidade falsa e era conhecida como Dona Rosiney – Rosiney da Costa Ferreira – trabalhando sozinha numa barraca montada por ela no calçadão da praia, onde vendia moqueca de aratu que ela mesma preparava com muito capricho, boa cozinheira que sempre foi. Todos que a conheceram por lá fizeram questão de dizer que se tratava de uma senhora extremamente simpática, de agradável trato, e que, em pouco tempo, fizera-se amiga de todo mundo. Quem

com ela conviveu de perto durante todo o tempo de sua fuga, e que só depois veio a saber que se tratava de uma assassina, declarou-se surpreso com esse fato. Não imaginavam que aquela atenciosa senhora da barraca fosse alguém que tivesse sido capaz de matar alguém. Rute foi presa, trazida de volta para sua cidade e recolhida num presídio provisório, onde passou a aguardar julgamento. Seu processo criminal seguiu com surpreendente rapidez.

No princípio, eu relutei muito em ir vê-la na cadeia. Com que finalidade eu iria até ela? Eu soube que de todas as mulheres que estavam presas ali, Rute era a que menos falava, mantendo-se isolada até mesmo quando reunidas para o banho de sol no pátio do presídio. Ela evitava comunicar-se com as demais detentas e portava-se como se não pertencesse a esse grupo. Por certo eu não iria ouvir nada da parte dela e nem mais a mim restava qualquer coisa que eu devesse saber sobre nossa vida em comum ou sobre minha morte.

Só por uma vez eu me dispus a visitá-la na prisão e isso se deu quando ela já estava recolhida há mais de um mês. Encontrei-a sentada num canto de sua pequena cela, olhar assustado em direção à grade da porta, enlaçando com os braços seus joelhos recolhidos, e mergulhada em seus próprios temores. Mais parecia um bichinho ameaçado de captura. Observei-a bem de perto e pela primeira vez eu a vi completamente derrotada. Dava para perceber que seu rosto estampava uma sensação de alerta, um medo constante do que pudesse ocorrer no próximo minuto. Apenas contemplava o vazio de sua cela sem possuir nenhuma exata percepção do lugar onde estava, parecendo apenas ansiar pela sua sobrevivência. Era uma outra mulher, a dar pena em quem a visse ali e assim. Fiquei um bom tempo a seu lado e dentro de seu silêncio. Eu mesmo já me sentia terminando, como

se a energia que eu era também estivesse chegando ao fim, e logo, logo, eu não mais pudesse fluir. Se for considerado que essa minha visita não conta porque disso nem ela, nem ninguém pode se aperceber, Rute passou o tempo todo sem receber nenhuma visita. Nem Helena, nem Joana, nem os filhos foram vê-la antes do dia de seu julgamento. Para aqueles que constituíram minha família, era como se ela continuasse desaparecida ou também tivesse morrido. Ninguém falava sobre ela em casa e só muito raramente é que o assunto de minha morte voltava à cena, fazendo com que minha mãe ainda se lastimasse pelo que acontecera como se tudo tivesse ocorrido ontem.

Devo dizer que, nesses últimos tempos, eu passei a me manter aquietado (se é que posso dizer assim), ora demorando-me na casa de minha mãe, ora acompanhando de perto o trabalho de Lucaz no escritório ou os dedicados estudos de Cláudio. É como se eu devesse poupar a energia que sou e como se isso me fosse possível. Lucaz afirmara o namoro iniciado com sua primeira paixão, a bela menina que se chama Cinira, dando-se muito bem com ela. Cláudio preparava-se para prestar vestibulares para ingresso numa faculdade de Direito e empenhava-se nos estudos. Era muito bom tê-los à vista.

III

Cerca de oito meses depois da prisão de Rute eu vi chegar o dia de seu julgamento. Novamente a imprensa alardeou o fato, rememorando detalhes do ocorrido e reavivando o caso da “mulher do shopping”. Muito embora não estivesse em meus planos originais, nem fosse exatamente o que eu gostaria de ter feito por último, enquanto ainda sobreexistia como energia no mundo dos vivos, eu me esforcei para comparecer ao Tribunal para assistir ao julgamento. Não imaginei que iria alcançar esse dia ainda como energia fluindo. Não era o que eu queria, mas esse veio a ser o derradeiro ato praticado pelos homens a ser assistido por mim. Eu quis rever Rute no banco dos réus e foi só por isso que fui ao Tribunal. Nesse dia, só minha mãe foi quem não compareceu. Ela não queria rever a Rute nem ouvir relatos sobre o assassinato de seu filho, mas lá estavam minhas irmãs Helena e Lúcia com seus respectivos maridos, meus filhos Cláudio e Lucaz, esse acompanhado de sua namorada Cinira, e até Joana, que se mostrou presente, porém sentando-se isolada no plenário, bem separada dos membros de minha família.

Eu não fui até lá para tripudiar sobre a desgraça que Rute sofria, em vida ou impor a ela qualquer tipo de vingança pelo que ela me fez (nem isso seria possível e, à essa altura, seria algo necessário). Eu fui porque queria revê-la, tão só para saber como ela estava se comportando depois de derrubada pela sua própria iniquidade. Caída de bruços afogando-se em suas mágoas. Se, quando em vida e por diversas vezes, eu

cheguei a ter vontade de matá-la, agora eu não mais desejava que ela morresse tão cedo. Eu morri antes e foi pelas suas mãos, mas agora eu não quero que lhe aconteça o mesmo que ela impôs a mim e muito menos que isso ocorra tão cedo como comigo ocorreu. O que eu espero é que ela tenha uma vida longa na prisão. Que seus dias sejam compridos e cheios de nada, num vazio insuportável. Que suas noites escuras sejam povoadas pelos horrores do inferno a bafejarem sua alma. Que ela continue a viver os milhares de dias e as milhares de noites que ainda lhe restam, para que, em cada novo minuto, ela volte a saber e a sentir que não há mais vida em suas inacabáveis noites e dias. Não desejo que ela venha a ser apenas com retribuição igual ou proporcional ao ato que ela cometeu comigo. Bem antes disso, sua punição deve diferir do ato criminoso que ela cometeu, não havendo que se falar na rigorosa reciprocidade da pena com o crime por ela cometido. O castigo que pune um culpado nunca deve ser uma vingança pessoal. Muito menos há de ser aplicada a Lei de Talião. Por isso é que eu considero que condenar à morte aquele que matou alguém é dar-lhe um prêmio, uma vez que isso significará permitir que depois de morto, assim como eu, o assassino possa fluir como uma nuvenzinha fugaz entre aqueles com os quais conviveu em vida. E enquanto isso, ele não sentirá dores nem terá lamentações a incomodá-lo. Eu não sinto dores, não tenho anseios, nem pretensões. Não sinto pena, nem tenho ódio. Não clamo por vingança. Imagino apenas que Rute irá pagar pelo que me infligiu e isso deve se dar devendo ela viver cada um de seus próximos dias com os olhos bem abertos para enxergar-se a si mesma no opaco dos muros que a vão cercar.

Olhando-a bem de perto, estando ela sentada no banco dos réus, eu a vejo murcha, sem viço nem vigor, sem ar, sem

força nem ânimo, sem sustentação e sem cor. Agora ela é amarga e cruel, mas o é só consigo mesma. Não mais comigo ou com quem que seja. Emagreceu até demais e com isso definiu a olhos vistos. Virou uma velha descabelada. Deixou de ser a Rute impositiva, arrogante que nunca admitia posturas que lhe fossem adversas. A vida impôs-lhe uma derrota fatal, e ela terá que conviver pelo resto de seus dias com essa derrota à sua vista.

Quando o Juiz lhe ordenou que ficasse em pé para ouvir a sentença ela cambaleou e quase foi ao desmaio não fosse o amparo que lhe deu Dimas, o advogado que a defendeu. Talvez, nesse momento, ela tenha sido atingida por seu próprio veneno. Um veneno que não mata, mas que corrói a alma e flagela o corpo como uma vergasta. Ela vai conviver com esse veneno por um longo tempo, eis que foi condenada a dezoito anos e oito meses de reclusão.

Quando o julgamento terminou eu deixei o Tribunal e, fora dele, percebi que a energia que eu era, que me nutriu e que permitiu que eu visse e ouvisse entes vivos, estava se acabando, dissipava-se rapidamente enquanto eu me afastava dali. Eu sabia que mais dia menos dia ela iria se extinguir de uma vez por todas. Do lado de fora eu me dei conta de que não mais conseguia ver ou estar com ninguém, nem mais com aqueles que em vida conviveram comigo. Rute foi a última pessoa a ser vista por mim. Num repente, evaporei-me porque estava encerrado o período de minha etérea sobrevivência nesse mundo. Esgotou-se o fôlego na morte que eu vivia, findou a energia de morto que me mantivera até aqui, e então deixou de existir aquele sopro energizado que até há pouco era eu. Nem posso dizer que eu estivesse deixando de ser, porque em verdade eu já não era desde o dia em que morri. Tudo nada mais foi do que uma mera ilusão

de ser, um estímulo volátil numa causa sem efeito ou num efeito sem causa, e que só agora me dou conta de que não sou mais. Nem energia, nem luz, nem sombra, nem nuvem, nem nada. Nem lembranças me restam. Não mais há memória. Nem ontens, nem amanhã. Nem o agora é mais. Mergulho no escuro túnel de um sem fim, porque deixei de ser aquela nuvenzinha fluida que podia transpassar matérias, ver as coisas e ouvir o som dos vivos. Simplesmente passei a inexistir por completo. Findei.

Desapareci de vez.

Definitivamente.

EDITORA PONTOCOM
www.editorapontocom.com.br

Não pretendo dizer quem fui nem que nome eu tive. De nada adiantará qualquer tentativa de apresentação, já que sou imaterial, não tenho mais o fôlego da vida, não existo mais. Morri há um mês, três dias e seis horas e desde então venho inexistindo, no vácuo que há entre aqueles com quem convivi de perto por pouco mais de 45 anos. Para ser bem exato, foram dezesseis mil quatrocentos e setenta dias e dezoito horas, em um corpo com vida e numa coexistência terrena em que, na primeira e maior parte, os dias mostravam-se pacíficos e depois foram se complicando por um longo período para, no final, verem-se transformados em dias turbulentos, raivosos e fatais.

Contudo, para mim o tempo não mais se conta, porque não sou um ser vivo, sou apenas um sopro energizado e ninguém é capaz de me ver ou de me sentir, embora eu consiga ver a todos com quem convivi quando eu era matéria e tinha um corpo. Posso assistir à continuidade da existência de cada um como se eu ainda estivesse entre eles e, na verdade, pelo menos para mim, eu continuo a estar no meio deles, apesar de não coexistir e eles não serem capazes de me ver ou de perceber minha presença.

A morte que eu vivi
BENEDITO CELSO